


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE MUSEOLOGIA

NARA BEATRIZ WITT



ENSINO OU MEMÓRIA:
(in) visibilidades dos museus escolares em
Porto Alegre/RS

PORTO ALEGRE
2013

NARA BEATRIZ WITT

ENSINO OU MEMÓRIA:

(in) visibilidades dos museus escolares em Porto Alegre/RS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Zita Rosane Possamai.

PORTO ALEGRE

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Carlos Alexandre Netto

Vice Reitor: Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Ana Maria Mielniczuk de Moura

Vice Diretor: André Iribure Rodrigues

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Maria do Rocio Fontoura Teixeira

Chefe-Substituto: Valdir Jose Morigi

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE MUSEOLOGIA

Coordenadora: Lizete Dias de Oliveira

Coordenadora-Substituta: Zita Rosane Possamai

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Rua Ramiro Barcelos, n.2705 – Bairro Santana

CEP 90035-007 – Porto Alegre – RS

Fone: (51) 3308-5067

Fax: (51) 3308-5435

E-mail: fabico@ufrgs.br

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

**BIBLIOTECA DA FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

W827e Witt, Nara Beatriz

Ensino ou memória: (in) visibilidades dos museus escolares em Porto Alegre / RS /
Nara Beatriz Witt. 2013.
f. : il. color.

Orientadora: Zita Rosane Possamai.

Trabalho de conclusão (graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Museologia. Porto Alegre, 2013.

1. Museu escolar. 2. Memória institucional. 3. Museologia. 4. Educação. I. Possamai,
Zita Rosane. II. Título.

CDU: 069.1

NARA BEATRIZ WITT

ENSINO OU MEMÓRIA:

(in) visibilidades dos museus escolares em Porto Alegre/RS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

Aprovado pela banca examinadora em 12 de dezembro de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Zita Rosane Possamai – UFRGS

Orientadora

Profª. Drª. Maria Helena Camara Bastos – PUCRS

Examinadora

Profª. Me. Ana Carolina Gelmini de Faria – UFRGS

Examinadora

Para meus pais, Atair e Evany, para
minhas irmãs, Deise e Denise, e para meu
companheiro, Cláudio.

AGRADECIMENTOS

À querida professora Dr^a. Zita Rosane Possamai, por suas excelentes aulas, pelo precioso aprendizado e pelas oportunidades ao longo do curso, como a iniciação científica; por sua disponibilidade, empenho e atenção na orientação desta pesquisa, bem como a sugestão do tema. Muito obrigada por tudo que me ensinou como professora e orientadora, por me acompanhar e me incentivar nesta caminhada.

À querida professora Ana Maria Dalla Zen, pela sabedoria e experiência, pelo aprendizado e pela oportunidade de participar de projetos de extensão. Muito obrigada pela contribuição e apoio para a realização dessa pesquisa.

À professora Maria Carolina Gelmini de Faria, inesquecível Carol, por toda sua generosidade e atenção, por ter acolhido o convite para participar como examinadora na banca de avaliação deste trabalho. Muito obrigada por ter sido minha professora, pelas aulas preparadas com toda a dedicação.

À professora Dr^a. Maria Helena Camara Bastos, por também ter aceitado o convite para participar como examinadora na banca de avaliação, contribuindo com seu conhecimento e compartilhando sua experiência.

A cada um dos professores do curso de Museologia, por todas as aulas e contribuição nesse processo de aprendizado e de formação.

Aos colegas da minha (terceira) turma do curso de Museologia, representados pelas queridas colegas Fernanda Porto, Carine Duarte e Helena Przyczynski, companheiras da solenidade e comemoração da formatura. Aos colegas de outras turmas, especialmente à Daniela Amaral, Elisa Dias e Ana Celina Silva.

À Rita Magueta e Felipe C. Paz, pela colaboração no processo da pesquisa.

E a todos que me receberam nas escolas, pela generosa contribuição acerca dos museus, memoriais e acervos, tornando possível a realização desse estudo.

Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança.

Pierre Nora

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre museus escolares no âmbito da cidade de Porto Alegre. Aborda, preliminarmente, duas acepções de museus nas escolas: o museu escolar criado como recurso pedagógico, no final do século XIX, e o museu escolar criado para um recente papel de abrigar a memória escolar. Considera como museu escolar um espaço da escola que guarda, conserva, pesquisa e expõe materiais diversos para utilização no ensino, bem como, artefatos, imagens e documentos vinculados à memória institucional. Possui como objetivo principal identificar, por meio de um levantamento, a existência de museus, memoriais e acervos da cultura material escolar na cidade. Investiga, através de visitas e entrevistas, elementos que os caracterizam. Reflete acerca das aplicações que tangenciam a função do museu escolar, conectadas ao ensino - de ciências e de história, e à memória da escola. Avalia de que maneira o museu e a escola vinculam o ensino e a memória em suas práticas. Permite ressaltar o papel do ensino presente nos museus escolares. Destaca a importância de compreender o diálogo entre Museologia e Educação na perspectiva do ensino e da história da educação e dos museus, através do patrimônio educativo. Aponta a relevância da pesquisa proposta, em relação ao mapeamento realizado, para novos estudos acerca do tema.

Palavras-chave: Museologia. Educação. Memória. Patrimônio. Ensino. Museu escolar.

ABSTRACT

This paper presents a study of school museums within the city of Porto Alegre. Preliminarily presents two definitions of museums in schools: school museum created as a teaching resource, in the late nineteenth century, and the school museum created for a recent paper of host the school memory. Considers school museum a place at school to guard, preserving, researching and exhibit various materials for use in teaching, as well as artifacts, pictures and documents related to institutional memory. Has as main objective to identify, through a survey, the existence of museums, memorials and collections of material culture school in the city. Investigates, through visits and interviews, characteristic elements. Reflects on the applications that are tangent the function of the school museum, connected to education – of the Science and of the History, and to memory of the school. Assesses how well the museum and school linking education and memory in their practices. Allows to emphasize the role of education in the school museums. Highlights the importance of understanding the dialogue between Museology and Education in the perspective of the teaching and of the history of education and museums, through the educational heritage. Points to the relevance of the proposed research in relation to the mapping done for further studies on the subject.

Keywords: Museology. Education. Memory. Heritage. Teaching. School museum.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Antigo quadro mural comercializado pela empresa <i>Maison Deyrolle</i>	26
Figura 2 – Sala de aula com quadros no Colégio dos Órfãos em Porto (Portugal), década de 1920	28
Figura 3 – Antigo prédio da Escola Complementar, atual Instituto Estadual de Educação Flores da Cunha.....	49
Figura 4 – Primeiro prédio do Colégio Bom Jesus Seigné	51
Figura 5 – Primeiro prédio do Colégio Estadual Júlio de Castilhos (Avenida João Pessoa).....	52
Figura 6 - Primeiro prédio do Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho.....	54
Figura 7 – Conjunto arquitetônico da primeira edificação da Escola Estadual de Ensino Fundamental Souza Lobo	55
Figura 8 - Sede anterior do Colégio Anchieta (ao lado esquerdo do prédio do Museu Julio de Castilhos).....	65
Figura 9 - Museu Anchieta de Ciências Naturais	67
Figura 10 - Irmão Augusto Düflot no Museu de Ciências do Colégio La Salle Dores, 1940.....	69
Figura 11 - Núcleo de Ciências do Museu Metodista de Educação Bispo Isac Aço – MMEBI.....	70
Figura 12 - Museu de Biociências Júlio de Castilhos.....	72
Figura 13 - Museu de Ciências do Colégio Marista Nossa Senhora do Rosário	73
Figura 14 – Acervo histórico, Instituto Estadual General Flores da Cunha	80
Figura 15 – Acervo histórico, Escola Estadual de Ensino Fundamental Souza Lobo	81
Figura 16 – Acervo histórico, Colégio Estadual Cândido José de Godoi	83
Figura 17 - Museu Professora Roma do Colégio Estadual Júlio de Castilhos	88
Figura 18 - Memorial Seigné	90
Figura 19 - Memorial do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha	93
Figura 20 - Museu Metodista de Educação Bispo Isac Aço – MMEBI	95
Figura 21 – Memorial São Francisco	97
Figura 22 - Memorial da Escola Técnica Estadual Irmão Pedro	99
Figura 23 - Memorial do Colégio Bom Conselho	101
Figura 24 – Memorial do Centenário do Colégio La Salle Santo Antonio.....	103

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Instituições escolares	42
Tabela 2 – Instituição escolar, data de criação e rede de ensino	44
Tabela 3 - Tipologias: museus escolares de Ciências e museus escolares de História	59
Tabela 4 – Situação dos museus escolares de ciências	63
Tabela 5 – Museus escolares históricos e memoriais	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Instituição escolar e data de criação	43
Quadro 2 – Tipologias dos museus escolares	61
Quadro 3 - Museus, memoriais e acervos históricos	77
Quadro 4 - Acervos históricos não musealizados	78

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Instituição escolar e período de criação	45
Gráfico 2 – Número de instituições criadas por período	46
Gráfico 3 – Instituições escolares da rede de ensino privada e pública.....	47
Gráfico 4 – Tipologias: museu escolar de Ciências e museu escolar de História	60

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 ENTRE MUSEUS E EDUCAÇÃO: OS MUSEUS ESCOLARES	17
2.1 Museus escolares e ensino: antecedentes como recurso pedagógico	18
2.1.1 <i>O surgimento dos museus escolares</i>	18
2.1.2 <i>Museu escolar e museu pedagógico</i>	23
2.1.3 <i>Museu escolar, museu de ciências</i>	30
2.2 Museus escolares e a memória: a salvaguarda do patrimônio educativo ...	36
3 O MAPEAMENTO: CONHECENDO MUSEUS ESCOLARES EM PORTO ALEGRE	41
3.1 Escolas mantenedoras de museus escolares	42
3.2 Museus escolares em Porto Alegre	57
3.2.1 <i>Museus escolares de Ciências</i>	62
3.2.2 <i>Museus escolares de História</i>	76
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	109
APÊNDICE A - Ficha para informações sobre a escola.....	117
APÊNDICE B - Questionário sobre os museus, memoriais e acervos	118

1 INTRODUÇÃO

Antes de fazer o curso de Museologia já me interessava pela temática do patrimônio, pois cursava Arquitetura. No curso de Museologia, logo percebi a necessidade e a vontade de compreender melhor tal temática. Nesta busca tive a oportunidade de participar de dois projetos como bolsista, “Leituras da Cidade” e “Patrimônio, Memória e Educação”, coordenados pela professora Zita Rosane Possamai, os quais propiciariam uma ampliação da noção de patrimônio, um novo modo de olhá-lo e percebê-lo, bem como o início de uma aproximação com a Educação.

Outras atividades realizadas em que participei durante o curso me chamaram a atenção para o caráter educativo do museu e do patrimônio. Na exposição curricular da minha turma “Brinquedo é coisa séria” fiz parte do grupo que elaborou as atividades educativas. No Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro trabalhei em equipe nas ações de educação para o patrimônio com alunos de escolas do bairro. E por último, passei a integrar um grupo de pesquisa acerca dos museus escolares no Rio Grande do Sul, o que culminou na escolha do tema deste trabalho, como uma possibilidade de também contribuir para a visibilidade do patrimônio educativo.

A primeira questão para a pesquisa foi buscar informações acerca do museu escolar, pois, apesar do tema ser vinculado à Museologia, trata-se de um objeto de estudo pouco conhecido, o que despertou meu interesse para esses museus existentes em minha cidade, Porto Alegre, localizada no estado do Rio Grande do Sul. Também me chamou a atenção o fato de algumas pessoas não saberem de sua existência. Tal invisibilidade motivou este estudo e instigou minha busca.

Desse modo, minha imersão no tema iniciou a partir dos seus primeiros indícios no século XIX, quando os museus escolares surgem no contexto de uma crítica ao modelo tradicional de ensino e na emergência de valorização do Método Intuitivo ou Lições de Coisas, calcados na observação dos objetos e imagens em oposição à memorização. Eram denominados museus escolares o conjunto de quadros ilustrativos, os quais eram fabricados e comercializados para essa finalidade. Desse modo, museus escolares denominava múltiplas formas adotadas no contexto escolar. Havia uma preocupação em criar museus escolares como recurso pedagógico com o uso de objetos diversos para auxiliar no ensino, produzidos com este fim. No contexto de criação dos museus escolares também é

importante destacar a criação dos primeiros museus no âmbito das ciências naturais no Brasil. Sob a influência dos grandes museus de história natural são constituídos museus de ciências nas escolas, voltados para o ensino através de coleta e da pesquisa de materiais da natureza.

Na trajetória dos museus nas escolas, recentemente surge uma nova concepção de “museu escolar” com atenção ao patrimônio educativo, dialogando com uma preocupação com a memória da escola, considerando a historicidade desses espaços e do passado da comunidade escolar, do ensino e da educação. Nessa acepção, os museus em escolas passam a fazer a intersecção de bens musealizados com o grupo que os identifica por meio da cultura material escolar.

Desse modo, nessa pesquisa, entende-se por “museu escolar” o espaço da escola que guarda, conserva, pesquisa e expõe materiais diversos para utilização no ensino, bem como artefatos, imagens e documentos relativos à memória institucional, também utilizados para o ensino. Como resultado, os museus escolares estão presentes na escola com a possibilidade de auxiliar no ensino de Ciências com o museu escolar de ciências e no ensino de História com o museu escolar histórico, embora ainda possam adquirir características e denominações como memoriais e acervos.

Assim, esta pesquisa abordou a cultura material escolar reunida em museus, memoriais e acervos existentes nas escolas da cidade de Porto Alegre. O estudo é relevante para compreendermos o significado desse patrimônio para a comunidade escolar e o diálogo entre Educação e Museologia, na perspectiva do ensino e da memória, da história da educação e da história dos museus. A pesquisa também se diferencia, uma vez que são poucos os estudos sob o olhar da Museologia sobre o tema, podendo se tratar de uma pesquisa original, uma vez que não foi localizado nenhum estudo no âmbito da cidade de Porto Alegre. Pode-se considerar como contribuição do trabalho, o levantamento realizado desses espaços como forma de reuni-los e dar a vê-los.

Com base na pesquisa bibliográfica sobre o tema, percebeu-se uma diversidade nos museus escolares em relação a sua utilização e funcionamento. Observar essas diferenças apontou para um caminho: verificar nos museus escolares existentes como se caracterizam, atualmente, dos mais antigos aos mais recentes. A pesquisa então tomou como rumo verificar como se configuram os museus escolares no que se referem ao ensino e à memória e como esses aspectos

são vinculados às práticas das escolas e dos museus.

É importante destacar que outra denominação, no que tange à memória, pode ser encontrada, além de museu, para designar esses espaços: memorial. Como consequência, os memoriais também integraram o estudo. As escolas que detêm guarda de acervo, mas não se caracterizam como museu ou suas coleções como visitáveis, também se inseriram no universo de pesquisa, visto que, também são importantes para compor o levantamento e a investigação acerca do tema, indicando a preocupação com a memória da escola e, ainda, configurando-se como fontes para próximos estudos na perspectiva da Museologia e da História da Educação.

Cabe ressaltar, que o trabalho foi constituído de um mapeamento inicial de museus escolares em Porto Alegre, contemplando o objetivo maior da pesquisa, o qual foi identificar o maior número de museus escolares e acervos em guarda nas escolas. Assim, as visitas que foram realizadas às escolas para reconhecê-los e conhecê-los geraram uma breve caracterização dos mesmos com a utilização de uma ficha para obtenção de informações sobre a escola e um questionário para obtenção de informações sobre os espaços e acervos, compondo um estudo inicial dos museus escolares no âmbito desta cidade.

A busca foi realizada através das escolas, com envio de *e-mail* e contato telefônico, efetuados com escolas da rede particular e pública na esfera de Porto Alegre. A listagem das instituições de ensino particular, bem como dados de *e-mail* e telefone, foi obtida através do sistema de busca de escolas disponível no site da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul¹, o qual apresentou 657 escolas da rede de ensino particular. Contudo, foram enviados 408 *e-mails* para as escolas, excetuando-se as creches e as escolas que não possuíam nesse cadastro os dados de *e-mail*. O número de escolas que retornaram via *e-mail* foi de 35, o que demandou também contatos telefônicos para realizar o levantamento.

Quanto às escolas da rede pública, algumas também foram contatadas, pois, tinha-se conhecimento preliminar da presença de museus, memoriais e acervos ainda não musealizados. Da mesma forma, optou-se por realizar este estudo com foco nas escolas da rede particular, uma vez que indicavam serem detentoras desses espaços. A pesquisa também contemplou os seguintes critérios: a busca de

¹ Disponível em: <http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/busca_escolas.jsp>.

museus e memoriais, ainda existentes; a visita às escolas para conhecê-los; a realização de uma entrevista, por meio de um questionário do tipo estruturado, com o responsável pelo espaço ou acervo, respondido durante a visita ou posteriormente.

Como resultado dos contatos realizados por *e-mail* e telefone, 17 instituições escolares foram visitadas. Entretanto, 2 dessas escolas não permaneceram na pesquisa, restando 15. A primeira não foi incorporada, uma vez que o espaço de memória existente não correspondia à escola, pertencia a sua instituição mantenedora. A segunda escola não se enquadrava em nenhuma das categorias previstas. Cabe ressaltar que, além dos dois casos referidos, ocorreu uma terceira situação que não contemplou todos os critérios estabelecidos, uma vez que a mesma escola possuía um museu e um acervo histórico, sendo que o responsável por um desses não pode responder ao questionário, não integrando esse acervo ao estudo, entretanto, a escola permaneceu na pesquisa, pois o questionário relativo ao museu foi respondido. Entre as escolas que retornaram ao e-mail, mas que não foram pré-selecionadas para a visita, algumas indicaram guardar materiais históricos na escola, porém a informação não chegou a ser muito precisa para confirmá-las no universo de pesquisa, o que demandaria mais tempo para a investigação com novos contatos e visita ao local.

A entrevista realizada com a utilização de um questionário, do tipo estruturado, direcionado ao responsável pelo museu, memorial ou acervo, e ainda uma ficha para obter informações da escola, permitiram a coleta dos dados. Desse modo, a pesquisa buscou uma breve caracterização desses espaços para refletir como vinculam o ensino e a memória em suas práticas.

O trabalho se apropria dos apêndices para exibir a ficha utilizada para a obtenção de informações acerca da escola e o questionário elaborado para obtenção de informações acerca dos museus, memoriais e acervos escolares não musealizados.

Para compreender as questões propostas para o estudo, além da introdução e das considerações finais, o trabalho possui mais dois capítulos. Após a introdução, o primeiro capítulo apresenta duas abordagens. Na primeira abordagem, destaca a relação dos museus escolares com o ensino, partindo do contexto em que foram criados no final do século XIX, vinculados à renovação no método de ensino. Aborda, a partir desse período, o museu escolar utilizado com os alunos para as aulas e o museu pedagógico utilizado para a formação de professores. Ainda,

aponta as possibilidades de constituição dos museus escolares quanto ao acervo, à guarda e à exposição de objetos. Por fim, essa abordagem trata também dos museus nas escolas que foram criados como museu de ciências, uma vez que permanecem existindo entre os museus escolares que tiveram sua origem relacionada ao ensino, constituindo-se como um recurso pedagógico. Na segunda abordagem desse capítulo, ressalta-se a mudança de foco na constituição de novos museus escolares, os quais passam a serem criados voltados para abrigar a memória institucional da escola, valorizando o patrimônio educativo e o passado com a preocupação em salvaguardar a cultura material escolar.

O próximo capítulo exibe os resultados do mapeamento realizado e as informações coletadas, de forma quantitativa e qualitativa, acrescentando informações obtidas por meio de outras fontes. Para apresentação e avaliação dos resultados, o capítulo é dividido em dois segmentos: primeiro, as escolas de Porto Alegre, identificadas no levantamento, e após, os museus, memoriais e acervos existentes nessas instituições. O primeiro segmento desse capítulo contempla um breve histórico das escolas mantenedoras, como forma de contextualizar e compreender a presença dos acervos salvaguardados pelos museus e memoriais escolares e também a guarda de materiais relativos à cultura material nessas escolas, até o momento não musealizados. O segundo segmento do capítulo apresenta os museus escolares levantados na pesquisa, dividindo-os em museus escolares de Ciências e museus escolares de História, incluindo neste último os memoriais e acervos que ainda não foram musealizados.

Essa divisão dos museus escolares, em Ciências e História, ocorre como resultado da identificação dessas duas tipologias existentes nos museus das escolas de Porto Alegre, a qual permitiu também caracterizá-los em relação a especificidades quanto ao tipo de acervo, exposição e atividades. Contudo, sem deixar de observar que ambos estão voltados para o ensino, papel presente tanto no museu escolar de ciências, voltado para ciências, quanto no museu escolar histórico, voltado para a memória da escola.

As considerações finais da pesquisa propiciam uma reflexão sobre o processo de trabalho, indicando potencialidades do objeto de estudo para a continuidade de pesquisa e apontando questões para novas investigações.

2 ENTRE MUSEUS E EDUCAÇÃO: OS MUSEUS ESCOLARES

O museu escolar entendido nesse estudo cumpre suas funções primordiais, enquanto museu, o qual guarda, conserva, pesquisa e expõe artefatos, documentos e imagens relativos à memória institucional e ao ensino, caracterizados como museus e memoriais, vinculando o ensino e a memória em suas práticas. Na busca de compreender o museu escolar, enquanto categoria museal e educacional, relativa a seus usos e funções, este estudo parte da articulação de diferentes autores, compondo um referencial teórico e um quadro histórico com a origem e a constituição dos museus escolares, tendo como finalidade conhecer o tema pesquisado no âmbito da Museologia e da História da Educação, importantes para apreensão do objeto de estudo.

Conhecer e pensar a relação entre museu, inovação pedagógica e cultura material escolar, torna possível entender os espaços museológicos presentes nas escolas, identificados nesse levantamento. É importante destacar que a divisão entre ensino e memória é realizada nesse trabalho com a finalidade de organizar a pesquisa bibliográfica sobre o tema e estruturar a apresentação do estudo, pois, entende-se que a nova aplicação do museu escolar, a memória, pode ser articulada com a primeira que lhe deu origem, o ensino, contemplando os dois aspectos no museu escolar por meio do patrimônio educativo.

Este segundo capítulo contempla a trajetória dos museus escolares, partindo de motivações relacionadas ao ensino que implicaram em seu surgimento, até as motivações que constituíram outro contexto mais recentemente, que propiciou a criação de novos museus ou memoriais escolares, com a preocupação das escolas com a memória. O capítulo, então, realiza duas abordagens. A primeira versa sobre os museus escolares originados em função do ensino, apresentando também a inserção do museu escolar na escola como uma classificação de museus relacionados à educação, incluindo a criação de museus escolares para o ensino de ciências. A segunda aborda a criação de novos museus e memoriais escolares, agora constituídos, relacionados à memória da escola com a preocupação em guardar e musealizar a cultura material escolar, valorizando seu patrimônio, importante para o a história da escola, do ensino, da educação, bem como recurso para o ensino de História, aspecto que será abordado no próximo capítulo.

2.1 Museus escolares e ensino: antecedentes como recurso pedagógico

Os museus escolares parecem ser testemunhos de contextos que se cruzam, com transformações na Educação e na Museologia. Um desses momentos é o contexto de origem dos primeiros museus brasileiros no âmbito dos museus de ciências naturais (LOPES, 1997; SCHWARCZ, 2012) e a emergência de novos métodos de ensino escolar – o método intuitivo e Lições de Coisas (VIDAL, 1999, 2012; POSSAMAI, 2012a); a realização de grandes exposições mundiais (KUHLMANN JR., 1996; VIDAL, 2012) e a criação e crescimento de um mercado de produtos escolares (GARCIA, 2007; FELGUEIRAS, 2011; VIDAL; 2012).

Este segmento do texto aborda essas motivações na criação dos museus escolares, versando acerca de como eram constituídos e caracterizados, apresentando e abordando ainda outra classificação de museu no âmbito da educação criado no mesmo contexto, o museu pedagógico. Por último, aborda a aproximação do museu escolar com os grandes museus de ciências e a relação do ensino de ciências com o novo método de ensino, originando “museus escolares de ciências”.

2.1.1 O surgimento dos museus escolares

A origem de um museu que passa a fazer parte da escola, o museu escolar, está associada a um movimento de criação de museus e à renovação no ensino, inserida em um panorama mundial e local de transformações, relacionando a trajetória do museu com a da educação. Para perceber melhor esse contexto, pode-se destacar nos estudos da História da Educação, Diana Gonçalves Vidal, a qual trata e problematiza a origem dos museus escolares no Brasil. A autora aborda o cenário de criação dos museus brasileiros com a criação do Museu Nacional (1808), do Museu Paraense Emílio Goeldi (1866) e do Museu Paulista (1894), amplamente investigado por Maria Margareth Lopes (1997) e Lilia Schwarcz (2012), num período que insere o indivíduo como objeto natural a ser compreendido pelo conhecimento da natureza, marcado pela influência das ciências naturais e dos diretores-cientistas desses museus.

Ao problematizar o momento considerado pela pesquisadora Lilia Schwarcz como a “era brasileira dos museus”, Vidal questiona:

[...] se o fim do século XIX pode ser visto como a “era dos museus brasileiros”, certamente esta afirmação não se restringe à atuação das grandes instituições museológicas [...] desconheceu o formato mais simples de museus constituídos no Brasil: os museus escolares. (VIDAL, 1999, p.109).

A autora insere o museu escolar nesse contexto, destacando que a produção do conhecimento escolar vinha em sintonia com novos padrões científicos, em que “Os métodos intuitivos e os estudos na natureza deslocavam para o “observar” a antiga arte do ouvir e repetir [...]” (VIDAL, 1999, p. 111) e também para a criação de museus escolares que vinham de propostas de reforma no ensino, conforme indicava Rui Barbosa, em 1882, para a constituição de coleções escolares, de museus escolares e do Museu Pedagógico Nacional.

Enriquecendo esse quadro histórico, Marília Petry (2013) apresenta um aspecto importante para essa contextualização inicial dos museus escolares: a internacionalização das ideias pedagógicas na constituição e na caracterização dos museus escolares no Brasil e em Santa Catarina, o qual:

[...] teve inspiração em propostas desenvolvidas em países como Estados Unidos da América, Espanha, França e Portugal. Assim sendo, a análise desse ‘movimento’ pode evidenciar associações a modelos pedagógicos e métodos de ensino dados a conhecer pela viagem de um conjunto de objetos que, ordenados, comporiam um museu escolar (PETRY, 2013, p. 30).

O museu também seria mais um dos símbolos que endossariam o imaginário desta escola como uma “vitrine da República”, considerando que “a predileção por processos de ensino intuitivo não poderia ser mais bem representada do que pelos museus escolares.” (PETRY, 2013, p. 57).

No Rio Grande do Sul, podemos ressaltar os estudos de Zita Possamai (2012a) no cruzamento da História da Educação com a Museologia, cujas pesquisas aproximam o museu escolar ao novo método de ensino que está sendo implantando no Brasil no período. Segundo a autora, a necessidade de modernização da sociedade e da modernização pedagógica valorizou o método intuitivo ou Lições de Coisas, calcado na observação e na experiência e adotado pelo Governo do Estado,

implantando-o no sistema de ensino. O Museu do Estado do Rio Grande do Sul colaborava com a renovação do ensino, formando coleções de ciências naturais para utilização nas escolas no exercício do método intuitivo, fornecendo materiais necessários ao ensino Lições de Coisas, apontando uma relação paralela com os museus de história natural.

A autora aborda Lição de Coisas como uma disciplina do currículo e como perspectiva de ensino que perpassa as diferentes áreas do conhecimento, consideradas na sua implantação no ensino no estado do Rio Grande do Sul (POSSAMAI, 2012a). Também ressalta que o método foi introduzido ainda no Período Imperial, em 1879.

Destaca-se a indicação de Possamai sobre a necessidade de se verificar as práticas vinculadas ao método, por meio do corpus empírico diretamente produzido ou que circulou nas escolas, seja escritos, imagens, artefatos, coleções. Ainda é possível ressaltar, nesse âmbito, os estudos como o de Petry (2011, 2013) e Poggiani (2011a, 2011b), os quais vêm contribuindo para aproximar as práticas referidas no âmbito escolar com enfoque na criação e na utilização de museus escolares, âmbito em que também se insere essa investigação.

Quanto à escola, entre as inovações pedagógicas, Vidal (2012) destaca que o país se inseria nas mudanças do ensino elementar brasileiro, como a que promovia a Reforma da instrução pública de 1879, a qual indicou pela primeira vez o método de Lições de Coisas para uso nas escolas oficiais, compreendendo uma educação laica e científica, contexto em que os museus escolares seriam utilizados para a nova concepção de ensino.

Quanto à inovação relacionada ao museu, os museus escolares passam a ser criados concomitantemente aos primeiros museus brasileiros na esfera dos museus de ciências naturais e a integrar uma categoria pedagógica para o ensino, em um momento em que:

O dinamismo que impulsionava a criação de museus não se restringe ao campo pedagógico. Ao contrário, o século XIX ficou conhecido como a era dos museus. Os antigos gabinetes de curiosidades, construídos para expor objetos haviam cedido lugar aos museus etnográficos [...]. A instituição cristalizava os novos procedimentos do real. Por um lado reunia objetos e documentos, colecionando fragmentos de realidade, que asseguravam ao passado uma memória. Por outro lado, fornecia matéria prima e produzia registros para investigações acerca do humano e do natural. Evidenciava a nova inteligibilidade que desenhava os contornos do científico. Nela, decifrar a natureza levaria a decifrar o humano na construção de um saber positivo

sobre o mundo. Nessa perspectiva, casavam-se os investimentos dos campos pedagógico e etnográfico. (VIDAL, 2012, p. 203).

Pode-se perceber essa renovação ainda no contexto político, econômico e social nas análises de Kuhlmann (1996) e Vidal (2012), os quais indicam aspectos que incidem na criação dos museus escolares. Os três contextos podem ser observados por meio das exposições universais. Kuhlmann (1996) as define como vitrinas de exibição das maravilhas da indústria, mas também as associa a um palco de controle social para exibir um funcionamento idealizado das relações sociais. O contexto econômico se atrela à educação nessas exposições nos produtos apresentados para o ensino.

Em nível internacional, a primeira exposição de produtos da indústria foi organizada na França, em 1798. Em Londres, a primeira exposição de caráter internacional ocorre em 1851, inclusive com a construção do Palácio de Cristal para tal fim. Na Inglaterra, em 1884, foi realizada uma “Exposição Internacional de Higiene e Educação”, com uma das seções para a escola e outra para educação (KUHLMANN, 1996).

Vidal (2012) ressalta que as feiras no século XIX celebravam o gênio humano e o poderio político, industrial e econômico. Desse modo, os países queriam participar e organizar exposições. Em 1883 ocorre a primeira Exposição Pedagógica no Rio de Janeiro, acolhendo como expositores os colégios brasileiros, fabricantes e distribuidores nacionais ou estrangeiros de móveis e materiais didáticos. No país foram organizadas exposições também comemorativas e preparatórias - em 1900, 1910 e 1922, sendo esta última internacional, conforme destaca Kuhlmann (1996). Desse modo, a apresentação nessas grandes feiras do que vinha sendo produzido:

[...] situa a invenção da modernidade educativa como parte de um movimento mundial de racionalização dos processos produtivos que tornava a escola um mercado aberto à produção industrial, enlaçando governos e empresa em ações comuns sobre o educativo. (VIDAL, 2012, p. 200).

Conforme Felgueiras (2011), o primeiro museu escolar teria surgido em Florença, conforme indicação no livro de Buisson, *Nouveau Dictionnaire de*

*Pedagogie d'Instruction Primaire*² (1911, 2ª edição). A origem do museu escolar, vinculada às exposições universais e à indústria, também é apontada pela autora:

Tendo surgido como estrutura física e como programa e função relativamente clarificadas em meados do século XIX na Inglaterra, graças à Exposição Universal de Londres de 1851, e propagando rapidamente por vários países europeus, acompanham a nascente indústria da educação e foram, simultaneamente, os locais de afirmação das ciências da educação: psicologia e pedagogia experimentais, higiene escolar, didática, estatística, e educação comparada etc. Nesse contexto o museu foi sendo definido como uma categoria educacional pelos educadores. (FELGUEIRAS, 2011, p. 81).

Seu desenvolvimento parece ter se dado entre a Exposição Universal de Viena (1873) e a Exposição Universal de Paris (1878), onde aparecem “museus” constituídos pelos professores e alunos ao lado de outros produzidos pela indústria (Felgueiras, 2011).

Cabe salientar, o que será explicado mais adiante no texto, que os museus escolares podiam ser apresentados de diversas formas, não tendo necessariamente uma sala destinada aos objetos. O acervo poderia ser guardado ou exposto de maneiras diferentes. Quanto aos objetos que eram produzidos na indústria para o ensino, a autora salienta que a larga expansão do museu escolar se dá com a passagem da produção artesanal para a reprodução industrial, na qual as exposições mundiais se configuram como um motor na difusão e produção de um mercado internacional.

Quanto à diversidade desses objetos, eram comercializados recursos visuais para as aulas, incluindo ilustrações de livros, imagens em formato grande e de cor, como mapas. Esses materiais eram construídos especialmente para exibição na sala de aula, o que foi possível graças a inovações tecnológicas na impressão a cores. Assim, o século XIX foi se consolidando com uma crescente “indústria escolar” de produção e circulação em escala internacional e nacional (GARCIA, 2007).

No cenário político, pode-se destacar a disputa apontada por Vidal (2012) por uma atribuição de sentido à memória/história da educação do Império e no interesse em fomentar a presença do Brasil nas exposições universais. Tal disputa entre

² Nesse dicionário se encontra uma organização para a constituição de um museu escolar: produtos alimentares, indústrias diversas, materiais de construção, aquecimento e iluminação, geologia, e mineralogia, botânica, zoologia, agricultura, química e física; com diversas divisões e subdivisões (BASTOS, 2002).

Império e República, segundo avalia a autora, não concretizaria o Congresso Pedagógico de 1883 que seria realizado no Brasil, embora tenha se mantido a realização da Exposição Pedagógica, inaugurada no dia do aniversário da princesa Isabel e em salas da Tipografia Nacional, espaço cedido por D. Pedro II.

Na Argentina as iniciativas de museus escolares, inicialmente promoviam o estudo da natureza local e dos recursos produtivos do país, transmitindo ao mesmo tempo uma imagem de nação a partir dos conteúdos ensinados através dos objetos (GARCIA, 2007).

Assim, a investigação sobre museus escolares indica transformações importantes na sociedade, em caráter nacional e mundial, as quais influenciaram na renovação do ensino e na constituição de museus voltados para a escola, vinculando-as com mudanças e interesses mais amplos. Ainda demonstra como o museu se insere na transformação da escola, chegando como uma aplicação pedagógica.

O ensino que se volta para “o observar”, gerando uma grande produção de objetos na indústria para os museus escolares, passa também a constituir uma materialidade da cultura escolar a partir do século XIX. Essa materialidade propicia conhecer um pouco acerca de como eram esses museus e de sua diversidade, materiais, o que estimula a curiosidade sobre sua constituição e utilização. Desse modo, para melhor compreender como se configuravam, a seguir o texto apresenta características e peculiaridades dos museus, imbuídos em cumprir seu papel para o novo método de ensino. Na última abordagem do capítulo apresenta a relação dos museus de ciências com os museus escolares.

2.1.2 Museu escolar e museu pedagógico

Vinculados ao ensino, os museus podiam ser classificados em museu escolar e museu pedagógico. O museu escolar, constituído na escola, era utilizado pelo professor com os alunos durante as aulas. O museu pedagógico, localizado fora da escola, era utilizado para a preparação do professor. Sobre os museus na escola:

Nesta acepção, o termo “museu” significa, sobretudo, um conceito de recolha, organização e exposição dos objetos, segundo um programa educativo (o conteúdo das lições de coisas), que fazia parte do currículo do

ensino primário. A sua conservação, ainda que recomendada com o recurso a vitrinas para guardar frascos, modelos etc., é relativamente acessória, pois esses materiais estão sujeitos ao desgaste normal do ensino e manuseamento por crianças. A sua finalidade é ser observado pelos alunos, ser exposto, ser acessível. Para isso, ou deve ter produtos reais ou recorrer a gravuras rigorosas, fidedignas do real, pois participa de um processo de educação do olhar, de observação rigorosa e, simultaneamente, de organização do pensamento em categorias. E, neste sentido, parece captar dois elementos essenciais do museu – a exposição e o rigor da informação disponibilizada. (FELGUEIRAS, 2012, p. 83).

A multiplicidade, quanto à configuração dos museus escolares, pode ser observada na colocação de Vidal, em que uma “[...] ampla gama de objetos possíveis de figurar nos museus escolares apontava para a sua relação com as diversas disciplinas, aproximando-o da própria perspectiva do ensino intuitivo de visibilidade às lições de coisas.” (VIDAL, 1999, p.114). A autora indica a oportunidade de uso dos museus, não apenas para as lições de coisas, mas para qualquer lição da escola e a necessidade de organização dos museus segundo os reinos da natureza.

Petry (2013) distingue o museu escolar do museu pedagógico, caracterizando o primeiro, alojado dentro das instituições educativas, para servir ao professor e aos alunos e para a realização de estudos pautados no concreto, agregando um conjunto de objetos para tornar a aprendizagem intuitiva. Destaca que, um museu escolar podia ser constituído por um ou mais quadros com exposição na parede da sala de aula ou por um armário para guardar e expor o acervo, até um gabinete. Essa diversidade também estava ligada à produção da indústria de materiais voltados ao uso no ensino. Os museus pedagógicos, por sua vez, se caracterizavam como um centro de formação para professores, onde seriam desenvolvidos, testados, apresentados e difundidos novos métodos, mobiliários e instrumentos didáticos. Em cada localidade adquiriram formato próprio e dedicaram-se a um segmento escolar, “[...] alguns se centraram em uma cidade específica; outros tiveram caráter mais nacional, atuando enfim com finalidades distintas.” (PETRY, 2013, p. 45).

Maria Helena Câmara Bastos (2002) investigou o surgimento no Brasil do museu pedagógico denominado *Pedagogium* (1890-1919), destacando que o museu inseriu o Brasil no movimento dos museus de educação que vinham sendo criados em vários países da Europa e das Américas, a partir do grande sucesso das exposições universais (KUHLMANN, 1996). Fundado por Benjamin Constant, foi

nomeado seu diretor o Dr. Menezes Vieira, considerado pela autora, como seu criador e estimulador. O Decreto nº 980, do ano de 1890, regulamentava o *Pedagogium* e o definia como:

[...] um centro impulsor das reformas e melhoramentos de que carece a instrução nacional, oferecendo aos professores públicos e particulares os meios de instrução profissional de que possam carecer a exposição dos melhores métodos e do material de ensino mais aperfeiçoado. (BASTOS, 2002, p.277-278).

Conforme Bastos (2002), o *Pedagogium* conteve exposição permanente laboratórios de ciências, uma escola primária modelo, oficinas de trabalhos manuais, além de oferecer conferências e cursos científicos e publicar uma revista pedagógica. Caracterizava-se muito mais como um centro de formação de professores, do que um museu no sentido estrito. Um dos objetivos do *Pedagogium* foi o fomento da criação de museus similares nos demais estados do território nacional, bem como a organização de museus nas escolas. Desse modo, os inspetores escolares deveriam estar atentos às bases de organização dos museus escolares, deveriam compreender materiais diversos destinados ao ensino de Lição de Coisas, sobretudo aspectos vinculados às ciências naturais e físicas. Esse material “Deveria ser uma simples coleção de objetos naturais e industriais destinados a dar à criança ideias exatas e claras de tudo que a cerca. O professor deveria organizá-lo com os seus alunos [...]” (BASTOS, 2002, p. 295).

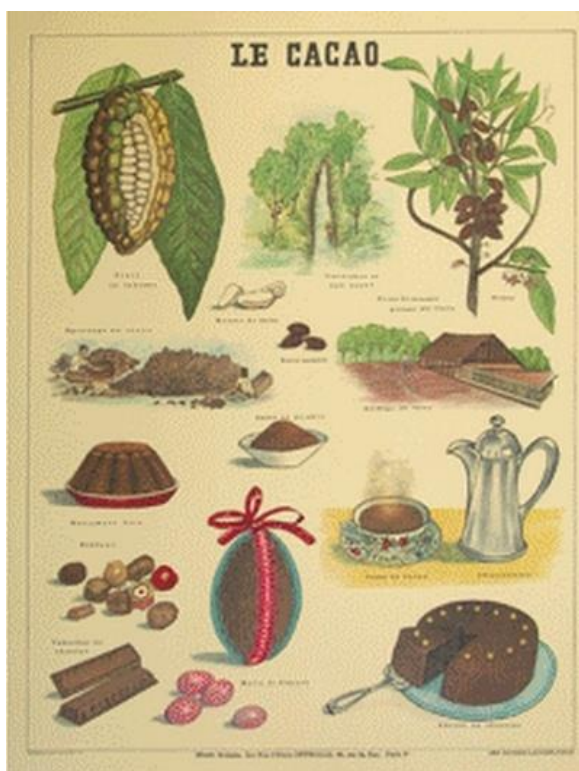
No Rio Grande do Sul, Petry (2013) informa que foram publicados na Revista do Ensino, em 1963, estatutos para museus escolares no estado, os quais tinham funções muito próximas de um museu pedagógico. Possamai (2012a) destaca que, mesmo tendo vida efêmera no Brasil, o *Pedagogium* se constituiu em um exemplo da preocupação dos gestores da educação brasileira com a criação de museus coadjuvantes do ensino. No Rio Grande do Sul, segundo a autora, é possível verificar a presença dos museus escolares no plano de necessidades dos projetos arquitetônicos das escolas em construção pela Instrução pública. Contudo, ressalta que a história dos museus escolares no estado ainda é investigação por se realizar.

Através dos estudos sobre o museu escolar, é possível perceber especificidades na sua trajetória. Nessa perspectiva, a cultura material pode apontar para informações, mas também questões a serem investigadas, como as apontadas por Petry e Silva (2013), as quais perguntam se o museu escolar era um lugar, um

objeto ou uma coleção e se era diversificado em cada escola, de acordo com a localidade.

Estudando o Museu da Escola Catarinense, Petry (2013) identificou essa imprecisão conceitual do termo museu escolar, questionando como poderia designar coisas tão diferentes. Uma das diferenças que apontou estava na forma de aquisição do acervo e nos objetos, podendo ser adquiridos em forma de artigos como os comercializados pela *Maison Deyrolle*³ (Figura 1) ou pelos professores e alunos em excursões e visitas a fábricas e, ainda, por doações.

Figura 1 – Antigo quadro mural comercializado pela empresa *Maison Deyrolle*



Fonte: <<http://www.deyrolle.com>>

Percebe-se que para a autora, o museu escolar era um termo associado a algumas formas de constituir um museu escolar, pois nem sempre possuíam um

³ Empresa francesa que comercializa, desde meados do século XIX, quadros murais utilizados no ensino. Fonte: <<http://www.deyrolle.com>>.

espaço próprio destinado na escola. O museu escolar poderia se referir a uma coleção de quadros que ficava exposta na sala de aula, apresentando conhecimentos diversos, explicando processos de fabricação e classificações da natureza, como nos quadros que eram comercializados pela empresa *Maison Deyrolle* ou confeccionados na escola. Outra forma denominada de museu escolar seria o próprio móvel utilizado para guardar as coleções de objetos para as Lições de Coisas.

Assim, para Petry (2013), o museu poderia estar na sala de aula composto de armário, estante, estar associado a uma coleção de quadros ou ocupar um espaço físico próprio, um pequeno gabinete para coleções. Do levantamento que realizou, relativo aos anos de 1941 e 1942, das onze escolas em Santa Catarina que apresentaram inventário de museus escolares, foi possível identificar que apenas cinco ocupavam uma sala própria para o museu.

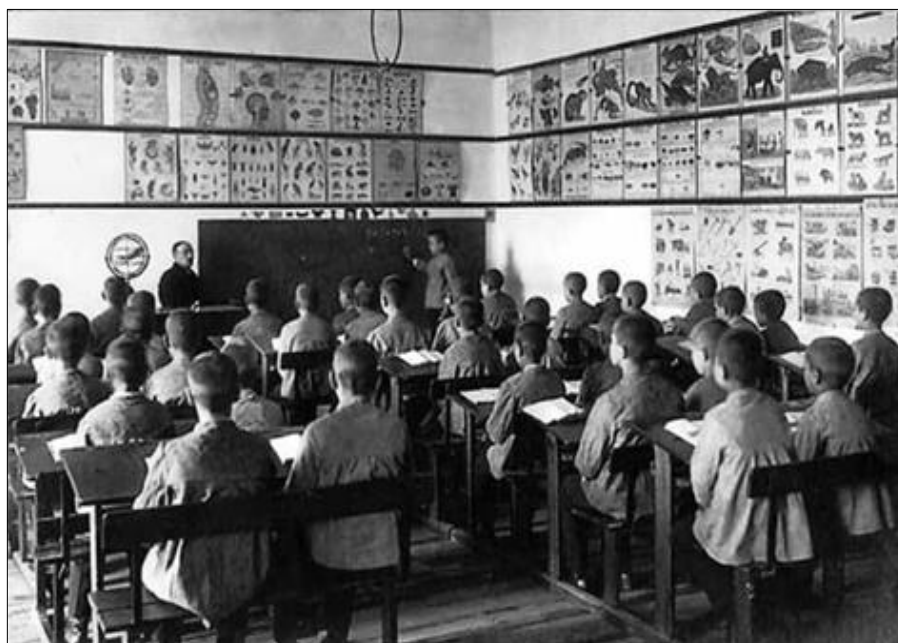
Poggiani (2011a) trata dessas questões os diferenciando de acordo com o contexto da escola. Cada museu escolar poderia ser diferente quanto à forma de aquisição do acervo, ao local para guarda dos objetos e ao próprio espaço destinado ao museu ou considerado como museu. Através da materialidade é possível fazer esse reconhecimento. A autora apresenta, ainda, uma concepção diferente que reunia na mesma experiência características de museu escolar e de museu pedagógico, a qual pode ser vista no museu denominado Museu Didático (1936), criado pela professora Leontina Bruschi, em 1936, na Escola Normal Padre Anchieta na cidade de São Paulo, destinado para o ensino e para a formação do professor (POGGIANI, 2011a).

Os museus escolares quanto ao acervo, à exposição e à utilização para o ensino (Figura 2), apontados por Felgueiras:

Eram constituídos por quadros parietais, estruturados por campos de saber, acompanhados por conjuntos de frascos com produtos relativos às diferentes componentes das *lições de coisas*: produtos alimentares, de diferentes indústrias, materiais de construção, matérias-primas usadas no aquecimento e na iluminação, minerais e fósseis, herbários, gravuras de insetos, mamíferos, aves e peixes, produtos químicos usuais, miniaturas ou gravuras de aparelhos da física e de instrumentos agrícolas. Na sua concepção, o museu escolar era um conjunto de materiais didáticos para o ensino das ciências da natureza e compreensão das indústrias e trabalho a elas associadas, desde a agricultura à extração de minerais ou à produção de objetos comuns. Esse conhecimento era considerado relevante para a cultura das populações e os quadros tanto podiam revestir as paredes como ser pendurados segundo o tema a estudar pelos alunos. (FELGUEIRAS 2011, p. 82).

Felgueiras (2011) ressalta que no Dicionário de Buisson, edição de 1911, o termo museu escolar é designado como um conjunto de objetos que o professor usa no processo de ensino, conhecido por *leçons de choses*, tendo como objetivo, propiciar às crianças ideias claras e exatas sobre tudo o que as cercava.

Figura 2 – Sala de aula com quadros no Colégio dos Órfãos em Porto (Portugal), década de 1920



Fonte: (FELGUEIRAS, 2011, p.71).

Em São Paulo, em 1933, o Estado, estabeleceu a criação de três tipos de museus para auxílio na aprendizagem: o Museu da Classe, o Museu da Escola e o Museu Central (POGGIANI, 2011a). O Museu da Classe reunia objetos que tornassem a aula ativa e alegre, abrigados no interior da classe para facilitar o acesso aos estudantes. O Museu de Escola era formado por materiais relacionados às atividades da região, reunidos, mantidos e adquiridos com a colaboração de pais, de alunos, de professores e da comunidade em geral. Esse acervo deveria estar numa sala exclusiva para visitas programadas pelos professores em suas atividades e poderia ser abastecido com objetos para as aulas de ciências e experiências científicas, compondo um ambiente ativo e de curiosidade, salienta a autora. O último tipo, o Museu Central deveria se espelhar no Museu Pedagógico, para os

professores conhecerem novas práticas pedagógicas que auxiliassem em suas aulas (POGGIANI, 2011a).

Quanto ao público, Bastos (2002) afirma que a maioria dos museus de educação, criados na segunda metade do século XIX, voltava-se inicialmente para servir aos educadores, mas, pelo próprio nome, museu, foram abertos aos alunos e ao grande público.

Trigueiros (1958), que se matriculou, em 1949, no Curso de Museus do Museu Histórico Nacional (FARIA, 2013), pode ter sido um dos primeiros a publicar sobre educação em museus, apresentando considerações sobre a organização e funções dos museus, incluindo a tipologia escolar. O autor afirma que “os educadores já utilizam os museus pelas facilidades que apresentam para o ensino, como repositório de elementos visuais da maior importância para a aprendizagem, de quase todas as matérias, conforme seja a sua especialidade.” (TRIGUEIROS, 1958, p.113), indicando uma preocupação com o caráter educativo do museu e sua aplicação no ensino, salientando a visualidade do acervo.

O autor diferencia o museu escolar de outros museus quanto ao seu público e aos objetos expostos. Em sua opinião, o museu escolar não se destinava à visitação pública, só devia estar aberto para professores e alunos e os objetos expostos deveriam ser manuseados pelos alunos. Sobre a obtenção de objetos, defendia estimular os alunos para doarem peças ao museu, considerando-o uma forma para desenvolver nos alunos a organização, a investigação, a colaboração, a iniciativa, a disciplina e a cooperação.

Assim, a partir de diferentes estudos, é possível verificar que entre distintas concepções e usos atribuídos, entre o final do século XIX e o início do século XX, o museu escolar foi considerado como apoio, fundamental, ao ensino escolar. A nova tipologia de museu, independente de como se manifestava ou de seu objetivo - para a aprendizagem do aluno ou para a formação do professor – era valorizada como um recurso pedagógico a serviço do método de ensino Lições de Coisas, propiciando uma renovação na Educação e na Museologia.

Outro aspecto da diversidade do museu escolar pode ser pensado em termos de seu acervo, nos diferentes objetos que o constituíam, entre eles, os utilizados para o ensino de ciências, cuja coleta e reunião podem ter contribuído para a criação de coleções de ciências na escola e do museu escolar de ciências.

Para abranger melhor esse aspecto do museu escolar, o próximo segmento do texto abordará pontos que tangenciam o ensino de ciências no método Lições de Coisas, o que se dá a partir da vinculação da origem do museu escolar com os museus de História Natural.

2.1.3 Museu escolar, museu de ciências

As atividades relacionadas às pesquisas da natureza e do homem, por meio dos museus de História Natural, e a composição de materiais didáticos nos museus de ciências influenciaram no ensino e na constituição de museus escolares de ciências. Os grandes museus reuniam uma vasta coleção de materiais coletados da natureza para a pesquisa e para expor, colocando o museu para além da guarda de coleções. A escola coletava material da natureza e adquiria outros, produzidos na indústria, para compor e expor acervo do museu escolar a ser utilizado para o ensino. Através dos objetos ou dos materiais da natureza com que se configuraram como recurso pedagógico, o museu de ciências poderia ser caracterizado como uma possibilidade que a escola, até agora encontra, para auxiliar no aprendizado. O museu de ciências na escola pode ser considerado uma aplicação do museu escolar, voltado para o ensino e que assim permanece atualmente.

A coexistência do museu escolar que utilizava material para o ensino de ciências pelo método Lições de Coisas, com os grandes museus de História Natural, caracterizados pela pesquisa científica, pode ser compreendida, a seguir, através da apresentação de alguns estudos que indicam a relação entre museu, ciência e educação, os quais discorrem sobre a trajetória de outros museus e também sobre o quanto estes colaboraram com os museus escolares e para o método Lições de Coisas.

Sobre a relação entre escola e museu, Sepúlveda (2002) sugere que o museu, em sua origem, pode aparecer como subcampo dos campos científico e artístico, apresentando especificidade de acordo com o meio escolar, variando segundo o nível de ensino. Para a autora, o museu do século XIX pretendia ser um espaço pedagógico de difusão e de aculturação, inserido num esforço geral de modernização da sociedade.

Sobre o papel dos museus de ciências naturais, Lopes e Murriello (2005) ressaltam a importância de se avançar em estudos sobre os museus e suas diferentes fases, considerando suas especificidades em seus diferentes momentos e verificando como os museus se integraram às amplas redes de comunicação e intercâmbios e os desdobramentos de suas propostas em suas musealizações locais. As autoras analisam o discurso pronunciado por William H. Flower, em 1889, quanto à influência do recém-inaugurado *Museo de La Plata*, na Argentina, o qual dizia que um museu deveria ser ao mesmo tempo para estudo e para exposição.

As autoras destacam as funções atribuídas aos museus na América Latina, na transição para o século XX, quanto à pesquisa, aos rumos da história natural e à necessidade de ampliar o alcance da educação popular, constituindo-se em instituições científicas e para a formação, incluindo os museus escolares.

Os museus passam a consolidar um papel educativo com as exposições:

Longas séries, peças e esqueletos completos foram fundamentais também para atrair o público, que se supunha incapaz de compreender globalmente um animal ou uma cultura apenas pela observação dos fragmentos, que podiam bastar ao especialista. Nessa época, em que a 'lição das coisas' se colocava como condição indispensável para educação da juventude e das populações urbanas iletradas, todos os museus da América Latina ressaltaram a importância também dos fins educativos de suas exposições. (LOPES; MURRIELLO, 2005, p.24).

No século XVIII, o Brasil já indicava a preocupação em criar uma instituição científica, o que ocorreu em 1784, com a "Casa de História Natural", conhecida como a antiga "Casa dos Pássaros", a qual colecionava, armazenava e preparava produtos naturais e adornos indígenas para enviar à Lisboa. Contudo, foi no século XIX que ocorreu a criação oficial de um museu de História Natural com a criação do Museu Real do Rio de Janeiro (1818), atual Museu Nacional. Com um interesse crescente pelas Ciências Naturais para introduzir o país no conjunto das nações civilizadas, há uma renovação e multiplicação das instituições científicas no Brasil, caracterizando o período de 1876 a 1892, como a "idade de ouro" do Museu Nacional e pelas demais iniciativas de museus de História Natural em outras províncias do Império (LOPES, 1997).

No museu, além do conhecimento científico consolidado, estava presente a relação com a educação, o que pode ser percebido com o Curso de Ciências Naturais no Museu Nacional, em 1876, o qual foi criado pelo diretor Ladislau Neto

(1876 a 1893). O próximo diretor, João Batista de Lacerda (1895 – 1915), introduziu a função escolar para o grande público com a proposta de museu escolar. Na direção seguinte, Bruno Lobo (1915/1916 – 1923) criou o Serviço de Ação Educativa, além de uma seção histórica. Assim, Lopes (1997) destaca que o museu finalmente havia se tornado uma instituição de ensino voltada também para o ensino elementar, inovando no serviço de atendimento às escolas. Outro aspecto importante, apontado pela autora, foi a separação das coleções em científica e para o público, marcando o caráter científico do museu, e, também, seu caráter educativo.

O Museu Nacional é apontado por Sily (2012), como lugar de poder e de saber científico, mas também como lugar de instrução com a função educativa presente nos decretos e regulamentos de governo e nas ações voltadas para divulgação da ciência e popularização da cultura, desde a sua criação (1818). Este museu é destacado pelo autor, como espaço de formação e de instrução pública, por meio de cursos e conferências, iniciados na década de 1870. Na década de 1920, passaram a ser dirigidos a um público mais diversificado, principalmente o escolar, com atendimento às demandas dos estabelecimentos de ensino pelo conhecimento científico produzido no Museu e o uso dos materiais didáticos, os quais eram na sua maioria material do tipo visual, o qual foi produzido e disponibilizado para professores e alunos.

Conforme Sily (2012), o Museu Nacional assim como o *Pedagogium*, através de seus diretores, integravam a esfera das decisões do Estado. Ambos tinham o caráter instrutivo. O Museu Nacional estabeleceu que ao diretor geral do museu caberia providenciar, a fim de que todas as seções pudessem ministrar aos estabelecimentos de ensino primário e secundário da Capital Federal, o material de que eles precisassem para a instrução concreta e demonstrativa que lhes competia, levando o museu:

[...] a organizar, classificar cientificamente e distribuir para estabelecimentos de ensino, coleções didáticas de história natural, compostas com espécimes dos reinos animal, vegetal e mineral, existentes no próprio Museu ou enviadas pelas escolas para esses fins. Da mesma forma, um pouco mais tarde, passou a confeccionar quadros murais didáticos sobre essas mesmas temáticas a fim de evitar que fossem importados, devendo reproduzir nesses materiais espécimes nacionais, o que serviria para instruir e ampliar os conhecimentos sobre o Brasil, valorizando suas riquezas naturais, estimulando no público, principalmente o escolar, um sentimento de pertencimento e de orgulho nacional. (SILY, 2012, p.73).

O autor ressalta o *Pedagogium* como um estabelecimento de ensino, através de atividades determinadas no Regulamento de Instrução Primária e Secundária do Distrito Federal de 1890. Bastos (2002) destaca que o *Pedagogium* deveria expor o que de mais moderno houvesse quanto aos métodos e ao material de ensino, com um centro que seria integrado por um museu pedagógico, que entre suas atividades realizaria conferências e cursos científicos, teria gabinetes e laboratórios de ciências físicas e naturais, teria coleções – modelo para o ensino científico concreto nas escolas públicas, assim:

O *Pedagogium* ministrava cursos e conferências, que versavam sobre métodos de ensino e sobre ciências matemáticas, física e história natural, cujo conhecimento é indispensável aos professores, para o perfeito desempenho dos programas escolares modernos. A ênfase no conhecimento científico, tanto nos cursos e conferências como nos gabinetes e laboratórios implantados, refletia a modernidade pedagógica republicana. (BASTOS, 2002, p.281).

No Rio Grande do Sul, em um cenário do regime republicano, da necessidade da modernização da sociedade, o Método Intuitivo ou Lições de Coisas foi adotado pelo Governo do Estado (Regulamento do Ensino de 1881) e implantado no sistema de Ensino, no qual o Estado por meio da Instrução pública fornecia materiais para as escolas (POSSAMAI, 2012a). Conforme a autora, enquanto os museus escolares adquiriam importância em outros contextos, o Estado se preocupou em criar um museu mais amplo, fundado em 1903, e denominado Museu Júlio de Castilhos, em 1907. O Museu do Estado do Rio Grande do Sul, assim como o *Pedagogium*, também se originou a partir do acervo de uma grande exposição. No caso do Museu Julio de Castilhos, os materiais foram oriundos da Primeira Exposição Agropecuária e Industrial do Rio Grande do Sul, adquirindo um conjunto de 360 minérios (POSSAMAI, 2012a).

Embora seu regulamento fosse amplo em relação à diversidade de coleções, a autora destaca que, nas primeiras décadas, preponderou a formação de coleções de ciências naturais e a vontade do diretor Francisco Rodolfo Simch, em o museu se especializar em ciências naturais. Apesar disso, o museu não se preocupava somente com os pesquisadores, mas também com a ampliação de seus públicos, valorizando a exposição de espécimes e exemplares da natureza que permitissem aguçar os sentidos, sobretudo, a visão, tornando-se um laboratório de aplicação do ensino de Lições de Coisas:

Observa-se, dessa forma, que o Museu do Estado caracteriza-se como uma instituição com uma dupla missão, a exemplo de museus de ciências em outras partes do mundo. A preocupação com a missão educativa, propiciada pelo conhecimento de suas coleções, passava, segundo Rodolfo Simch, pelo alcance de saberes úteis à sociedade [...]. No desfrute dos saberes de sua coleção a visita escolar constituía-se na forma mais recorrente. (POSSAMAI, 2012a, p.10).

No Museu Julio de Castilhos, observa-se também a conexão com os museus escolares:

Da mesma forma que o Museu do Rio de Janeiro, o Museu do Estado fora convidado a colaborar com as escolas através da confecção de “coleções escolares”, compostas por rochas, minerais e amostras de solos do estado. O Museu confeccionou 1000 coleções com 110 exemplares cada uma delas que foram enviadas às escolas do Rio Grande do Sul (RGS, 1913). O museu, dessa forma, colocava-se como instituição capaz de fornecer o material necessário ao ensino de Lição de Coisas, por suas coleções corresponderem diretamente aos conteúdos então previstos no ensino. (POSSAMAI, 2012a, p.11).

É possível observar a aproximação do Museu Julio de Castilhos, o primeiro museu criado no estado, com o ensino de ciências, colaborando com o método Lições de Coisas, por meio de acervo de ciências naturais, logo na primeira década de sua existência.

O Museu Julio de Castilhos segue sua trajetória, com algumas mudanças posteriores, na definição de seu acervo, mas dá continuidade em sua relação com o ensino. Na década de 1950, o Museu amplia sua participação em movimentos intelectuais nacionais e projetos financiados pela UNESCO e, através da influência de seu diretor Dante de Laytano⁴, tem o papel de assessorar na criação de museus, entre eles os escolares (NEDEL, 2005).

Nota-se a importância dos museus de ciências naturais ou detentores de acervo de ciências, em sua relação com a escola e com os museus escolares, aproximando-os do método Lições de Coisas e colaborando com ele, com o propósito da época de se alcançar uma modernidade pedagógica.

⁴ No período da gestão do diretor Dante de Laytano no Museu Julio de Castilhos não se trata mais de um museu de ciências, passando a caracterizar um museu histórico, guinada que a instituição vinha realizando desde 1925 (POSSAMAI, 2013).

Atualmente, alguns museus escolares permanecem voltados para o ensino de ciências, com a existência dos museus escolares de ciências. Estes podem auxiliar também para o ensino da educação ambiental nas escolas, como ressalta Taffarel (2012), o qual sugere a técnica de taxidermia, que retrata os animais, antes vistos somente na natureza, nos livros, na mídia ou em zoológicos. O autor salienta que a construção de museus contribui para alertar as futuras gerações do que poderia acontecer se os animais fossem extintos, para isso, defende que:

Interessante seria a criação de museus escolares, onde as peças taxidermizadas, fossem expostas, acompanhadas de cenografia, topografia da região em que eles são habitualmente encontrados a fim de servir de recursos didáticos no Ensino da Educação Ambiental. (TAFFAREL, 2012, p. 2129).

O autor ressalta que trazê-los para dentro das salas de aula permitiria um contato direto dos educandos com o meio ambiente, através de museus didáticos expositivos, como um recurso didático para professores de Ecologia, Educação Ambiental, Zoologia, Biologia e Ciências.

Evidenciando também a continuidade de sua aplicação para o ensino e apontando para novos desafios, os museus de ciências “[...] são considerados hoje lugares de aprendizagem ativa. Isso porque os museus atuais devem olhar igualmente para as suas coleções e para seu público.” (VALENTE *et al*, 2005, p. 184).

Talvez os museus voltados para o ensino de ciências nas escolas, ainda não estejam preparados, estruturalmente, para uma abordagem interativa, no aspecto material e tecnológico, como alguns novos museus de ciências e tecnologia, criados recentemente em instituições não escolares, vem propondo para atrair o público⁵.

Porém, observa-se que permanece a preocupação com a aprendizagem e a relação com o público por meio do seu acervo e da exposição. Nos museus escolares o dinamismo pode ser dado através das aulas e na forma de comunicar o acervo, despertando no aluno sua atenção.

O museu escolar voltado para o ensino, entre outras disciplinas, compreendeu o ensino de ciências e o museu de ciências, na sua aplicação original.

⁵ Como exemplo no Rio Grande do Sul, há o Museu de Ciências e Tecnologia da Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

O acervo de ciências, que foi constituído nos museus escolares, é uma forma de compreender o uso dos objetos para o ensino. Essa facilidade pode estar relacionada por terem constituído um grande acervo que chegou a ser institucionalizado na escola como museu de ciências, e, também por isso, alguns podem ter permanecido até agora.

Dessa ligação do passado com o presente, temos a manutenção de alguns museus escolares voltados para o ensino de ciências. No presente, temos a criação de novos museus escolares, ambos se relacionam com o presente e o passado, por meio da historicidade desses espaços de ensino, voltados para ciências, e por meio do espaço que abriga a memória. Em ambos, também está presente o ensino, com o ensino de Ciências e o ensino de História.

Assim, a preocupação em salvaguardar o patrimônio escolar coloca em voga novamente, no século XXI, os museus escolares, agora constituídos para abrigar a cultura material produzida. Este importante aspecto da pesquisa integra o próximo subcapítulo, trazendo informações de como se dá esse mais recente processo que originou novos museus escolares e continua originando.

2.2 Museus escolares e a memória: a salvaguarda do patrimônio educativo

A preservação da cultura material escolar integra uma inquietação recente com a memória, gerando uma atenção ao patrimônio educativo. Torna-se importante a investigação sobre esses museus escolares, os que existiram, os que permanecem, e os que foram constituídos com essa nova acepção: a memória. Seu estudo pode dar sentido às práticas anteriores e às presentes, por meio de objetos que compõem a cultura, a memória da comunidade escolar, o que auxilia na compreensão do seu valor para a Museologia e para a Educação, para a sociedade.

Os antecedentes da nova aplicação para o museu na escola também podem ser vistos em um contexto mais amplo, ligados a mudanças ou a novos contextos na constituição de outros museus. Margarida Felgueiras (2005) aborda a cultura material escolar como patrimônio, herança cultural e herança educativa a ser salvaguardada. Ressalta-se em seu trabalho, a conexão desses conceitos na dimensão dos museus escolares, inserindo-os na preocupação com essa herança

ao guardar o patrimônio educativo, o que está relacionado com as mudanças na noção de patrimônio, cultura e identidade, contexto em que:

Todo este movimento faz parte de um outro mais amplo, de democratização da cultura e das memórias de grupos e lugares com forte identidade cultural, que não só levou à constituição de toda uma nova gama de museus: eco-museus, museus da indústria, do traje, agrícolas, centros de ciência viva, museus vivos, etc, como também questionou as perspectivas sobre a organização, finalidades e função social dos museus. (FELGUEIRAS, 2005, p.95).

Para compreender as duas aplicações dos museus escolares, o ensino e a memória, Petry (2011) reflete sobre essa relação:

Nos dias de hoje, quando ouvimos falar em museu escolar, é comum remetermo-nos a museus responsáveis em salvaguardar a memória escolar, como por exemplo, o 'Museu da Escola de Minas Gerais', o 'Museu da Escola Catarinense' ou o 'Centro de Memória da USP', entre tantos outros. Por sua vez, um conjunto de produções tem indicado que quando falamos em museu escolar no curso dos séculos XIX e parte do XX, estamos lidando com museus 'originalmente escolares', presentes no interior das escolas, funcionando como auxiliares do ensino, e não como locais de preservação de memória. (PETRY, 2011, p.2).

Com essas mudanças, a escola se insere num conjunto de funções e relações, em que os objetos e documentos são condição para perceber a herança educativa (FELGUEIRAS, 2005). Para a autora, focar a cultura material não é um exercício de êxtase perante o passado, mas um processo de questionamento (FELGUEIRAS, 2011). Felgueiras destaca que a partir dos anos de 1970 ocorre uma explosão na Europa de museus para salvaguardar e mostrar os mais diversos conteúdos. Nos anos de 1980, há um florescimento de museus e coleções escolares como forma de mostrar e analisar o passado educativo das comunidades; e, nos anos 90, destaca um movimento similar em Portugal, resultado de profundas transformações no sistema educativo. Nessa década, em Portugal e no Brasil, as memórias da escola, a procura e a guarda de acervo de professores também são introduzidas na historiografia.

Segundo Felgueiras (2005), com essa preocupação foi constituído em Portugal um grupo de investigadores e docentes denominado, Rede de Investigadores em História e Museologia da Infância e da Escola – RIHMIE (2000), integrando também pesquisadores brasileiros. Na Espanha foi criada a Sociedade Espanhola para o Estudo do Patrimônio Histórico-Educativo (2003) e foi criado o

Museu Pedagógico da Galícia– MUPEGA (2004). Em Portugal, outras realizações ocorreram como o Museu Escolar em Marrazes e a Sala Museu Oliveira Lopes em Válega. O mesmo movimento gerou realizações no Brasil⁶ como o Museu Pedagógico do Centro de Referência do Professor em Belo Horizonte, o Centro de Memória da USP e a recuperação do Arquivo da Escola Normal de Campinas (FELGUEIRAS, 2005).

Poggiani (2011b) também aponta que se multiplicam experiências atuais que buscam preservar a cultura escolar. Petry (2013) também situa a criação de museus escolares relacionados à memória, considerando que a todos ajuda a viajar no tempo – entre o passado e o futuro, para mudarmos o presente, ou a visão que dele temos.

Felgueiras (2005) chama atenção para um conjunto de funções e de relações de que os respectivos materiais, sejam objetos ou documentação, são a condição para perceber e explicar. Nessa perspectiva, percebe-se que a escola em si também é um patrimônio.

Assim, a preocupação com a memória começa em preservar a escola como um todo, pois:

A escola é uma instituição que faz parte do patrimônio cultural e, ao mesmo tempo, é alimentada por diversos patrimônios culturais, representados pelo patrimônio produzido e acumulado ao longo dos anos, resultado da herança cultural construída pelos sujeitos sociais ao longo da vida (SANTOS, 2001, p.4).

Felgueiras fala da relação da escola e da herança escolar com o patrimônio, que:

[...] é visto inserido num espaço de vida, organizado e edificado, povoado por conjuntos de objetos portadores de formas, imagens, significados e valores. Patrimônio que é 'ressignificado' primeiramente pelas comunidades que o herdam e pode e deve ser partilhado por grupos mais vastos e afastados, como contributo para a formação de um imaginário comum, que poderá ser fortalecido por laços afectivos(*sic*). Ao falarmos de herança educativa partilhamos quer o sentido afectivo(*sic*) inerente à nossa condição comum de aluna/o que fomos, e de professor/a, que somos, quer ainda a perspectiva de uma história social, que trabalha a cultura material [...]. Na herança educativa incluímos, assim, tanto os edifícios, o mobiliário, os

⁶ Em São Paulo também foi criado o Centro de Referência em Educação Mário Covas (CRE), o qual abriga o Memorial da Educação, voltado para a história da educação paulista e nacional com a preservação de acervos históricos escolares e realização de exposições. Fonte: <<http://www.crmariocovas.sp.gov.br/memorial.php>>.

materiais didáticos (*sic*), os materiais dos alunos, os elementos decorativos e simbólicos presentes nas escolas, quanto as práticas de ensino, as táticas (*sic*) dos alunos, as brincadeiras e as canções no recreio, as recordações do cotidiano escolar, que as memórias de professores e alunos podem revelar (FELGUEIRAS, 2005, p.92).

Para Felgueiras (2011), a procura e a guarda de acervo nas escolas foram introduzidas em Portugal e no Brasil na década de 1990. A autora ressalta que a atividade educativa tem um valor social que merece ser recordada e analisada, destacando que os objetos que constituem a cultura escolar são testemunhos de mudanças sociais, econômicas e políticas.

Pode-se, também, apontar o estudo dos museus escolares inseridos na interface da história da educação em uma relação entre educação e cultura, como processos fundamentais da formação intelectual própria do indivíduo (VALENTE 2009).

Possamai (2012b) problematiza a noção de patrimônio, indicando que sua utilização é pertinente para as investigações em história da educação a partir dos patrimônios como documentos. Aponta que as investigações contam com um repertório de documentos históricos a pesquisar, que tem ampliado a compreensão dos processos educativos na sociedade brasileira, indicando que:

Além da edificação, bem cultural de maior vulto, são inúmeras as instituições escolares que guardam acervos de diversos tipos: mobiliário, cadernos escolares, manuais e materiais didáticos, entre outros. Não raras vezes essas coisas materiais, escritas e visuais formam memoriais, acervos e museus escolares. A constituição desses espaços também tem uma historicidade que merece ser pesquisada, pois expressa a relação da escola e dos sujeitos envolvidos com o seu passado e com o passado da educação. (POSSAMAI, 2012b, p.117).

A autora ressalta que esses espaços precisam ser estudados, usados, criticados e desconstruídos, para que os patrimônios possam alcançar alguma relevância social. Assim, a noção de patrimônio impõe ser considerada como categoria dotada de historicidade, por alterar seus sentidos ao longo do tempo, indicando a pertinência de sua investigação no âmbito dos estudos da história da educação a partir dos patrimônios como documentos. O repertório de documentos históricos a pesquisar tem ampliado a compreensão dos processos educativos na sociedade brasileira, pois as escolas guardam acervos de variado tipo, como

mobiliário, cadernos, manuais e publicações, conformando acervos materiais, visuais e escritos, e não raras vezes formam memoriais ou museus (POSSAMAI, 2012b).

Os museus escolares são criados como uma nova possibilidade. Os objetos antes obtidos ou confeccionados agora já existem como bens culturais, fazendo parte da história da escola. À Museologia e à História da Educação cabem investigar esses objetos da escola, atribuídos ao passado como patrimônio, e a historicidade desses espaços, da escola, do museu escolar, o de ciências e o de história. Assim, é possível pesquisar os museus do passado, por meio da cultura escolar, para refletir sobre seus usos e suas relações com os sujeitos envolvidos no presente.

Para compreender os museus existentes na cidade, atualmente, o próximo capítulo apresenta o levantamento e a caracterização dos museus, memoriais e acervos escolares ainda não musealizados, em Porto Alegre.

3 O MAPEAMENTO: CONHECENDO MUSEUS ESCOLARES EM PORTO ALEGRE

A invisibilidade do museu escolar em Porto Alegre, em meio a outros museus da cidade, provocou a emergência de buscá-los, de saber de sua existência. Conhecê-los revelou a permanência e a inovação, através do ensino e da memória, aplicações que lhe dão sentido enquanto museu da escola e evidenciam sua relação com o tempo na sua trajetória e na da escola.

Entende-se nessa pesquisa os memoriais como museus, ou seja, os memoriais da escola como museus escolares, visto que “O museu não só comporta vários sentidos, materializando-se em diferentes formatos como recebe distintas denominações [...]” (PETRY; SILVA, 2013, p.96). Os documentos, artefatos, textos, imagens, espaços, são conjuntos significativos da herança educativa, que reunidos como museus, memoriais ou acervos dão sentido às práticas do passado escolar.

O museu escolar reúne diversos materiais para o ensino e os preserva, abrigando o patrimônio histórico escolar, assim incorpora os estudos do patrimônio e da memória na Museologia e também no âmbito da História da Educação. Viñao (2012) aponta o florescimento dos museus educacionais interessados e preocupados com a conservação, catalogação e estudo do patrimônio material e imaterial da educação, destacando-o como um fenômeno acadêmico e social que precisa ser exposto e analisado.

O estudo de um museu é importante para apontar as diversas fases de sua história e suas especificidades (LOPES; MURRIELLO, 2005). Pode-se inserir o estudo dos museus escolares no estudo da história dos museus e das escolas. O museu escolar pode ser visto como uma forma de pensar historicamente a educação (ESCOLANO, 2010), uma vez que são testemunhos de práticas escolares e de mudanças no ensino, através de bens culturais, potenciais para o estudo de contextos do passado.

Partindo da importância, em uma perspectiva histórica, dos museus escolares para a escola e para a educação, este capítulo apresenta os museus escolares que foram localizados em Porto Alegre, bem como memoriais e acervos, como resultado do mapeamento realizado, bem como da coleta de informações.

Como forma de estruturar melhor a abordagem dos dados coletados, apresenta, primeiro, as escolas identificadas na pesquisa, após os museus,

memoriais e acervos. Desse modo, faz uma breve caracterização e uma reflexão propiciada pela trajetória dessa busca, avaliando aspectos relacionados ao ensino e à memória nesses espaços, em torno de suas práticas.

3.1 Escolas mantenedoras de museus escolares

As escolas detentoras de museus escolares se tornaram o fio condutor inicial no estudo, visto que seu tempo de existência se relaciona com o tipo de museu que acolhe e à aplicação desse museu na escola. Também, o contexto onde está inserido o museu escolar nos ajuda a entendê-lo, uma vez que a especificidade da escola pode estar relacionada com a especificidade do museu⁷. As escolas em Porto Alegre, que possuem museus escolares e acervos, são apresentadas na Tabela 1:

Tabela 1 – Instituições escolares

Instituição escolar
Instituto Estadual de Educação General Flores da Cunha
Colégio Anchieta
Colégio Bom Jesus Sévigné
Colégio Estadual Candido José de Godoi
Colégio Estadual Júlio de Castilhos
Colégio Farroupilha
Colégio La Salle Dores
Colégio Marista Nossa Senhora do Rosário
Colégio Metodista Americano
Colégio La Salle Santo Antonio
Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho
Escola Estadual de Ensino Fundamental Souza Lobo
Escola de Educação Especial Bárbara Sybille
Escola Técnica Estadual Irmão Pedro
Instituto de Educação São Francisco
Total: 15

Fonte: Dados da pesquisa

⁷ As informações obtidas na investigação são apresentadas na pesquisa de forma quantitativa e qualitativa. Tomou-se como referência a ficha com informações da escola (Apêndice A) e o questionário para informações sobre o museu, memorial e acervo (Apêndice B), e outras fontes utilizadas.

As 15 escolas⁸ identificadas na pesquisa podem ser visualizadas com a data em que foram criadas, no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1 – Instituição escolar e data de criação

Instituição escolar	Data de
Instituto Estadual de Educação General Flores da Cunha	1869
Colégio Metodista Americano	1885
Colégio Farroupilha	1886
Colégio Anchieta	1890
Colégio Bom Jesus Sévigné	1900
Colégio Estadual Júlio de Castilhos	1900
Colégio Marista Nossa Senhora do Rosário	1904
Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho	1905
Colégio La Salle Dores	1908
Colégio La Salle Santo Antonio	1913
Escola Estadual de Ensino Fundamental Souza Lobo	1914
Colégio Estadual Candido José de Godoi	1954
Instituto de Educação São Francisco	1962
Escola Técnica Estadual Irmão Pedro	1962
Escola de Educação Especial Bárbara Sybille	1988

Fonte: Dados da pesquisa

Destacam-se instituições criadas no século XIX: o Instituto Estadual de Educação General Flores da Cunha, o Colégio Metodista Americano, o Colégio Farroupilha e o Colégio Anchieta.

Pode-se buscar uma relação entre a data de criação da instituição escolar e a rede de ensino, através da Tabela 2, a seguir:

⁸ Cabe salientar que as instituições escolares apresentadas nessa pesquisa foram identificadas de acordo com o prazo previsto para coleta de dados, apontando a necessidade de continuidade dessa busca.

Tabela 2 – Instituição escolar, data de criação e rede de ensino

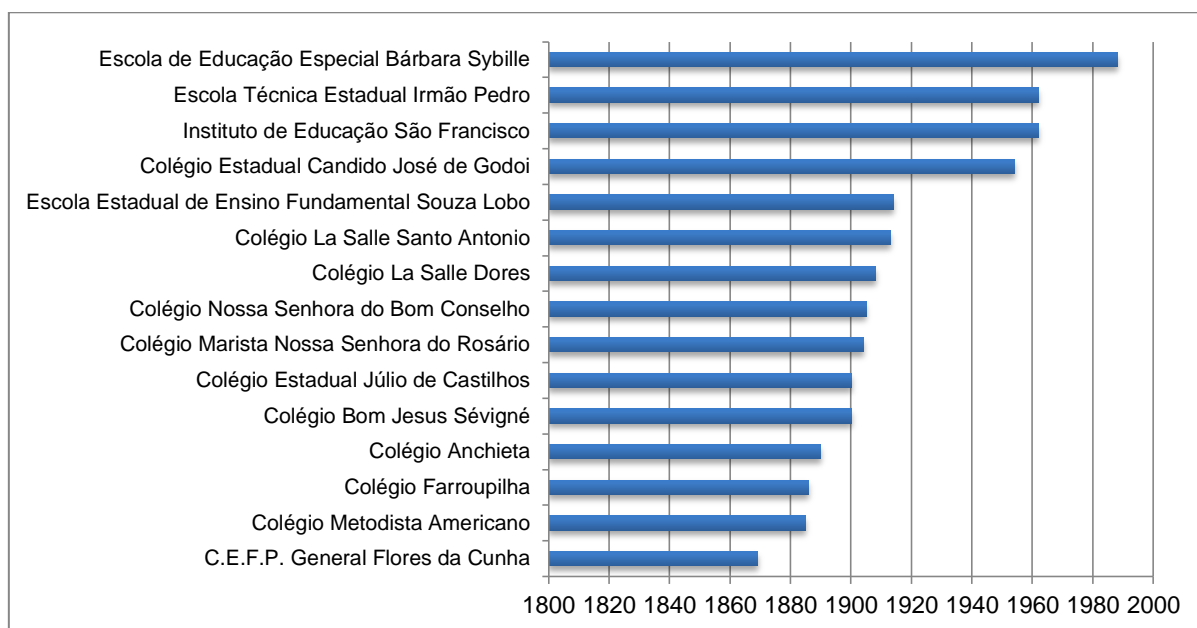
Instituição escolar	Data	Privada	Pública
Instituto Estadual de Educação General Flores da Cunha	1869		
Colégio Metodista Americano	1885		
Colégio Farroupilha	1886		
Colégio Anchieta	1890		
Colégio Bom Jesus Sévigné	1900		
Colégio Estadual Júlio de Castilhos	1900		
Colégio Marista Nossa Senhora do Rosário	1904		
Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho	1905		
Colégio La Salle Dores	1908		
Colégio La Salle Santo Antonio	1913		
Escola Estadual de Ensino Fundamental Souza Lobo	1914		
Colégio Estadual Candido José de Godoi	1954		
Instituto de Educação São Francisco	1962		
Escola Técnica Estadual Irmão Pedro	1962		
Escola de Educação Especial Bárbara Sybille	1988		
Subtotal		10	5
Total		15	

Fonte: Dados da pesquisa

Observa-se que a instituição mais antiga pertence à rede de ensino pública, entretanto, as outras, criadas ainda no século XIX, pertencem à rede de ensino privada. Esse dado pode estar relacionado, inicialmente, com o foco nas escolas particulares, que foi tomado como critério nesse mapeamento.

Verificando as datas de criação das escolas, é possível visualizar que se concentra em alguns períodos, como pode ser visto no Gráfico 1, a seguir:

Gráfico 1 – Instituição escolar e período de criação



Fonte: Dados da pesquisa

Observa-se que as datas de fundação das escolas se agrupam em momentos que podem ser tomados como três períodos distintos na criação das instituições escolares.

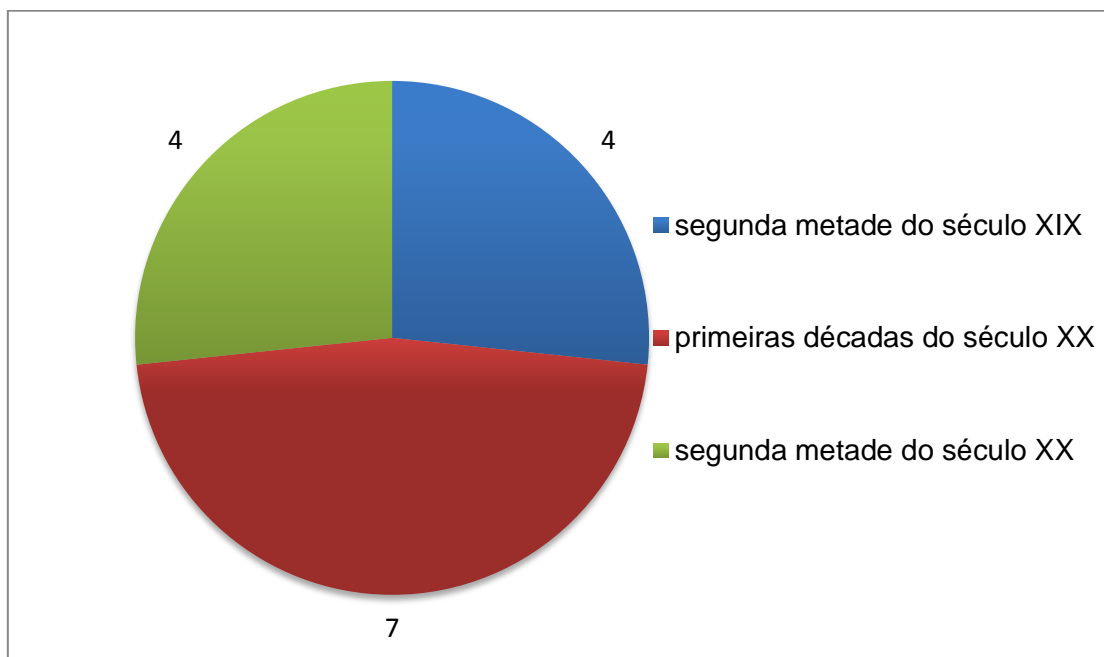
O primeiro período se refere à segunda metade do século XIX – de 1860 a 1900. Conforme foi apresentado na Tabela 3, a primeira escola fundada, entre as escolas dessa pesquisa, foi o Instituto Estadual de Educação General Flores da Cunha, em 1869. O restante das escolas desse período foi criado nas décadas de 1880 e 1890.

O segundo período corresponde às primeiras décadas do século XX – de 1900 a 1910, com a criação das primeiras escolas, em 1900, o Colégio Estadual Júlio de Castilhos e o Colégio Bom Jesus Sevigné. A criação das outras escolas ocorreu na mesma década e na década de 1910.

O terceiro período corresponde à segunda metade do século XX – de 1950 a 1980. O período inicia com a criação do Colégio Estadual Cândido José de Godoy, em 1954. As outras duas escolas foram criadas na década de 1960, e a última, criada em 1988.

O Gráfico 2, a seguir, mostra a relação entre esses períodos quanto ao número de escolas criadas.

Gráfico 2 – Número de instituições criadas por período



Fonte: Dados da pesquisa

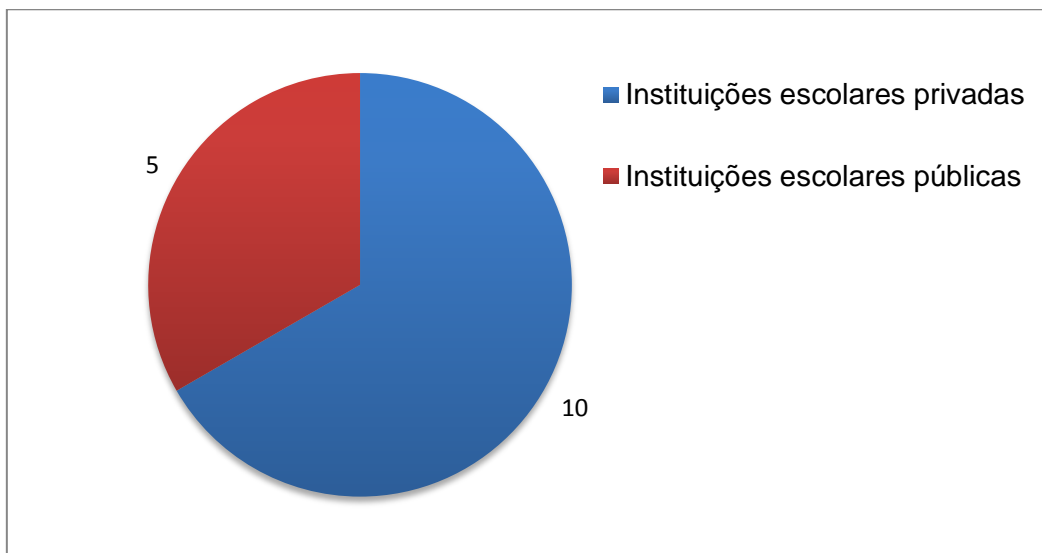
Observa-se que a maior parte das escolas foi criada no segundo período estabelecido, que corresponde às primeiras décadas do século XX. Entretanto, o número de escolas criadas no final do século XIX é também expressivo, uma vez que apresenta 4 escolas.

Ressalta-se que o intervalo compreendido entre final do século XIX e o início do século XX, contemplando os dois primeiros períodos, conforme mostrou o Gráfico 2, corresponde à época de utilização do método de ensino Intuitivo ou Lições de Coisas e à criação dos primeiros museus escolares no Brasil, bem como o de criação dos museus escolares com origem na renovação do ensino.

Esse intervalo de tempo, correspondente aos dois primeiros períodos contempla a criação das seguintes instituições: Instituto Estadual General Flores da Cunha, Colégio Metodista Americano, Colégio Farroupilha, Colégio Anchieta, Colégio Bom Jesus Sévigné, Colégio Estadual Júlio de Castilhos, Colégio Marista Nossa Senhora do Rosário, Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, Colégio La Salle Dores, Colégio La Salle Santo Antonio e Escola Estadual de Ensino Fundamental Souza Lobo.

Retoma-se a questão do ensino público e privado nessas escolas, conforme foi apresentado na Tabela 2, para exibir uma relação entre o números de escolas da rede de ensino privada e pública, como pode ser observado no Gráfico 3, a seguir:

Gráfico 3 – Instituições escolares da rede de ensino privada e pública



Fonte: Dados da pesquisa

Identifica-se que entre as 15 instituições escolares levantadas, a maior parte pertence à rede de ensino privado. Ressalta-se essa categoria de ensino público ou privado, uma vez que se percebe que entre as primeiras instituições escolares criadas, a maior parte é do ensino particular, entretanto esse resultado já havia sido previsto, uma vez que se focou mais nessa pesquisa nas escolas particulares.

Para saber se há uma relação desse aspecto com os museus escolares existentes acerca do contexto em que essas instituições foram formadas, buscou-se sobre suas histórias, bem como da educação em Porto Alegre. Tal busca, conseqüentemente, também nos auxilia a compreender sobre os museus escolares, sobre a lógica de sua inserção nessas escolas. Ainda, nos ajuda a pensar de que maneira pode ter contribuído para o processo da educação, uma vez que,

Na sociedade do século XXI existe uma condição natural pra a criança e para o jovem: eles são estudantes, eles vão à escola. Cem anos atrás essa lógica escolar não fazia parte do cotidiano da maioria dos brasileiros. No

entanto, é lá no passado que podemos encontrar as raízes de nossa cultura escolar. (MENEZES, TELLES, 2012, p.13).

Quanto ao tipo de ensino, foi possível verificar que em meados do século XIX havia várias escolas particulares em Porto Alegre, cujo crescimento era apoiado pelo Governo Imperial. Algumas eram confessionais, evangélicas ou católicas, sendo que a maioria não pode ser caracterizada como instituições escolares, mas como aulas particulares oferecidas por determinados professores para grupos de alunos (MENEZES, TELLES, 2012).

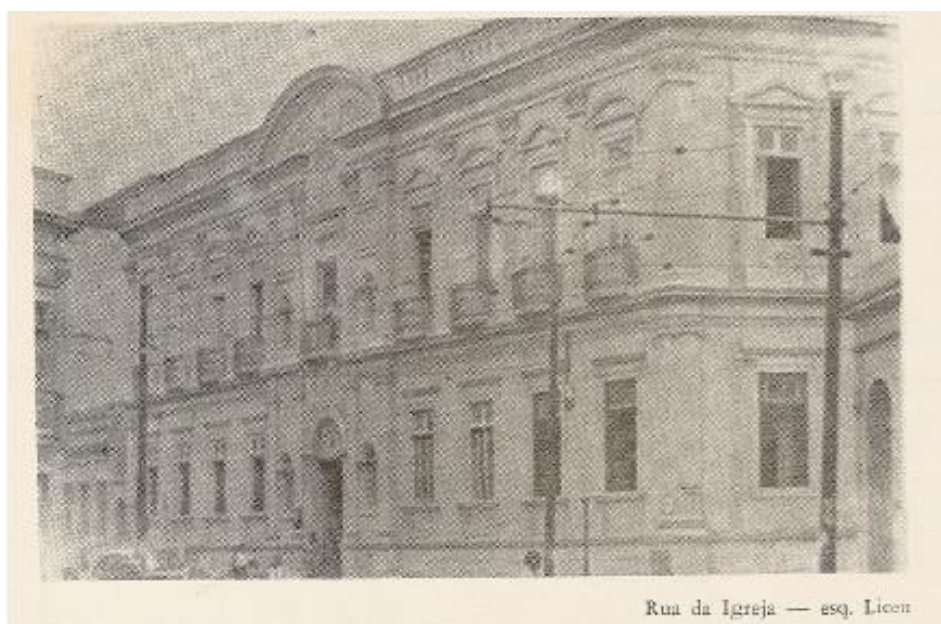
Em meados do século XIX iniciou-se um movimento de vinda de congregações estrangeiras para o Brasil com a retomada de espaços políticos por parte da Igreja Católica, a perda de espaço das congregações docentes em alguns países como a França e a feminização do catolicismo ocorrida durante o século XIX na Europa. Esses movimentos são explicados pela situação da Igreja e também pela situação política no Brasil. Os números crescem ao se aproximar a data da proclamação da República e avança para as primeiras décadas do século XX. Apesar de a nova constituição proclamar o estado laico, o aumento da vinda dessas congregações atesta uma aliança velada entre governo e Igreja. A educação era tomada nos primeiros anos da República como solução para todos os males sociais e para o desenvolvimento do sentimento de nacionalidade. Mas, como não havia quadros de professores suficientes, as ordens e congregações supriam essa ausência atendendo a diferentes grupos sociais e não somente a elite. (LEONARDI, 2009)

Entretanto, em meados da segunda metade do século XIX, foi criada uma instituição pública, em 1869, considerada a mais antiga das escolas públicas do Estado do Rio Grande do Sul em funcionamento (GONÇALVES, 2011). É o atual Instituto de Educação General Flores da Cunha, escola instituída, em 5 de abril de 1869, pelo Regulamento do Curso de Estudos Normais. Passou a ser denominada, em 1906, como Escola Complementar. Com nível secundário e como órgão formador do magistério, funcionava na Rua Duque de Caxias (antiga Rua da Igreja), esquina com a Rua Marechal Floriano (Figura 3), no prédio em que funcionou o Ateneu Rio-Grandense (1871) e, anteriormente, o Liceu D. Afonso, fechado em 1870. Em 1929 passa a ser Escola Normal e em 1937 é denominada Escola Normal Flores da Cunha, transferida para o atual prédio, na Avenida Oswaldo Aranha, o

qual havia servido de Pavilhão Cultural da Exposição do Centenário Farroupilha, ocorrida em 1935.

Em 1939, torna-se Instituto de Educação (FRAGA, 2012). A escola foi aberta para atender meninos e meninas, mas teve uma inserção maior de meninas. Com ensino público e gratuito, a maioria das alunas representava a camada média da sociedade. Por ser ligada ao estado, por muitos anos foi considerada uma escola padrão e um modelo de educação a ser seguido por outros cursos normais no estado (LOURO, 1986 apud FRAGA, 2012).

Figura 3 – Antigo prédio da Escola Complementar, atual Instituto Estadual de Educação Flores da Cunha



Fonte: (FRAGA, 2012, p. 14).

Quanto às escolas particulares, as quais eram em maior número na capital, identificavam-se com as novas propostas republicanas de ensino, porém já utilizavam, antes de 1889, instrumentos pedagógicos modernos, visto que muitos professores eram estrangeiros, que já trabalhavam com o método intuitivo, como o Colégio Americano e o Colégio Farroupilha. O Colégio Metodista Americano, desde a década de 1880, já desenvolvia uma proposta pedagógica de valorização do indivíduo e o Colégio Farroupilha já tinha uma proposta diferenciada para a época, valorizando o ensino prático (MENEZES; TELLES, 2012).

O Colégio Metodista Americano teve início em 1885, denominado Colégio Evangélico Misto nº1, em um prédio alugado na Rua Dr. Flores (na Praça General Marques). Foi criado pelo Reverendo João Correa, enviado para Porto Alegre pela Igreja Metodista de Montevideo, com objetivo de abrir um campo missionário e uma obra educacional. Trouxe uma jovem professora uruguaia, Carmem Chacon, que ficou encarregada da parte educacional. Com seu falecimento em 1900, o colégio passou para supervisão da Igreja Metodista Episcopal do Sul dos Estados Unidos e começou a ser conhecido como o “Colégio das Americanas”, voltado nesta época para meninas, que mais tarde passou a ser denominado Colégio Americano. Em 1921, é transferido para um prédio próprio na Avenida Independência e, em 1945, para o endereço atual em terreno comprado pela Divisão de Mulheres da Igreja Metodista dos Estados Unidos (COLÉGIO METODISTA AMERICANO, 1995; INSTITUTO METODISTA 1997).

O Colégio Farrroupilha foi criado um ano após o Colégio Metodista Americano, tendo suas atividades iniciadas em 1886 como Escola de Meninos da Associação Beneficente Alemã, a qual mantinha a escola e contribuía para a vida econômica e social dos teuto-brasileiros. Era uma instituição interconfessional, não sendo atrelada a nenhuma ordem religiosa. Não visava lucros, diferente de outras escolas particulares fundadas por leigos. No início de suas atividades, funcionava em salas alugadas pela comunidade evangélica no centro de Porto Alegre, na atual Rua Senhor do Passos. Em 1895, passou para a nova sede construída, localizada na Avenida Alberto Bins (MENEZES; TELLES, 2012). Atualmente o colégio funciona em uma sede ampla no bairro Três Figueiras.

Menezes e Telles (2012) destacam que grande parte do ensino particular estava relacionada a ordens religiosas na capital. Entre essas ordens, os jesuítas alemães, vindos para acompanhar a comunidade de origem alemã no sul do Brasil, fundaram o Colégio dos Padres, em 13 de janeiro de 1890. O colégio começou a funcionar em uma residência comprada, situada à Rua da Igreja (atual Duque de Caxias), sendo ampliado com a construção de dois pavilhões (1917 e 1929). Em 1897 é denominado Colégio São José. Em 1902 houve a cisão com a seção alemã que se vinculou à Igreja São José. Em 1901 foi denominado Colégio Anchieta, em homenagem à José de Anchieta. Em 1908, ocorre a equiparação com Ginásio Nacional. Neste mesmo ano, o padre Pio Buck fundou o Museu Botânico, atual Museu Anchieta. O crescimento das atividades do colégio impôs a construção de

uma nova sede, inaugurada em 1967, que permanece até hoje (COLÉGIO ANCHIETA, 1990).

Criado após o Colégio Anchieta, mas já no século XX, o atual Colégio Bom Jesus Seigné (Figura 4) foi fundado em 1900 como Colégio Sévigné, por Emmeline Courteilh, esposa do agente consular da França na capital gaúcha, Octave Courteilh. Pensou, principalmente, na instrução e educação feminina, considerando a situação da mulher naquele contexto. O nome do colégio era uma homenagem a Marie de Rabutin Chantal, Marquesa de Sévigné (1626), por ter sido um dos espíritos mais brilhantes do século XVII na França e suas cartas serem uma nota de originalidade entre as obras literárias produzidas naquele século. Em 1904, devido ao crescimento da escola, os Reverendos Padres Capuchinhos incentivaram as irmãs de São José a colaborar. Em 1906, o casal retornou à França e a direção do colégio passou para as irmãs de São José de Chambéry. Em 1928, um decreto municipal transformou o Colégio em Ginásio Municipal Feminino Sévigné, equiparado ao Colégio Dom Pedro II, e, em 1930, foi elevado à categoria de Ginásio Estadual Feminino Sévigné. Em 2008, o Colégio Sévigné passou a compor a Associação Educacional São José e na sequência foi integrado à Rede Bom Jesus, mantido pela Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus/AFESBJ (BOM JESUS, s/d, doc. eletrônico).

Figura 4 – Primeiro prédio do Colégio Bom Jesus Sévigné



Fonte: <http://www.bomjesus.br/infraestrutura_exibir.vm?unidade=bjn_sevigne&id=20761468>

O Colégio Estadual Júlio de Castilhos (Figura 5), criado no mesmo ano que o Colégio Sévigné, foi fundado em 1900, sob o nome de Gymnasio do Rio Grande do Sul. Segundo Lima e Ledur (2000), inicialmente o colégio funcionou no térreo do edifício-sede da Escola de Engenharia. Em 1905, passou a ser denominado Instituto Gymnasial do Rio Grande do Sul. Para atender o número crescente de alunos foi construído um novo prédio, concluído em 1910. Em 1923, foi denominado Instituto Júlio de Castilhos, em 1942, Colégio Estadual Júlio de Castilhos, incorporando o Colégio Universitário e o Ginásio Júlio de Castilhos. Em 1951, ocorreu um incêndio, transferindo suas aulas para o prédio do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Em 1950, foi inaugurada uma nova edificação e “nestes cem anos, o Colégio Júlio de Castilhos caracterizou-se por ser um centro gerador de cultura e formador de consciências [...]” (LIMA, LEDUR, 2000, p.12), com iniciativas como o Departamento de Tradições Gaúchas – DTG (1947), que deu origem ao “35 Centro de Tradições Gaúchas”, ao Centro de Professores Júlio de Castilhos (1947), o Grupo Ecológico KAA-ETÉ (1979) e a Fundação Colégio Júlio de Castilhos (1998), para participar e colaborar com o ensino.

Figura 5 – Primeiro prédio do Colégio Estadual Júlio de Castilhos (Avenida João Pessoa)



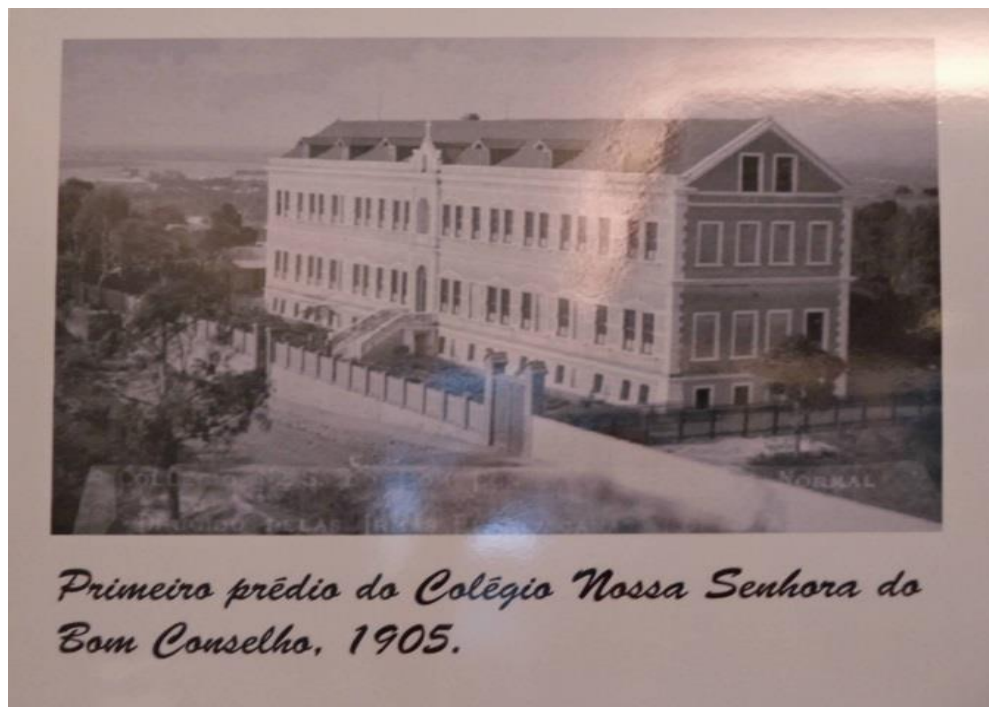
Fonte: (LIMA; LEDUR, 2000, p.11)

Logo nos primeiros anos do século XX, começou a funcionar, em 1904, a Escola Nossa do Rosário, atual Colégio Marista Nossa Senhora do Rosário. Ligado a uma ordem religiosa dos Irmãos Maristas, iniciou suas atividades em duas salas da igreja paroquial de mesmo nome e, em 1908, foi transferida para um prédio na Rua Riachuelo e, em 1913, para o antigo Seminário, atual edifício situado atrás da Catedral Metropolitana. O atual prédio foi inaugurado em 1927. A criação, em 1931, do Curso Superior de Administração e Finanças foi o marco inicial da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Ao longo do tempo o prédio foi ampliado e, em 1967, a PUCRS foi transferida para outra sede.

Até os anos 1960, o Colégio recebia alunos internos originários de vários municípios do interior. E em 1969, matricularam-se as primeiras mulheres nas turmas de Ensino Médio. Os mais de 70 irmãos que administravam e davam aulas no Colégio Marista Rosário, formavam a maior concentração destes religiosos em todo o mundo (COLÉGIO MARISTA ROSÁRIO, 2013, doc. eletrônico).

Mais uma escola particular ligada a uma ordem religiosa foi fundada, em 1905, pelas Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã, o Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho (Figura 6). Entretanto, iniciou suas atividades, em 1900, numa casa alugada no Bairro Moinhos de Vento, a qual se tornou pequena com o aumento de alunas. Assim, a Superiora Geral Madre Ludmila Birckmann comprou um terreno em localização privilegiada, com amplo panorama sobre a cidade, e autorizou a construção de uma casa nova para as aulas e a moradia das Irmãs. Em 1905, o novo prédio recebeu o colégio e foi constituída a nova comunidade religiosa. Em 21 de junho de 1905 foi celebrada a primeira missa na capela provisória, passando a ser considerada a data de fundação da nova escola: o Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho. Uma das características do Colégio era o internato. Desde sua fundação até o ano de 1960, acolheu em suas dependências como internas centenas e centenas de alunas vindas das mais diversas regiões do Rio Grande do Sul e mesmo de outros estados, assim, através dos anos foi ampliando seu espaço físico (BOM CONSELHO, s/d, doc. eletrônico).

Figura 6 - Primeiro prédio do Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho



Fonte: Acervo do Memorial do Colégio Bom Conselho

Nos anos seguintes foram fundados dois colégios pelos Irmãos Lassalistas, os quais chegaram ao Brasil, em 1907, à convite da Arquidiocese de Porto Alegre, estabelecendo as primeiras comunidades educativas. O primeiro foi o Colégio La Salle Dores, fundado em 1908, considerado o berço da presença Lassallista no Brasil. O outro colégio criado foi o atual Colégio La Salle Santo Antonio, que surgiu em 1911 como Escola da Paróquia de Santo Antonio, pensada pelos Freis Capuchinhos franceses, que solicitaram aos Irmãos Lassalistas uma pequena escola, inaugurada em 1913. A escola passou a ser dirigida por eles, recebendo o nome de Santo Antonio. (REDE LA SALLE, s/d, doc. eletrônico).

As instituições escolares de origem confessional, observadas entre essas escolas e sua relação com a educação pode ser tratada de forma mais ampla, uma vez que:

No Rio Grande do Sul, a existência de escolas confessionalmente delimitadas deve-se especialmente à presença de jesuítas alemães e de lideranças evangélico-luteranas desde meados do século XIX no Estado. Estes passam a exercer funções centrais na educação privada entre a população de imigrantes alemães e descendentes evangélicos e católicos na então província de São Pedro. (GOMES; ARENDT, 2008, p.124).

Entre as instituições escolares que compõem esse estudo, ainda constituída no início do século XX, está a escola, atualmente denominada, Escola Estadual de Ensino Fundamental Souza Lobo (E. E. E. F. SOUZA LOBO), da rede de ensino público, a qual, segundo Bastos (2013), foi criada como Colégio Elementar Souza Lobo, pelo decreto n. 1.917, de janeiro de 1913. O nome é uma homenagem ao professor José Theodoro de Souza Lobo (1846-1913), o qual lecionou Matemática na Escola Normal de Porto Alegre. Em 1877, fundou o Colégio Particular Souza Lobo e um internato. Em 1914 foi instalado no prédio adquirido pelo Estado, na Avenida Bahia, arraial de São João, atual bairro São Geraldo, que compreendia uma área industrial em desenvolvimento no período republicano. A escola atendia o ensino primário com seis séries. A partir de 1939, passou a se chamar Grupo Escolar Souza Lobo, e, em 1976, Escola de Ensino Fundamental de 1º Grau. O prédio antigo da escola era formado por quatro edificações gêmeas, unidas por acessos e corredores (Figura 7). Atualmente, a escola permanece no mesmo endereço, atendendo a alunos do ensino fundamental (BASTOS, 2013, p.148).

Figura 7 – Conjunto arquitetônico da primeira edificação da Escola Estadual de Ensino Fundamental Souza Lobo



Fonte: (POSSAMAI, 2009, p.164)

Há, ainda, as instituições escolares constituídas a partir da década de 1950. Fundada em 1954, como Ginásio da Escola Normal 1º de maio, em 1958, recebeu o nome de Ginásio Cândido José de Godoy. Em 1966, passou a funcionar em novo local e prédio, no Bairro Navegante, local da atual sede. No mesmo ano, foi denominado Colégio Estadual Candido José de Godoi (KNEWITZ, 2013).

Na década seguinte, em 1962, foi oficializada a criação do Instituto de Educação São Francisco, como uma rede de escolas, com origem no ano de 1960, quando Padre Roberto Ludovico Roncato e mais cinco pessoas na antiga Vila Célio, na zona Norte de Porto Alegre, agora Vila Gleba, construíram uma escola com 1ª, 2ª e 3ª séries com 2 salas de aulas em 2 turnos. Em 1961, obteve a permissão provisória da Secretaria da Educação e, em 1962, foi oficializada. A escola foi transferida para um novo prédio construído no atual endereço e ao longo do tempo outras escolas foram sendo incorporadas. A escola oferece ensino confessional católico, de caráter educativo e filantrópico. No início de sua gestão, o Instituto de Educação São Francisco recebeu seminaristas numa importante parceria com a Arquidiocese, em parceria com a PUCRS que se instalou nas dependências do Instituto seu campus Zona Norte (REDE SÃO FRANCISCO, s/d, doc. eletrônico).

No mesmo ano, em 1962, foi criada a Escola Técnica Irmão Pedro, denominada inicialmente de Ginásio Comercial da Zona Norte, da rede de ensino pública. Iniciou suas atividades como anexo de outra, da Escola Técnica de Comércio Protásio Alves. Funcionava no prédio de uma fábrica de fogões que depois foi fechada, depois se mudou para a construção do novo e atual prédio. Conforme documento da escola (ESCOLA TÉCNICA IRMÃO PEDRO, s/data) o nome Irmão Pedro foi uma homenagem ao educador, cientista e esportista, pertencente à ordem de La Salle, o qual foi professor do subsecretário do Ensino Técnico, em 1962, João Bruza Neto.

Por último, a mais recente das instituições escolares que integra esse estudo, é a Escola de Educação Especial Bárbara Sybille Fischinger, de educação especial, que, embora seja da rede de ensino particular é de caráter filantrópico. Foi fundada, em 1988, por Bárbara Fischinger e presta atendimento a bebês, crianças e adolescentes com deficiências múltiplas e sem condições financeiras. Sua mantenedora é a Kinder Centro de Integração da Criança Especial.

Contemplando algumas escolas de Porto Alegre, detentoras de museus, memoriais e acervos escolares é possível observar alguns aspectos da trajetória do

ensino que podem ser considerados na repercussão, criação e manutenção dos museus escolares nessas escolas. Assim, ressalta-se o sentido da história da escola e da educação, o qual é salientado por Saviani (2008) acerca da importância de estudos acerca da escola para a memória da escola e da educação no Brasil⁹.

3.2 Museus escolares em Porto Alegre

O ensino e o tempo estão presentes nos museus escolares hoje por meio da cultura escolar. Segundo Dominique Julia (2001):

A cultura escolar é descrita como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos. (JULIA, 2001, p.9).

Dessa forma, as práticas de aula também podem ser investigadas através do museu de ciências, que ao longo de sua trajetória esteve presente no ensino como um recurso para auxiliar os professores no ensino de ciências. Assim, seu acervo e sua relação com a escola também integram a cultura escolar, possibilitando uma forma de investigação para a história da educação, uma vez que, conforme Nóvoa (2003), no contexto dos estudos da escola é preciso dar outro enfoque, analisar os diferentes discursos. Entre as possibilidades de estudo estão os usos, as práticas na escola.

⁹ Num contexto nacional e mais amplo em relação ao tempo, a história das instituições pode ser dividida em seis períodos. O primeiro (1549-1759) é dominado pelos colégios jesuítas. O segundo (1759-1827) é representado pelas "Aulas Régias", instituídas pela reforma pombalina como uma primeira tentativa de se instaurar uma escola pública estatal inspirada nas idéias iluministas. O terceiro período (1827-1890) consiste nas primeiras tentativas de se organizar a educação como responsabilidade do poder público, representado pelo governo imperial e pelos governos das províncias. O quarto período (1890-1931) é marcado pela criação das escolas primárias nos estados na forma de grupos escolares, impulsionada pelo ideário republicano. O quinto período (1931-1961) se define pela regulamentação, em âmbito nacional, das escolas superiores, secundárias e primárias, incorporando crescentemente o ideário pedagógico renovador. O sexto período se estende de 1961 aos dias atuais, dá-se a unificação da regulamentação da educação nacional abrangendo a rede pública (municipal, estadual e federal) e a rede privada (SAVIANI, 2005 apud SAVIANI, 2008).

Quanto ao museu escolar, ele começa a ser utilizado para o ensino com atividades vinculadas às práticas da escola. Essa relação pode ser apontada nos museus escolares, ampliando seu uso, considerando duas abordagens.

Na primeira abordagem, consideramos o museu escolar que foi designado para o ensino, constituído no passado e mantido em algumas escolas. Trata-se dos museus de ciências, os quais não vêm mais sendo criados, conforme as escolas investigadas. Embora utilizados para o ensino de ciências, nesses museus também é possível perceber um vínculo com o tempo, a partir de sua origem, enquanto museus escolares, com uma marca de ordem do tempo (HARTOG, 2006).

Na outra abordagem, está o museu escolar, voltado para a memória, constituído recentemente enquanto museu de história. Destaca-se que estes continuam sendo criados, com um objetivo institucional, para abrigar a memória da escola, reforçando o vínculo com o tempo, uma vez que se constituem como museus históricos.

Assim, além do foco na memória institucional, os museus históricos nas escolas contribuem para comunicar o patrimônio educativo e podem estabelecer o vínculo com o ensino, através de seu potencial como recurso pedagógico para as aulas de História.

Entre os museus levantados nesse estudo, criados a partir do início do século XX, estão os museus escolares de ciências. Os criados nas últimas décadas são de viés histórico, abrigando vestígios da memória escolar. Por isso não foram apenas divididos para apresentação dos dados coletados, em museus e memoriais. Coube, assim, dividi-los por sua tipologia: museus escolares de Ciências e museus escolares de História.

Entre as categorias já indicadas como museus, memoriais e acervos e a partir das duas abordagens que estão presentes nos museus escolares, o ensino e a memória, podemos, então, indicar as tipologias museus escolares de Ciências e museus escolares de História.

Para dar continuidade à apresentação do estudo, essa configuração pode ser vista na Tabela 3, a seguir.

Tabela 3 – Tipologias: museus escolares de Ciências e museus escolares de História

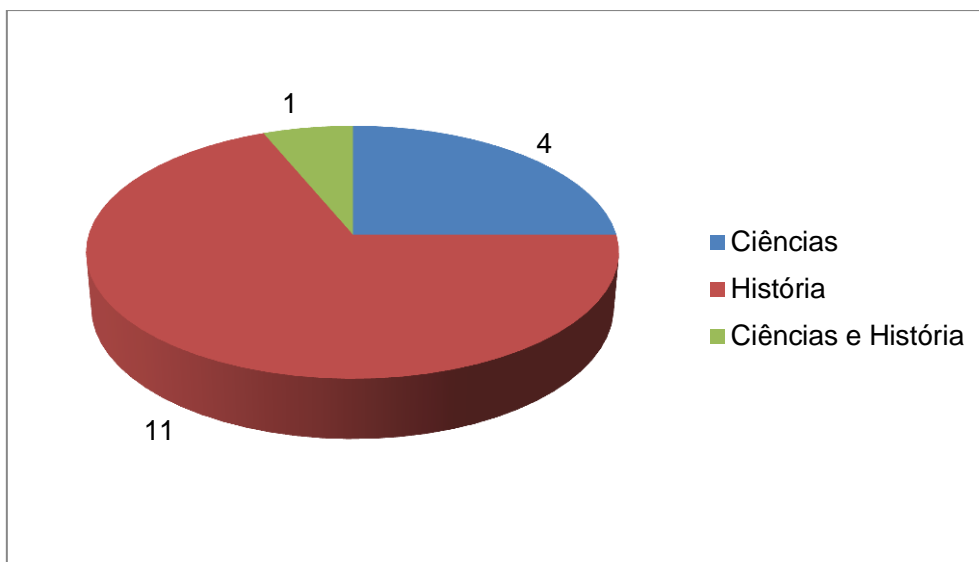
Museu, memorial e acervo		Ciências	Histórico	Ciências e Histórico	
Museus e Memorials	Museu Anchieta de Ciências Naturais				
	Museu de Ciências do Colégio La Salle Dores				
	Museu de Biociências Júlio de Castilhos				
	“Museu de Ciências” do Colégio Marista Nossa Senhora do Rosário				
	Museu Professora Roma do Instituto Estadual de Educação General Flores da Cunha				
	Memorial Sévigné				
	Memorial do Deutscher Hilsverein ao Colégio Farroupilha				
	Museu Metodista de Educação Bispo Isac Aço - MMEBI				
	Memorial São Francisco				
	“Memorial” Escola Técnica Estadual Irmão Pedro				
	Memorial do Colégio Bom Conselho				
	Memorial do Centenário Colégio La Salle Santo Antonio				
	Acervos	Instituto Estadual General Flores da Cunha			
		Escola Estadual de Ensino Fundamental Souza Lobo			
		Colégio Estadual Candido José de Godoi			
Escola de Educação Especial Bárbara Sybille					
Total: 16		4	11	1	

Fonte: Dados da pesquisa

Observando a distribuição da Tabela 3, verifica-se que, além da tipologia “ciências” e “história”, há a tipologia “ciências e história”, pois o Museu Metodista de

Educação Bispo Isac Aço - MMEBI apresenta as duas tipologias. Essa distribuição também pode ser observada através do Gráfico 4, a seguir.

Gráfico 4 – Tipologias: museu escolar de Ciências e museu escolar de História



Fonte: Dados da pesquisa

Através do Gráfico 4, é possível visualizar a predominância da tipologia “museus de História”, incluindo os memoriais e acervos.

Pode-se inferir que isso ocorra, pois as escolas não continuaram constituindo museus de ciências ou, se outros existiram, foram fechados, como também a preocupação com a memória, levando as escolas a constituírem memoriais.

No Quadro 2, a seguir, pode-se ver essa distribuição, a qual passa a ser utilizada no trabalho, considerando museus de ciências e museus de história¹⁰.

¹⁰ O Museu Metodista de Educação Bispo Isac Aço- MMEBI possui os Núcleos Ciências e História, assim, optou-se por inseri-lo nas duas tipologias, como pode ser visto no Quadro 2.

Quadro 2 – Tipologias dos museus escolares

	Museu, memorial e acervos	Data	Instituição escolar
CIÊNCIAS	Museu Anchieta de Ciências Naturais	1908	Colégio Anchieta
	Museu de Ciências do Colégio La Salle Dores	1930	Colégio La Salle Dores
	Museu Metodista de Educação Bispo Isac Aço - MMEBI	2010	Colégio Metodista Americano
	Museu de Biociências Júlio de Castilhos	1960	Colégio Estadual Júlio de Castilhos
	“Museu de Ciências”	1960	Colégio Marista Nossa Senhora do Rosário
HISTÓRIA	Acervo	...	Instituto Estadual General Flores da Cunha
	Museu Professora Roma	1993	Colégio Estadual Júlio de Castilhos
	Memorial Sévigné	2000	Colégio Bom Jesus Sévigné
	Memorial do Deutscher Hilsverein ao Colégio Farroupilha	2002	Colégio Farroupilha
	Museu Metodista de Educação Bispo Isac Aço - MMEBI	2010	Colégio Metodista Americano
	Memorial São Francisco	2012	Instituto de Educação São Francisco
	“Memorial”	2012	Escola Técnica Estadual Irmão Pedro
	Memorial do Colégio Bom Conselho	2013	Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho
	Memorial do Centenário	2013	Colégio La Salle Santo Antonio
	Acervo	...	Escola Estadual de Ensino Fundamental Souza Lobo
	Acervo	...	Colégio Estadual Candido José de Godoi
Acervo	...	Escola de Educação Especial Bárbara Sybille	

Fonte: Dados da pesquisa

A partir dessas considerações, este segmento do trabalho aborda os museus escolares em “Museus Escolares de Ciências” e “Museus Escolares de História”.

3.2.1 Museus escolares de Ciências

Pode-se dizer que a trajetória das instituições escolares deixou uma grande herança dessa cultura escolar com os museus de ciências, que podem contribuir para os estudos da história da Educação e da Museologia. A escola ensina e vem acumulando a cultura material, o museu ensina e abriga esse patrimônio. Valente (2005) fala sobre a relação entre museu e ciência:

Ampliando sua dimensão educativa, os museus, como espaços de preservação e guardiões do passado, aproximam-se dos aspectos da ciência contemporânea e também contemplam a visão de que a historicidade é característica relevante para se pensar cientificamente, ou seja, o universo é sujeito de transformação permanente e portanto, tem uma história. (VALENTE, 2005, p. 54).

Dividindo essas funções, pode-se considerar que há, atualmente, “dois museus escolares”, o que permanece voltado para o ensino e o que desperta para a memória. Os museus de ciências na escola parecem também permear a memória, preservando um patrimônio científico e também didático, sendo importantes para a trajetória do ensino. Assim, a aplicação enquanto função de ensino para a escola é uma característica marcante do museu escolar. Com uma trajetória peculiar em relação a outros museus “o museu escolar de ciências” se insere na proposta da escola, se adequando a mesma ao longo do tempo, como um espaço de ensino e de pesquisa científica. Cabe salientar, que outros museus podem ter sido criados no âmbito de Porto Alegre e anteriores aos pesquisados sem terem permanecido no tempo. Desse modo, o percurso do estudo começa no início do século XX.

No transcorrer das três primeiras décadas do século XX, os pontos de vista educacional e científico tiveram diferentes impactos nos museus, levando-os a uma reconfiguração. Do lado científico, a especialização de áreas do conhecimento provocou o surgimento de novos espaços de pesquisa, deslocando essa função dos museus para outros lugares. No que se refere ao aspecto educacional, acirrou-se seu papel pedagógico de cooperação com o ensino formal, instalando-se na instituição a característica da escolarização¹¹ [...]. (VALENTE *et al*, 2005, p.186).

O museu escolar inicia voltado para o ensino e com o surgimento dos museus de ciências essa relação permanece, por estarem inseridos na escola ou por se

¹¹ Ver LOPES, M. M. A favor da desescolarização dos museus. *Educação e Sociedade*, n. 40, p. 443-55. 1992.

tratar de uma tendência dos museus. Especificamente os museus de ciências, estreitaram essa relação, colaborando com o ensino formal. Em uma relação mais ampla com a educação, para Valente (2005), são eleitos como fontes importantes de aprendizagem e podem contribuir para o enriquecimento cultural científico dos indivíduos. Neste caso, o museu escolar desponta, uma vez que já está formalmente vinculado à escola e ao ensino curricular. Nos museus pesquisados, observa-se que os espaços de ciência são formalmente constituídos pela escola e todos denominados museus. Outras especificidades¹² dessa trajetória e da realidade atual se constituem como desdobramento para fazer algumas caracterizações dos museus de ciências existentes nas escolas de Porto Alegre.

Apresentando informações coletadas na pesquisa, o texto procura mostrar aspectos acerca do funcionamento, espaço e atividades, acervo e um breve histórico de cada museu, identificando como se dá a relação do museu escolar de ciências, com o ensino. Como já foi exposto, são poucos os museus de ciências existentes nas instituições escolares de Porto Alegre e entre eles, cabe salientar, que alguns não estão em funcionamento no momento, uma vez que passam por readequações e redefinições. Assim, as atividades que dependem do museu aberto ao público podem não ocorrer¹³. Essa situação pode ser vista na Tabela 4, a seguir.

Tabela 4 – Situação dos museus escolares de Ciências

Museus escolares de Ciências	Aberto	Com restrições
Museu Anchieta de Ciências Naturais		
Museu de Ciências do Colégio La Salle Dores		
Museu Metodista de Educação Bispo Isac Aço - MMEBI		
Museu de Biociências Júlio de Castilhos		
“Museu de Ciências” do Colégio Marista Nossa Senhora do Rosário		
	3	2

Fonte: Dados da pesquisa

¹² Informações coletadas por meio de questionário (Apêndice B) como parte da metodologia de pesquisa. Outras fontes também complementaram as informações.

¹³ Estes museus não estão fechados, caso contrário, não atenderiam os critérios desse estudo.

Um dos motivos expostos pelos responsáveis dos dois museus entrevistados, o Museu de Ciências do Colégio La Salle Dores e o Museu de Biociências Júlio de Castilhos, por estarem no momento com restrições, se relaciona à questão espacial. A escola percebe a necessidade de adequar o espaço para sua utilização para o ensino e também para visibilidade do acervo. Pode-se considerar que os museus que estão abertos (em funcionamento), conforme a Tabela 4, acima, possuem um local apropriado para realizar suas atividades.

Entre esses, está o Museu Anchieta de Ciências Naturais, fundado em 1908, que atualmente funciona em um amplo espaço projetado na construção do Colégio, na atual sede, inaugurada em 1967. Entretanto, o museu já funcionava na primeira sede do colégio, tendo sido criado poucos anos depois da constituição da escola em 1908, por Padre Pio Buck, “um apaixonado por pesquisa científica” (COLÉGIO ANCHIETA, 1990, p. 6).

Seu fundador colecionou um significativo acervo zoológico, altamente representativo da fauna do Rio Grande do Sul, coletando exemplares na periferia de Porto Alegre, ao mesmo tempo em que mantinha intercâmbio com dezenas de instituições científicas. Padre Pio Buck nasceu na Suíça, ingressou na Companhia de Jesus e, posteriormente, veio para o Brasil, em 1908, e, no mesmo ano ingressou no Colégio Anchieta como professor, criando o museu e dirigindo-o, de 1917 a 1972, quando assumiu o atual coordenador, o professor Fernando Rodrigues Meyer (COLÉGIO ANCHIETA, 1990).

Destaca-se que na época de sua fundação tinha como principal atividade a pesquisa e a organização de coleções, formadas a partir de exemplares da fauna e da flora do Rio Grande do Sul¹⁴. Com o passar do tempo, em 1972, devido ao maior contato com os alunos, o museu passou a proporcionar atividades pedagógicas e didáticas, sempre voltadas às Ciências Naturais¹⁵ (MUSEU ANCHIETA, 201-). Nesse âmbito, cabe ressaltar que os museus são veículos de representações e,

¹⁴ A importância da pesquisa científica no Colégio Anchieta através de seus pesquisadores, como exemplo o Padre Balduino Rambo, botânico e antropólogo, o qual trabalhou no colégio da década de 1930 até a década de 1960, fundou o Instituto Anchieta de Pesquisas. Também dirigiu o Departamento de História Natural da Divisão de Cultura da Secretaria de Educação e o Museu Rio-Grandense de História Natural (COLÉGIO ANCHIETA, 1990).

¹⁵ O Museu é vinculado administrativamente ao colégio Anchieta e tem como mantenedora a Sociedade Antonio Vieira (Companhia de Jesus).

sendo assim, em sua dimensão comunicativa e educativa não podem descuidar de sua relação com o público.

O local onde o Colégio Anchieta iniciou suas atividades, em 1908, foi a sede anterior do colégio, na Rua da Igreja, atual Duque de Caxias (Figura 8). O prédio ficava situado ao lado do Museu Julio de Castilhos (COLÉGIO ANCHIETA, 1990), o qual, nesse período, também se caracterizava como um museu de ciências, em virtude de seu acervo, como outros museus da época:

[...] o Museu Anchieta de História Natural em Curitiba, fundado, em 1902, por José Venâncio de Melo; o Museu Julio de Castilhos, em Porto Alegre, criado em 1903, que, voltado para a história gaúcha, possuía importantes coleções de História Natural e Etnografia [...] Suas coleções de produtos naturais foram transferidas na década de 1950 para o Museu Rio-Grandense de Ciências Naturais. (LOPES, 1997, p. 224).

Figura 8 - Sede anterior do Colégio Anchieta (ao lado esquerdo do prédio do Museu Julio de Castilhos)



Fonte: (COLÉGIO ANCHIETA, 1990, p. 60)

Mesmo ao lado do Museu Júlio de Castilhos, pode-se indicar sua invisibilidade, o que poderia ser explicada por estar inserido no contexto escolar e não dos grandes museus, apontando-se para que sejam realizados estudos no âmbito da história dos museus.

Sobre a constituição dos museus de Ciências Naturais, nesse período, Lopes esclarece que:

De 1892 às primeiras décadas do século XX, quando se dá a perda de hegemonia científica do Museu Nacional no embate com as novas instituições existentes, tais como o Museu Paulista e o Museu Paraense Emílio Goeldi. Esse período delimita o 'fim da Era dos Museus', também no país. A especialização crescente das Ciências Naturais constituindo novos espaços institucionais, para melhor adequação a seus fins, desloca desses centros para os laboratórios a prioridade dos estudos experimentais. (LOPES, 1997, p.24).

Nessa perspectiva, o Museu Anchieta de Ciências Naturais, enquanto museu escolar e voltado para as Ciências Naturais, poderia se inserir como um desses novos espaços?

O Museu Anchieta de Ciências Naturais (Figura 9) é utilizado para o ensino de Ciências, com atividades educativas que visam a complementar e a aprimorar o currículo. A especificidade do seu acervo relacionada com a divisão em coleção científica e didática, o que pode ser considerado na maneira do museu atingir seus objetivos, entre eles, envolver a comunidade escolar em atividades científicas e culturais; fornecer material didático a fim de aprimorar e enriquecer o trabalho escolar, desenvolver o sentimento de respeito à natureza, oferecendo condições para a construção de uma consciência ecológica (MUSEU ANCHIETA, 2001-).

O Museu divide seu acervo em coleções científicas e acervo didático, incluindo material de Zoologia, Botânica e Paleontologia, Mineralogia e Petrologia, Astronomia e Arqueologia. Quanto à documentação, existe um Livro Tombo para registro do acervo, os itens estão inventariados com as quantidades. O acervo científico não está todo exposto, há uma reserva técnica para a guarda em prédio anexo. Além do material coletado da natureza, possui documentos escritos e

relatórios de atividades. Para as atividades com os alunos há caixas didáticas de zoologia, vídeos, CD-ROM, modelos plásticos e pôster (MEYER, 2013)¹⁶.

Figura 9- Museu Anchieta de Ciências Naturais



Fonte: Foto de Nara Beatriz Witt. 2013.

Para realizar suas atividades, o museu também se divide em dois setores bem definidos, o Científico e o de Educação, ficando bem claro seu caráter educativo. O setor educativo engloba a exposição de longa duração, que contempla atividades extracurriculares - cursos, oficinas, palestras e saídas de campo; complementação e apoio de atividades curriculares, quando solicitados pelos professores; exposições temporárias; confecção de materiais didáticos variados; e saídas de campo com os alunos. Entre seus objetivos, também está envolver a comunidade escolar em atividades científicas e culturais¹⁷ (MUSEU ANCHIETA, 2001-).

¹⁶ Depoimento a mim concedido em entrevista.

¹⁷ Conforme a professora Dr^a. Maria Helena Camara Bastos, entre essas atividades, pode-se destacar as Feiras de Ciências do Colégio, que ocorrem há muitos anos.

Há programas semestrais e por nível de formação escolar faz ações de forma conjunta com a escola e os professores, que solicitam atividade para o museu, sugerem ou solicitam temas a serem trabalhados, principalmente aves, peixes, antropologia, paleontologia (menos física e química). A maioria dos professores da escola faz visitação ao espaço com seus alunos, os de educação infantil até o ensino médio, todos de Biologia e Pedagogos. O destaque maior do museu é para atender a escola em zoologia, paleontologia, botânica e geologia - rochas e minerais (MEYER, 2013).

Assim, o Museu Anchieta de Ciências Naturais consegue diversificar suas atividades e, além da coleção didática, permanece a científica, com um importante trabalho de pesquisa. Essa característica pode indicar o que mais lhe diferencia entre o restante dos museus de ciências levantados na pesquisa, manter a atividade científica e atividade de ensino. .

Na década de 1930, o próximo museu de ciências constituído, entre os que foram identificados, pode ter sido o Museu de Ciências do Colégio La Salle Dores (Figura 10), conforme Márcia Eloísa Bobsin, professora responsável pelo Museu, pois provavelmente foi fundado quando era Ginásio Nossa Senhora das Dores (BOBSIN, 2013)¹⁸. Seu fundador, o professor de História Natural Irmão Augusto Düflot, criou os museus de Botânica, Mineralogia e História Natural no Colégio. Em 1940, organizou um herbário para uma exposição de História Natural, época em que já era grande a participação de alunos, uma vez que os trabalhos práticos facilitavam a assimilação dos conhecimentos teóricos, assim, muitos foram os professores que incentivaram aulas no Museu de Ciências. Em 2002, o museu foi totalmente reestruturado, inclusive com restauração do acervo e renovação como um espaço de estudo aos alunos, tendo sido aberto à visitação externa (COLÉGIO LA SALLE DORES, 2002?).

Atualmente, o museu está em um processo de readequação de espaço, assim a sala que ocupava foi desativada e o acervo está aguardando a definição do novo espaço para ser reorganizado. Dessa forma, não é possível, no momento, realizar visitação ou outras atividades (BOBSIN, 2013).

¹⁸ Depoimento a mim concedido em entrevista.

Figura 10 - Irmão Augusto Düflot no Museu de Ciências do Colégio La Salle Dores, 1940



Fonte: Acervo do Colégio La Salle Dores.

Também criado na década de 1930, como Museu de Ciências do Colégio Metodista Americano, atualmente é um núcleo do Museu Metodista de Educação Bispo Isac Aço – MMEBI (Figura 11), criado em 2010, com o objetivo de uso didático-pedagógico de exemplares da diversidade da flora e da fauna.

Quando o museu de ciências foi fundado, em 1931, funcionava na antiga sede do colégio. Na década de 1970, foi desativado, uma vez que suas atividades haviam diminuído, voltando a funcionar em 1999 em outro prédio. Em 2002, com a integração dos Colégios IPA (Instituto Porto Alegre) e Americano e de suas faculdades, e, com o Projeto de Reformulação da Rede Metodista de Educação – IPA, o Museu é reinaugurado, em 2003, em novo espaço para exposição, atividades técnico-administrativas, reserva técnica e acervo científico e didático. Em 1994, quando ocorre a fusão com o museu histórico do Colégio, passou a fazer parte do Núcleo de Biociências e Tecnologia, denominando-se Sala de Biociências. Em 2006, passou por uma reorientação, se articulando com a Educação Básica e Ensino Superior de Ciências. Em 2010, originou-se o atual núcleo de ciências Museu Metodista de Educação Bispo Isac Aço – MMEBI, funcionando no Prédio Miss Ruth Anderson no Campus Americano (SILVA, 2011).

Atualmente, o Núcleo utiliza para exposição o andar térreo do Prédio Miss Ruth Anderson no Campus Americano e possui uma exposição de longa duração, que retrata a fauna e flora de Porto Alegre. Embora esteja em um período de transição administrativa, mantém suas atividades. O Museu é aberto a pesquisadores e ao público externo, realiza encontro com apresentação de palestras e utiliza o acervo na exposição para fazer atividades com os professores (MORATES, 2013)¹⁹.

Figura 11 - Núcleo de Ciências do Museu Metodista de Educação Bispo Isac Aço – MMEBI



Fonte: Foto de Nara Beatriz Witt. 2013

Conforme Lucas Morates (2013), coordenador do Museu, todo o acervo está exposto. Entre os itens, os quais estão inventariados, possui animais taxidermizados, esqueletos, coleção de animais conservados em meio líquido e meio seco; coleção de sementes, além do acervo geológico e paleontológico. O coordenador, que atua também no Núcleo Histórico do Museu, não possui conhecimento específico para o Núcleo de Ciências, possui formação em

¹⁹ Depoimento a mim concedido em entrevista.

Museologia e História. É o único, entre os museus desse estudo, a ter um museólogo em seu quadro, além de se dedicar somente ao museu.

Os outros dois restantes museus escolares de Ciências existentes na cidade de Porto Alegre, levantados na pesquisa, foram criados na década de 1960. Quanto ao período, Valente *et al.* (2005) indica um momento de mudanças no contexto do ensino e das ciências no Brasil, exemplificado pela criação na década de 1950, do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC), por sugestão da Unesco, marcando a inovação do ensino de ciências e o fortalecimento do ensino experimental. Ainda, na década de 1960, ocorrem modificações na estrutura curricular do ensino de ciências:

As tradicionais disciplinas científicas – matemática, física, química e biologia – passaram a exigir maior variedade de materiais didáticos e aparelhagem de laboratórios, a fim de garantir um ensino apoiado na vivência do método usado pelos cientistas para a produção de conhecimento. (VALENTE *et al.*, 2005, p.18).

Nessa perspectiva, de preocupação com o ensino de Ciências, estimando-se como período que dá continuidade na criação dos museus estudados, está o Colégio Estadual Júlio de Castilhos, o qual criou um museu de Ciências por volta da década de 1960, data apontada, de acordo a catalogação existente, por Eunice Abreu (2013)²⁰, professora responsável pelo Museu.

Denominado Museu de Biociências Júlio de Castilhos (Figura 12), iniciou suas atividades para exposição de materiais e para ser utilizado nas aulas, por iniciativa de um professor da escola. No momento, está sendo readequado²¹, para ocupar uma sala mais ampla na escola, para que “Tenha condições de cumprir seu objetivo de formar os alunos com a ideia da preservação” (ABREU, 2013, informação verbal).

O Museu é utilizado para aulas práticas de ciências da disciplina de Biologia para o 2º ano²², para botânica e zoologia. Os alunos coletam e preparam material para coleção didática a ser utilizada no próximo ano, por outros alunos. São elaboradas caixas didáticas para atividades do ensino. Possui exposição de longa duração e realiza também atividades relacionadas a um grupo de ecologia. O acervo

²⁰ Depoimento a mim concedido em entrevista.

²¹ Embora não esteja no momento em funcionamento, foi possível conhecer seu atual espaço e acervo.

²² O colégio possui apenas ensino médio.

é utilizado para o ensino e contém: uma pequena coleção de minerais, artrópodes, moluscos, equinodermos, répteis, peixes e um esqueleto humano, além do herbário (ABREU, 2013).

Figura 12 - Museu de Biociências Júlio de Castilhos



Fonte: Foto Nara Beatriz Witt. 2013

No final da década de 1960, foi inaugurado oficialmente o Museu de Ciências do Colégio Marista Nossa Senhora do Rosário, uma velha aspiração da escola. O museu foi criado em 1968, sob a coordenação do professor Jeter Bertoletti²³, que ministrou aulas de História Natural no Colégio, nas décadas de 1960 e 1970. O acervo foi formado com a coleta de materiais com fins didáticos (FERREIRA, 2013)²⁴.

Conforme Valéria Oliveira Ferreira (2013), professora responsável pelo Museu, ele funciona na mesma sala desde sua abertura. Nesta sala, que pode ser considerada ampla para as atividades com o público, realiza exposição de longa

²³ Foi o fundador e primeiro diretor do Museu de Ciências e Tecnologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (MCT PUCRS). Ressalta-se que o Museu de Ciências dessa universidade também fora fundado na década de 1960.

²⁴ Depoimento a mim concedido em entrevista.

duração, onde todo o acervo está exposto, uma vez que, seu papel é didático. O espaço é utilizado para aulas práticas em Ciências Naturais e Biologia abrangendo desde o Ensino Infantil até o Médio. As ações do museu são realizadas de forma conjunta com a escola com roteiros elaborados pelos professores, que também solicitam aulas práticas com materiais do museu e sugerem ou solicitam algum tema para ser trabalhado, principalmente temas relacionados à zoologia. As aulas práticas em Ciências Naturais e Biologia abrangem desde o Ensino Infantil até o Médio.

Seu acervo, cujos itens ainda não foram inventariados, utilizado somente para o ensino, inclui: animais; rochas em armário de vidro, animais em armários de metal, animais taxidermizados – aves, mamíferos, répteis, rochas, fósseis, esqueletos ou ósseos (replica); em álcool – mamíferos, répteis, anfíbios, peixes, artrópodes, moluscos, crustáceos, cnidários e equinodermas (FERREIRA, 2013).

Em relação à visitação, o Museu de Ciências do Colégio Marista Nossa Senhora do Rosário (Figura 13) se difere, pois não recebe público externo, voltando-se somente para escola. A relação próxima do museu com a escola pode ser percebida na interação com os professores, em suas propostas e realização de atividades.

Figura 13 - Museu de Ciências do Colégio Marista Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Foto de Nara Beatriz Witt. 2013.

Os museus em suas atividades trabalham o patrimônio de seu acervo, que também é patrimônio da escola, assim, além de catalogar, pesquisar, o museu precisa comunicar. Esse espaço da escola acolhe uma materialidade real e simbólica (ESCOLANO, 2010), que pode ser utilizada, interpretada em suas atividades educativas.

Assim, destaca-se a importância dos museus escolares de ciências nas escolas trabalharem seu acervo, pois,

As coleções adquiridas e os espécimes que continuam sendo coletadas e conservados nos Museus de História Natural são peças chaves para o desenvolvimento desta área do conhecimento. As exposições e as diversas ações educativas desenvolvidas por eles têm o dever de informar ao público a importância deste acervo. As coleções são fundamentais para nos contar grande parte da história das Ciências Naturais, seja em seus aspectos universais, seja naqueles relacionados ao contexto local. É também com base nessas histórias que as ações educativas devem se pautar. (MARANDINO, 2009, p.10)

Ressalta-se, ainda, a História da Educação como uma forma de dar atenção aos objetos que fazem parte de um patrimônio material e imaterial na escola (ESCOLANO, 2010), considerando a cultura material escolar que está também abrigada, preservada no museu de ciências, fazendo uma conexão da história das ciências naturais com a da educação.

É possível visualizar uma mudança no percurso dos museus de ciências nas escolas, assim como ocorreu nos museus de ciências no âmbito dos museus de História Natural, que iniciam voltados para o estudo dos materiais naturais na perspectiva da pesquisa científica e na sua trajetória incorporam o caráter educativo, assim:

É fundamental a mudança da antiga concepção de museu como lugar de guarda de coleções. O museu instituição de preservação das produções da natureza e do espírito humano é também local de comunicação cultural ampliando sua atuação sobre os registros do saberes da fruição. (VALENTE, 2005, p. 57).

Os museus escolares de ciências se tornaram recursos pedagógicos para a escola, com um importante papel para o ensino e para a instrução pública. O museu e a escola passam a ser relevantes num contexto de mudanças no ensino que se volta para a modernidade. Nessa perspectiva, os estudos de Possamai (2012a),

vinculados aos primeiros anos de funcionamento do Museu do Estado do Rio Grande do Sul, apontam a observação como proposta de ensino implantada pelo Estado no sistema de ensino.

Conforme a autora, a escola encontrou nesse museu um laboratório profícuo para o exercício do método intuitivo, assim como o museu forneceu à escola materiais necessários para o ensino de Lição de Coisas. Também aponta algumas medidas por parte do governo que são indicativas da aplicação do novo método na escola, entre elas o Regulamento do ensino em 1891, prevendo a adoção do método e o Decreto nº 89 que reorganizou a instrução primária, prevendo nas escolas elementares o novo método, e ainda, noções concretas de ciências físicas e história natural.

Assim, essa indicação para Possamai (2012a), aproxima o método aos museus de Ciências Naturais surgidos no mundo entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX. Essa relação escola museu é ressaltada pela autora no Museu do Estado, como colaborador para o material necessário para o ensino de Lições de Coisas, uma vez que, preparou 1000 coleções para serem enviada às escolas.

Para evidenciar a relação entre museu, educação e ciências com o método intuitivo, a qual é também apresentada neste texto como forma de tentar compreender os museus de ciências nas escolas, voltados para o ensino, cabe observar ainda nas palavras da autora, que:

É possível observar, assim, que no Brasil o movimento dos museus entre o final do século XIX e primeiras décadas do século XX era solidário ao movimento da educação por alcançar as ideias de uma modernidade pedagógica, onde a adoção da perspectiva científica colocava e voga o método Lição de Coisas. No caso do Rio Grande do Sul, essa aproximação pode ser verificada entre o Museu do Estado e o ensino, seja pela presença dos escolares nos espaços do museu, seja pela contribuição da instituição em organizar coleções didáticas para as escolas. (POSSAMAI, 2012a, p. 11).

A relação entre ciência e ensino permanece nesses museus escolares existentes e se amplia, através do acervo, da exposição e das atividades que a complementa. Científico ou apenas didático, o acervo de ciências representa a natureza e se torna um recurso para o ensino, cumprindo no museu o seu papel em colocar crianças e adolescentes em contato com recursos naturais, oportunizando

situações de descoberta, a construção de conhecimento e a mudança de atitude e relação à natureza (MUSEU ANCHIETA, 2001-).

Ressalta-se, então, a relação entre ciência, educação e museu, ao longo do tempo, evidenciando o caráter educativo dos museus, que se especializam em coleções didáticas para as atividades curriculares da escola, reafirmando sua aplicação para o ensino.

3.2.2 *Museus escolares de História*

Apresenta-se nesta seção a segunda abordagem do trabalho que trata os museus escolares voltados para uma nova aplicação: a memória. Resultado de uma preocupação recente da escola com a preservação da cultura escolar, os museus escolares passam a configurar-se como museus históricos. Mas, para isso é necessário que o museu:

Além de evocar e celebrar o passado, um museu deve organizar-se de maneira a mostrar a sociedade como organismo vivo, sujeito a mudanças. Assim, o museu histórico contribui para o enriquecimento da consciência histórica [...]. (MENESES, 1992a, p.7).

Dessa preocupação com a memória, para Nora (1993), o fato de se falar tanto em memória é porque ela não existe mais, por isso a sociedade preocupa-se em edificar os lugares de memória. O autor também destaca que história e memória se diferem, a memória é um fenômeno atual e a história uma representação do passado.

Museu e memória se aproximam em um contexto dinâmico de mudanças e também de lembrança e esquecimento, e dessa forma o museu escolar também pode se aproximar do museu histórico na percepção dessa “consciência histórica”. A cultura material escolar, resultado de uma produção e utilização de objetos relacionados ao ensino, passa a constituir uma nova configuração dos museus escolares, passa a abrigar traços da memória produzida pela escola. E enquanto museus, considerados históricos, devem se voltar para os problemas históricos, e não para os objetos históricos (MENESES, 1992a).

Dessa forma, pode-se ver a importância do acervo, através da sua materialidade, para constituir o museu escolar e contribuir para a história da

educação. O museu escolar se torna um meio no presente para uma busca sobre a educação escolar no passado como práticas históricas na produção de formas de pensar, sentir, atuar e ver (POPKEWITZ *et al.*, 2003). Assim, no museu escolar se aproximam aspectos de museu, escola, memória, história, educação, história da educação e história dos museus. Nessa relação entre memória e história, os materiais da cultura escolar podem ser objetos de estudo, situando-se no campo da História na renovação dos objetos estudados (NÓVOA, 2003).

Para compreender esses espaços representativos da memória para as instituições escolares, apresentam-se os museus, memoriais, e também os acervos ainda não musealizados, identificados pela pesquisa, bem como alguns aspectos relacionados à necessidade de criação desses espaços nas escolas e de seu funcionamento, na busca pela memória. Para verificar a relação entre esses museus e acervos constituídos na busca pela memória, identificando também suas especificidades, começamos por visualizá-los novamente no Quadro 3, a seguir.

Quadro 3 - Museus, memoriais e acervos históricos

	Museu, memorial e acervo histórico	Data	Instituição escolar	Data
HISTÓRIA	Acervo	...	Instituto Estadual General Flores da Cunha	1869
	Museu Professora Roma	1993	Colégio Estadual Júlio de Castilhos	1900
	Memorial Sévigné	2000	Colégio Bom Jesus Sévigné	1900
	Memorial do Deutscher Hilsverein ao Colégio Farroupilha	2002	Colégio Farroupilha	1886
	Museu Metodista de Educação Bispo Isac Aço - MMEBI	2010	Colégio Metodista Americano	1885
	Memorial São Francisco	2012	Instituto de Educação São Francisco	1962
	“Memorial”	2012	Escola Técnica Estadual Irmão Pedro	1962
	Memorial do Colégio Bom Conselho	2013	Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho	1905
	Memorial do Centenário	2013	Colégio La Salle Santo Antonio	1913
	Acervo	...	Escola Estadual de Ensino Fundamental Souza Lobo	1914
	Acervo	...	Colégio Estadual Candido José de Godoi	1954
	Acervo	...	Escola de Educação Especial Bárbara Sybille	1988

Fonte: Dados da pesquisa

Verifica-se no Quadro 3 museus, memoriais e acervos históricos. Identifica-se as escolas que musealizaram seu acervo, através da criação de um museu ou memorial e a escola que guarda o acervo. Sobre o acervo, é importante ressaltar que:

De manera general, una colección se puede definir como um conjunto de objetos materiales e inmateriales (obras, artefactos, mentefactos, especímenes, documentos, archivos, testimonios, etc.) que um individuoo um establecimiento, estatal o privado, se han ocupado de reunir, clasificar, seleccionar y conservar en um contexto de seguridad para comunicarlo, por lo general, a um público más o menos amplio. (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2009, p. 26).

Em um primeiro momento são vistos os acervos existentes nas escolas pesquisadas. Iniciando a análise, verifica-se na tabela que dois dos acervos históricos estão em escolas mais antigas e entre eles há escolas públicas e privadas, o que pode ser observado no Quadro 4, a seguir.

Quadro 4 - Acervos históricos não musealizados

Instituição escolar		Data	Pública	Privada
ACERVOS HISTÓRICOS	Instituto Estadual General Flores da Cunha	1869		
	Escola Estadual de Ensino Fundamental Souza Lobo	1914		
	Colégio Estadual Candido José de Godoi	1954		
	Escola de Educação Especial Bárbara Sybille	1988		

Fonte: Dados da pesquisa

Entres os 4 acervos localizados, 3 pertencem a escolas públicas, sendo que uma delas é a mais antiga - o Instituto Estadual General Flores da Cunha, criado em 1869. A outra escola data do início do século XX – a Escola Estadual de Ensino Fundamental Souza Lobo, também pública. Um pouco mais recente, entre as escolas pesquisadas, está o Colégio Estadual Candido José de Godoi, também de ensino público. E por último a Escola de Educação Especial Bárbara Sybille. Esses

dados podem indicar a dificuldade no ensino público de institucionalizar um espaço de memória perante o ensino privado, apesar da relevância dessas escolas para contribuir com os estudos da escola e da história da educação, ainda não possui acervo organizado, tão pouco um espaço institucionalizado.

A escola que começou no “antigo Liceu da Duque”, conforme uma das representantes da Associação de Ex-alunas, o Instituto Estadual General Flores da Cunha, possui acervo exposto em uma sala próxima à direção da escola, reunida nesta sala por volta do ano de 2000. Contudo, Alessandra Nunes (2013)²⁵, vice-diretora da escola, destaca que, trata-se somente de acervo exposto em uma sala, uma vez que não é propriamente uma exposição. Parte da cultura material da escola está reunida nesta sala, que também possui outra função, além de abrigar o acervo, são realizadas reuniões. Essa sala, denominada “histórica” pela escola, reúne objetos, em sua maioria, mobiliário, contudo, não se caracteriza, ainda, um espaço instituído oficialmente pela escola. Essa condição não propicia a realização de atividades em torno do acervo, da pesquisa e da comunicação, neste caso seu uso se dá pela contemplação, não se problematiza os objetos. Mesmo assim, alguns professores visitam o espaço com seus alunos, não sendo, entretanto, realizada nenhuma ação paralela à visita ou mesmo mediação, pois também não há funcionário responsável pelo acervo.

Conforme Nunes (2013), o acervo, que em parte está exposto, foi reunido por uma professora que também foi a responsável pela tentativa de criar um memorial, entretanto, a mesma se afastou da escola e o trabalho não teve continuidade. Há também material guardado na sala da Associação das ex-alunas do colégio e um arquivo histórico com fotografias e documentos, como atas, relatórios, informações sobre alunos livros pontos, atas de reuniões e diários de classe. Com a restauração prevista do prédio, a escola tem a intenção de utilizar e adequar um novo espaço para criar um memorial (NUNES, 2013).

Assim, o Instituto Estadual General Flores da Cunha (Figura 14) demonstra uma preocupação com a sua cultura escolar, guardando a materialidade dessa cultura.

²⁵ Depoimento concedido a mim em entrevista.

Figura 14– Acervo histórico, Instituto Estadual General Flores da Cunha



Fonte: Foto de Nara Beatriz Witt. 2013

Outra escola pública também detém acervo. Trata-se da Escola Estadual de Ensino Fundamental Souza Lobo, criada em 1914. E da mesma forma, ainda não criou seu espaço de memória. Embora ainda não exista um museu ou memorial na escola, existe a intenção em criá-lo. Nessa escola o pequeno acervo está na biblioteca. Jane Basso, bibliotecária, cuida do acervo, mas como exerce essa função não possui tempo para reunir o restante do acervo e organizá-lo.

Mesmo com dificuldades, segundo Basso (2013)²⁶, há a expectativa que seja criado um memorial para comemoração do centenário da escola, que ocorrerá no próximo ano, em 2014. Para Jane Basso, o memorial que será criado em uma sala próxima à biblioteca, onde hoje se encontra guardado algum acervo tridimensional, terá como objetivo abrigar a história da escola.

O acervo começou a ser reunido quando a bibliotecária Jane Basso veio para a escola e começou a sentir necessidade de buscar a história da instituição para fazer atividades e elaborar materiais para a escola e para a biblioteca, como

²⁶ Depoimento concedido a mim em entrevista

cartazes. Nem todos os itens estão reunidos e ainda precisam ser organizados, por isso ainda não há um levantamento das quantidades dos itens.

Entre o material há fotos avulsas e álbuns desde a criação da escola com temas diversos, muitas com atividades da escola. Entre os objetos, há instrumentos da banda da escola. Entre documentos escritos, há relatórios, livros de ofícios, de requerimentos de professores e de correspondências. Há também recortes de jornal sobre a escola (BASSO, 2013).

O caso da Escola Estadual de Ensino Fundamental Souza Lobo (Figura 15), mostra a vontade da escola em utilizar o acervo, contar suas histórias. Trata-se, assim, de não apenas tentar guardá-lo, mas buscar relações da escola e de seus sujeitos envolvidos com seu passado (POSSAMAI, 2012b).

Figura 15– Acervo histórico, Escola Estadual de Ensino Fundamental Souza Lobo



Fonte: Foto de Nara Beatriz Witt. 2013

Mais uma instituição, entre os detentores dos acervos históricos, também pertence ao ensino público, trata-se do Colégio Estadual Cândido José de Godoi, criado em 1954. Este acervo possui semelhança com o do Instituto Estadual General Flores da Cunha, uma vez que está exposto. Também não há um funcionário

responsável pelo acervo. Contudo, apresenta diferenças em relação àquela instituição. Entre elas, o espaço utilizado, mesmo sendo fechado, é visível, pois possui um fechamento quase todo em vidro, localizado no saguão do prédio, constituindo uma visual para a sala para quem entra no edifício. Há também uma sinalização no lado externo denominando de “Acervo Histórico” (KNEWITZ, 2013)²⁷.

Essa visibilidade, segundo o diretor Victor Hugo Knewitz, foi intencional em “Mostrar o acervo para preservar e dar conhecimento ao mesmo tempo, mostrando um pouco da história da escola com documentos de outros anos, fotos, materiais e aparelhos de uma época que os alunos não conhecem.” (KNEWITZ, 2013, informação verbal). Entretanto, o espaço não recebe visitação, os alunos e professores apenas contemplam, pois não existem atividades atreladas ao mesmo, exceto para comemoração do aniversário da escola. A reunião desse acervo foi realizada por uma professora que se aposentou. Entre o material preservado, encontra-se: fotografias, desde a fundação do colégio, entre os temas, fotos da banda da escola; outras imagens - retrato com moldura do fundador da escola, quadros dos diretores da escola, pintura retrato, gravura. Também há mobiliário, indumentária - faixas da rainha da banda, uniformes da banda, camisetas da escola, medalhas, troféus, máquinas e equipamentos, como de laboratório e gravador de fitas magnéticas. Há documentos escritos, com o registro de atividades da escola e informações sobre ensino, até 1984, período em que havia ainda funcionário para realizar tal atividade (KNEWITZ, 2013).

Existe a preocupação com acervo, mas não há intenção de criar um memorial ou museu, entretanto, considera como prioridade organizar o acervo que está apenas reunido. Percebe-se na fala do diretor dessa escola, que o mesmo v  muitas dificuldades para conseguir cumprir as funções de um museu, como a pesquisa e a exposição, e da mesma forma, ter um profissional que tenha conhecimento para realizar esse trabalho, desde a organização do acervo. Embora os objetos estejam expostos somente de forma contemplativa no Colégio Estadual Cândido José de Godoi (Figura 16), observa-se uma preocupação com a história da escola.

²⁷ Depoimento concedido a mim em entrevista.

Figura 16 – Acervo histórico, Colégio Estadual Cândido José de Godoi



Fonte: Foto de Nara Beatriz Witt. 2013

Para pensar sobre o acervo que somente é guardado, não pesquisado e comunicado, para exemplificar, Possamai (2012) falando de imagens, destaca que é preciso ultrapassar o seu caráter ilustrativo.

A última das escolas investigadas que possui acervo em guarda é a Escola de Educação Especial Bárbara Sybille Fischinger, pertencente ao ensino privado e criada mais recentemente, no final da década de 1980. Possui acervo em guarda, porém tem uma característica diferente da Escola Estadual de Ensino Fundamental Souza Lobo, uma vez que, embora seja recente, já começou a organizar seu acervo, conforme Janaína de Moura Notari, diretora da escola.

Mesmo sendo uma escola particular, é também filantrópica, assim a organização do acervo está sendo realizada por uma empresa especializada, mas sem custos. Como forma de registrar seu trabalho a escola reúne acervo que inclui fotografias, desde a criação da escola, em 1988, quadro de alunos, documentos escritos – atas, relatórios, revistas, folders da escola e jornais diversos. Os itens estão sendo catalogados e organizados. A guarda é feita em um armário destinado

para esse fim, em uma sala de uso especial da escola. O acervo é utilizado para as comemorações do aniversário da escola (NOTARI, 2013)²⁸.

Cabe ressaltar que a escola não pretende fazer um memorial ou museu, mas guardar de forma organizada o acervo com a história da instituição. Segundo a diretora, “O objetivo da guarda do acervo é para que as pessoas tenham conhecimento da história da escola.” (NOTARI, 2013, informação verbal).

Desse modo, percebe-se que entre as escolas que possuem acervo histórico, há a intenção em reunir e manter o material relativo à trajetória da escola, mesmo não havendo a prioridade de criar um memorial ou um museu.

Por outro lado, a preocupação em manter acervo, considerado como um “furor” (VIÑAO, 2012) pela memória educativa, pode ser na escola que está em vias de completar 100 anos, como é o caso da Escola Estadual de Ensino Fundamental Souza Lobo, criada em 1914, a qual pretende criar o memorial para comemorar esse aniversário especial. Indica também a celebração, caracterizando a relação do patrimônio educativo com as comemorações (VINÃO, 2010). Entretanto, cabe destacar, que muitas vezes essas iniciativas são de uma pessoa da escola, e até que o museu ou memorial seja criado, o grupo não percebe essa materialidade da cultura escolar, pois a memória, conforme o autor, pode ser uma construção individual ou coletiva do passado.

Também deve ser considerada a dificuldade em fazer este trabalho nas escolas públicas, entretanto, apesar de diferentes posicionamentos ou situações a preocupação com a memória, pode-se dizer que a mesma já está incorporada, independente da forma como ela se manifesta, uma vez que o acervo está sendo guardado pela escola. O que poderia diferenciar esse processo, em relação às escolas que criaram museus ou memoriais para salvaguardar seu patrimônio, é o que essa cultura em sua materialidade (FELGUEIRAS, 2011) no museu pode oferecer para a escola, com pesquisa, exposição, atividades, relacionadas ao ensino.

Os objetos e documentos do acervo podem estar presentes na Educação e na Museologia, possibilitando a investigação da escola e do museu, buscando as suas práticas através da cultura material escolar (NÓVOA, 2003).

²⁸ Depoimento concedido a mim em entrevista.

Depois dos acervos terem sido analisados, em um segundo momento, coube então verificar como se caracterizam os acervos que já foram tornados como oficiais ou musealizados pela escola – os museus e memoriais escolares. Antes de saber como se relacionam com seu acervo, então salvaguardado, considera-se acervo musealizado:

Ya sea material o inmaterial, La colección figura en el corazón de las actividades del museo. “La misión de un museo es adquirir, valorizar y preservar sus colecciones con el fin de contribuir a la salvaguarda del patrimonio natural, cultural y científico”. (ICOM, 2006 apud DESVALLÉES; MAIRESSE, 2009, p.26).

Destaca-se na definição, que o acervo está na missão do museu, em adquiri-lo, valorizá-lo e preservá-lo. Indica-se, que a partir do acervo musealizado, pode-se dar suas atividades, no caso dos museus escolares, a materialidade da cultura escolar em torno da memória. Desse modo, passa-se a verificar como se dá essa relação entre museu e escola, enquanto lugar de memória, buscando-se os museus escolares históricos e os memoriais levantados. Assim, os museus escolares voltados para a memória e os memoriais podem ser vistos novamente na Tabela 5.

Tabela 5 – Museus escolares históricos e memoriais

Museus e memoriais escolares	Data	Instituições escolares	Data	Pública	Privada
Museu Professora Roma	1993	Colégio Estadual Júlio de Castilhos	1900		
Memorial Sévigné	2000	Colégio Bom Jesus Sévigné	1900		
Memorial do Deutscher Hilsverein ao Colégio Farroupilha	2002	Colégio Farroupilha	1886		
Museu Metodista de Educação Bispo Isac Aço – MMEBI	2010	Colégio Metodista Americano	1885		
Memorial São Francisco	2012	Instituto de Educação São Francisco	1962		
“Memorial”	2012	Escola Técnica Estadual Irmão Pedro	1962		
Memorial do Colégio Bom Conselho	2013	Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho	1905		
Memorial do Centenário	2013	Colégio La Salle Santo Antonio	1913		
Total	8			2	6

Fonte: Dados da pesquisa

Com a Tabela 5, verifica-se que entre os museus escolares históricos e os memoriais, totalizando 8, apenas dois estão em instituições escolares públicas. Cabe ressaltar que o ordenamento dos itens segue a data de criação dos museus e memoriais, tomando como primeiro nessa apresentação, o Museu Professora Roma. Este aparece no quadro como o único criado ainda no final do século XX. Entretanto, o núcleo histórico do Museu Metodista de Educação Bispo Isac Aço – MMEBI, do Colégio Metodista Americano, também foi criado nessa década, em 1994.

Assim, tem-se 2 instituições criadas na década de 1990, uma instituição criada na década de 2000 e o restante, em número de 5, criadas na década de 2010. Entre essas instituições, 6 possuem a denominação memorial e apenas duas a denominação museu.

Inicia-se, justamente por um desses dois museus, ou melhor, o primeiro museu escolar criado entre os que integram os museus escolares históricos e os memoriais nessa pesquisa - o Museu Professora Roma do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, fundado em 1993, quando faltavam poucos anos para o colégio completar o centenário.

A responsável por essa criação e que dá nome ao museu, a professora Maria Helena Roma, que começou a guardar e organizar o material. Posteriormente, o museu fechou e depois reabriu. Atualmente, a professora Ana Julieta Fonseca²⁹ coordena o museu, é professora de História, aposentada e trabalha no museu como voluntária pela Fundação de Apoio ao Colégio Júlio de Castilhos. Trabalham também no museu também dois monitores remunerados pela fundação.

Conforme Fonseca (2013), o espaço utilizado pelo museu não foi construído para essa função. Além da exposição de longa duração, realiza também outras exposições e atividades, como cursos de pequena duração, oficina de redação com prêmios pagos pela fundação. Entre os temas trabalhados, estão o Positivismo e Júlio de Castilhos, devido à denominação da escola e alguns materiais do acervo. Ainda realiza atividades e exposição para comemorar do aniversário da escola. Também já colaborou com exposições de outras instituições como para o Museu Julio de Castilhos.

²⁹ Depoimento concedido a mim em entrevista.

As ações do museu são realizadas de forma conjunta com a escola e com os professores, que também sugerem temas a serem trabalhados. Entre os projetos já realizados, os alunos que chegavam à escola iam para o museu para conhecerem a história da cidade. O Colégio Estadual Júlio de Castilhos apoia as mediações do Museu Professora Roma para alunos novos, para estes criarem um vínculo com a escola, pois a quase totalidade dos alunos não são do bairro. “Assim, o museu procura contar a história do colégio e da região.” (FONSECA, 2013, informação verbal).

No momento, o museu não está recebendo visita, pois está realizando serviço interno. Mas, está em funcionamento. Oferece mediação na visita, fazendo também essa atividade com os professores da escola que realizam visita ao espaço com seus alunos, que normalmente são do 1º ano, considerando que a escola possui somente ensino médio. A professora Ana Fonseca salienta que o Museu recebe também público externo, como pesquisadores, ex-alunos que visitam a exposição ou doam objetos, ex-professores da escola, professores de outras escolas e professores que trabalham com história da educação.

Dessa forma, pode-se constatar a relação da história da educação com o museu escolar, fazendo um diálogo com a cultura material escolar para os estudos da educação (NÓVOA, 2003).

Constituindo a cultura material da escola, seu acervo teve origem com a guarda realizada por uma professora e por doações. No acervo há fotografias em preto e branco e em cor - avulsas e em álbuns, os temas são desfile, gincana, banda marcial da escola, feira de ciências. Entre os objetos: placas de setores da escola, bustos de Júlio de Castilhos, mobiliário, indumentária. Entre os documentos escritos: publicações, recordações, regimentos da escola, atas de direção e do círculo de pais e mestres, regimentos da escola, alguns relatórios anuais, regulamento, registro de visitas, registro de posses dos diretores, caderneta escolar. Entre publicações: jornais, materiais e folhetos do Grêmio Estudantil, recortes de jornal sobre o colégio, carteirinhas de alunos, convites de formatura, plantas do prédio da escola, livros didáticos (muitos sobre História Natural) e ainda, materiais do centro de TV Educativa (que começou no Colégio) e um pequeno acervo do Departamento de Tradições Gaúchas – DTG.

Há na escola, ainda, um arquivo e uma sala com o acervo da Banda do Colégio³⁰. Quanto à documentação do acervo, existe um Livro Tombo para registro, mas não está atualizado. Quanto à guarda, não há reserva técnica.

Para a responsável pelo Museu Professora Roma (Figura 17), seu objetivo é preservar a memória de uma escola que faz parte da história do Rio Grande do Sul. Ainda destaca que a escola passa por uma crise de identidade, pois não é uma escola de bairro, seus alunos vêm de outros lugares da periferia e permanecem somente por 3 anos na escola, pois só tem ensino médio.

Assim, o trabalho com os objetos, o seu estudo, e sua utilização no contexto da história da educação, por meio do museu escolar, pode ser a guinada para olhar o sujeito (NÓVOA, 2003), do passado e do presente. O museu contribui com o acervo para mediar a sua relação com a escola.

Figura 17 - Museu Professora Roma do Colégio Estadual Júlio de Castilhos



Fonte: Foto de Nara Beatriz Witt. 2013

Na trajetória dos memoriais criados nas escolas, na década de 2000, ocorre a criação do primeiro espaço, denominado Memorial Sévigné, no Colégio Bom Jesus

³⁰ A Banda Marcial do Colégio encerrou suas atividades na década de 1960, mas foi refeita por esses ex-alunos.

Sévigné, cuja responsável é a Irmã Elzira Manfredi³¹, pedagoga, professora aposentada, trabalhando como voluntária no Museu e na área administrativa. O Memorial foi criado no ano de 2000 para comemoração do centenário e para conservar a parte histórica da escola. Dessa necessidade de comemoração, pode-se ver a relação entre memória e patrimônio educativo (VIÑAO, 2010).

O Memorial ocupa um espaço físico³² não construído para essa função. Quanto as suas atividades, no momento está fechado³³ para visita, mas recebe público quando há solicitação, inclusive externo, e, muitos ex-alunos. Existe orientação durante a visita. Possui uma exposição de longa duração e quando estava aberto realizava outras atividades, inclusive com outras instituições³⁴. Na comemoração do aniversário da escola, esta utiliza materiais do museu. Em relação aos professores, alguns visitam o memorial com as turmas da quarta série, mas no momento é pouco. Quando estava funcionando, as ações do memorial eram realizadas de forma conjunta com professores (MANFREDI, 2013)³⁵.

Em relação ao acervo, conforme Manfredi (2013), antes da criação do memorial, os materiais eram guardados pelas Irmãs do Colégio. O acervo inclui: fotografias em preto e branco e em cor - em álbuns e avulsas, desde a criação do colégio. Entre os temas: quermesse, desfile cívicos, trabalhos manuais, quadros de formaturas de madeira com os formandos, álbuns de formatura. Possui outras imagens como gravuras postais, desenhos de aluno, escultura, pintura, gravura, mobiliário. Também quadros emoldurados com diplomas, certificados de técnica de bordado, flâmulas, emblemas, materiais do refeitório de internas e irmãs, placas de homenagem, troféus. Possui outros objetos, como luminárias; indumentária; máquinas e equipamentos, entre eles projetores, de impressão, para o ensino doméstico, de som, de laboratório, e material médico odontológico. Entre os documentos escritos, há atas, relatórios, cadernos de aula, caderneta escolar, informativo da escola, convites de formatura, trabalho de alunas, álbum de recordações, publicações, manuais de ensino, revistas da escola (MANFREDI, 2013).

³² Ao lado da sala do memorial havia um antigo Museu de Ciências que foi desativado, cujo material foi transferido para um dos laboratórios utilizados no Colégio.

³³ Em 2008, com a vinda da Rede Bom Jesus e do falecimento das irmãs que trabalhavam no museu.

³⁴ Fazia intercâmbio de acervo com outras instituições, inclusive o Museu Julio de Castilhos.

³⁵ Depoimento concedido a mim em entrevista.

Conforme a Irmã Elzira, quanto à documentação do acervo, existe um Livro Tombo para registro do acervo, com itens inventariado e com as quantidades, mas está incompleto e alguns sem localização. Há outro espaço para guarda de acervo, para novos materiais. que se pretende guardar.

Para Manfredi, responsável pelo Memorial Sévigné (Figura 18).

O motivo de existir o memorial na escola é para não acabar com a história da escola, para que permaneça sempre viva. Um aluno, hoje, ao entrar no memorial de uma escola com 113 anos de existência, vai saber como ela era, que tinha um jeito de ser, o qual vai se atualizando. (MANFREDI, 2013, informação verbal).

A escola, assim, através da cultura escolar, como considera Nóvoa (2003), proporciona descobrir o funcionamento interno da escola, o que pode ser compreendido por meio do currículo, da formação do conhecimento escolar, do cotidiano da escola, da vida e das experiências dos professores e estudantes. Para o autor, são temas que precisam ser estudados. Como exemplo, o estudo da cultura visual escolar através das imagens, em cujos suportes se pode buscar esses temas, que podem ser vistos nas fotografias do acervo do Memorial Sévigné, como em outros memoriais e museus, problematizando-as (POSSAMAI, 2012b), buscando os significados dos objetos (MENESES, 1992b).

Figura 18 - Memorial Sevigné



Fonte: Foto de Nara Beatriz Witt. 2013.

Entre as instituições pesquisadas que possuem museu escolar histórico ou memorial, o Colégio Farroupilha é o mais antigo, Inaugurou o Memorial do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha, em 2002. O memorial é coordenado por Alice Rigoni Jacques, sua idealizadora e criadora, a qual informa sobre essa criação:

Toda instituição passa por mudanças e, em 2000, mudou a Direção da Escola e fui remanejada para o Setor de Apoio Cultural. Foi então que montei um projeto para a criação de um Memorial, que contasse a história da instituição. Essa idéia surgiu porque me preocupava o fato da instituição ser centenária e não possuir um local onde pudéssemos divulgar e preservar a história da escola e da sua mantenedora. (JACQUES, 2011, p. 17).

Também trabalha no museu, o estagiário e graduando em História, Lucas Costa Grimaldi. O memorial utiliza um espaço já existente, que passou por readequações para seu novo uso, onde ocorre exposição de longa duração e temporárias (JACQUES, 2013)³⁶.

Segundo a coordenadora do Memorial, entre outras atividades que realiza com os professores, trabalha com a memória em atividades “aulas”, prepara temas estudados nas aulas, por solicitação do professor, utilizando objetos do acervo para as atividades, referentes a conteúdos, em conjunto com os professores. Os professores que utilizam o Memorial são dos anos iniciais, principalmente para os Estudos Sociais, para complementar ou introduzir conteúdos trabalhados nas aulas. Também trabalha com a história escolar, para os alunos conhecerem a história da escola e a história da imigração. Realiza, ainda, oficinas, e para comemoração do aniversário da escola realiza algumas atividades. Para visitação, inclusive de público externo, possui mediação, recebendo alunos e pais, e, pais de futuros alunos, os quais visitam a escola para conhecê-la. Também recebe alunos e professores de graduação e pós-graduação e escolas públicas. Os professores da escola fazem visitação com seus alunos, inclusive da outra unidade³⁷ do colégio (JACQUES, 2013).

Em seu relato, Alice Jacques (2013) informa que o acervo que deu origem ao memorial estava no armário de uma professora, que organizou e identificou as fotos,

³⁶ Depoimento concedido a mim em entrevista.

³⁷ Unidade localizada no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva – CPOR, sem custo para os alunos.

e no arquivo inativo da escola. O acervo, que não está todo exposto, inclui fotografias em preto e branco e em cor, desde a década de 1920 até hoje, e entre os temas - turmas de alunos, eventos, grupos de professores, espaços da escola, vista aérea do novo prédio e entorno no Bairro Farroupilha. Possui outras imagens como quadros emoldurados com fotos do colégio e de ex-diretores. Também há outros objetos, como painéis com a história da escola, mobiliário, indumentária, equipamentos e máquinas, instrumentos musicais. Entre os documentos escritos: cadernos escolares, diário de classe (do professor), chamadas; publicações- Jornal da escola Das Band (de professores e alunos), periódicos do colégio; atas, diversos tipos de relatórios, regimentos. Quanto à documentação do acervo possui um Livro Tombo para registro, os itens estão inventariados com as quantidades e localização do acervo. Possui acervo do período relativo ao funcionamento do colégio no “Casarão”(1895)³⁸, primeiro prédio construído para escola, e, a partir da década de 1940 e 1950 (JACQUES, 2013).

Pode-se ressaltar a pesquisa de acervo realizada no Memorial do Colégio Farroupilha, propiciando a comunicação de seu acervo, por meio de suas atividades e o estudo do acervo para a história da educação.

Alice Jacques comenta que, “Entre os objetivos do memorial, está destacar a importância da preservação e da divulgação da história dessas instituições.” (JACQUES, 2013, informação verbal).

Assim, o Memorial do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha:

Aberto à comunidade escolar, o Memorial, além de ressaltar a importância da preservação e da divulgação da ABE/1858 e do Colégio Farroupilha, tem por finalidade preservar e divulgar diversas histórias e memórias que compuseram o campo da educação porto-alegrense. (JACQUES; GRIMALDI, 2013).

Percebe-se que a História volta-se para a cultura escolar para compreender o presente (NÓVOA, 2003). Verifica-se no Memorial do Colégio Farroupilha (Figura 19) a aproximação do Memorial com a escola e com a pesquisa do acervo escolar, em suas atividades, a qual Felgueiras (2011) indica sua necessidade com urgência.

³⁸ Onde, atualmente, está localizado o Hotel Plaza São Rafael na Avenida Alberto Bins.

Figura 19 - Memorial do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha



Fonte Foto Nara Beatriz Witt. 2013

O Museu Metodista de Educação Bispo Isac Aço – MMEBI do Colégio Metodista Americano foi inaugurado em 2010, e como já mencionado, sua criação foi uma junção do Museu Histórico e do Museu de Ciências, ambos pré-existentes no colégio. Na fusão, estes museus passaram a serem núcleos do novo museu criado na escola, recebendo também nova denominação, que é uma homenagem a um líder metodista. Para apresentação desse estudo, o Núcleo de Ciências foi abordado em segmento anterior do texto. Agora, é abordado o Núcleo Histórico, denominado como Núcleo de Memória do Museu Metodista de Educação Bispo Isac Aço – MMEBI.

Atualmente, no museu trabalha somente um funcionário, Lucas Morates, historiador e museólogo, que administra os dois núcleos. O espaço ocupado por esse núcleo passou por algumas readequações. O museu possui exposição de longa duração. Embora esteja passando por uma fase de transição administrativa. As ações do museu compreendem outras atividades, que incluem exposições temporárias, organização de palestras e atendimento a pesquisadores. No momento, não está desenvolvendo atividades com os professores, mas essa é uma prática da escola e do museu. O museu costuma realizar atividades para comemoração do aniversário da escola. Também procura os professores através de datas

comemorativas e eventos, fazendo alguma atividade e promovendo o debate. A escola também solicita atividade para o museu. Está aberto à visitação, inclusive para o público externo e realiza mediação. Os professores da escola também realizam visitação ao espaço com seus alunos (MORATES, 2013)³⁹.

Quanto à origem do acervo, o colégio recebeu doação de ex-alunos, funcionários e reitores, que inclui: fotos em preto e branco e em cor, entre os temas - eventos, gincanas, formatura, arquitetura, aulas. O período das fotos avulsas é a partir da década de 1930. Os álbuns possuem fotos em preto e branco e em cor, a maioria em cor, a partir da década de 1960. Entre outras imagens possui quadros com imagens aéreas do colégio, pintura, gravura, escultura, cabeças étnicas e esculturas comemorativas. Entre os objetos, possui mobiliário, indumentária – uniformes, objetos didáticos como mapa, quadro, esquadro, régua. Entre os documentos escritos - publicações, o Jornal “O Crisol”, publicado pelas alunas do colégio Americano (década de 1920 à 1980), revistas, recortes de jornal sobre a escola e o museu, entre outros. Em relação à documentação do acervo, não possui Livro Tombo como forma de registrar o acervo. Alguns itens estão inventariados, mas sem sua localização e quantidade. Existe outro espaço para a guarda do acervo (MORATES, 2013, informação verbal).

O Núcleo Histórico do Museu do Colégio Metodista (Figura 20) desenvolve pesquisa do acervo integrada a seus objetivos, os quais:

Preservar, disponibilizar e divulgar o acervo histórico para a comunidade como um todo e acadêmica, torna-se um dos principais objetivos do Núcleo de Memória, fazendo com que seu acervo seja o indispensável vetor da produção de conhecimentos relacionados à educação metodista, com o intuito de garantir a preservação da memória e da história da educação no Rio Grande do Sul. (METHODISTA DO SUL, s/d, doc. eletrônico).

Dessa forma, a cultura material escolar, conforme Felgueiras (2011) nos propõe o desafio de ser interpretada para que nos leve dos signos aos significados, produzindo conhecimento.

³⁹ Depoimento concedido a mim em entrevista.

Figura 20 - Museu Metodista de Educação Bispo Isac Aço – MMEBI



Fonte: Foto de Nara Beatriz Witt. 2013

A próxima escola abordada criou um memorial para comemorar seu aniversário, é o Instituto de Educação São Francisco, fundado em 1962, o qual inaugurou o Memorial São Francisco, celebrando o cinquentenário da escola, em 2012. Segundo o coordenador do memorial, Nilton Baggio Palhares, o memorial foi aberto para preservar a memória da comunidade escolar e em geral, através do Padre José Luiz Schaeleder, o atual diretor, e uma equipe. Trabalham no memorial o coordenador, professor de História aposentado e mais dois funcionários, porém estes não trabalham com dedicação exclusiva ao memorial, como o coordenador.

Segundo Palhares (2013)⁴⁰, o objetivo do memorial é preservar a história da escola, da comunidade, dos antepassados. O memorial possui esse envolvimento, pois o Instituto faz parte de uma rede de escolas para a comunidade. Entre suas atividades, possui exposição de longa duração. Ainda não realizou exposição temporária, pois foi criado há pouco tempo, mas está previsto para que faça uma com brinquedos antigos e sobre a 2ª Guerra Mundial.

⁴⁰ Depoimento concedido a mim em entrevista.

O Memorial realiza visitas orientadas para os professores da escola. Também os professores da rede o utilizam como recurso pedagógico da escola, da comunidade e da Paróquia Nossa Senhora de Fátima e para a catequese nas escolas. Assim, as ações do museu são realizadas de forma conjunta com as escolas da rede e com os professores que solicitam visitas, sendo orientados pelo coordenador do memorial. Os professores de História, Geografia e Literatura e das séries iniciais pedem temas específicos, como exemplo o último foi a Era do Rádio, em que os alunos pesquisaram o tema, fizeram e expuseram seus trabalhos. A visita também é aberta para público externo, mediante agendamento. Alunos de outras escolas visitam o memorial, principalmente durante a gincana realizada pela escola e no período de matrícula. Os professores da escola realizam visita ao espaço com seus alunos (PALHARES, 2013).

Segundo o professor Nilton Palhares, para a formação do acervo foi realizada uma gincana no aniversário da escola com tarefa para os alunos de trazer objetos. Assim, muitas famílias doaram objetos para o acervo, referentes à história da escola, mas também da comunidade, que é muito ligada à escola. Os objetos continuam a ser solicitados pela escola. Também foram adquiridos objetos por compras. Todo o acervo está exposto e inclui: fotos em preto e branco e em cor - avulsas e em álbuns com temas diversos como gincanas, rainhas da escola, diretores, antiga escola, sala de aula e outras atividades da escola. Entre os objetos, possui máquinas de escrever, equipamentos sonoros, computadores, mobiliário. Entre os documentos escritos há cadernos de aula, publicações manuais de ensino, revistas, atas, relatórios.

Quanto à documentação do acervo existe um Livro Tombo para registro do acervo, os itens estão inventariados, mas sem quantidades e sem a localização do acervo. Mas, na exposição há setores de disposição dos objetos. Todas as peças são fotografadas e é realizada uma pesquisa do objeto. Há uma ficha com foto e o texto da pesquisa. No Livro Tombo há o registro de doação e compra do objeto com informação de como foram adquiridos e com uma pequena história dele. Os objetos são numerados e todos estão com seu número. Nas etiquetas usadas na exposição também há o número do objeto e uma pequena foto. Além disso, consta também o ano da doação/compra. Foi elaborado termo de doação para objetos doados. Para compra de objetos, o memorial possui verba e autonomia. Há uma separação por itens que divide o acervo nas seguintes categorias de objetos: Telefones, Som e

Imagens Nº 1, Ferramentas Diversas Nº 2, Objetos Residenciais Nº3, Máquinas de Escrever e Calcular Nº 4, Relojoaria Nº 5, Objetos Pessoais Nº 6, Condecorações Nº 7, Objetos Religiosos Nº 8, Mumismática, Filateria e Discoteca Nº 9, VARIG Nº10, Lampião, Castiçal e Lamparina Nº 11, Livraria Nº 12, Objetos Diversos Nº13 (PALHARES, 2013).

Essa busca pelo acervo é definida por Palhares (2013), como uma preocupação em mostrar o passado para a comunidade.

Verifica-se uma especificidade nesse “museu escolar”, uma vez que além de preservar a memória escolar, também se volta para a comunidade ligada à escola. Também se percebe no Memorial São Francisco (Figura 21) um cuidado com seu acervo, no registro, na organização das informações e na pesquisa.

O caráter de conservação passa nesse exemplo para a investigação indicando a importância da cultura material como legado a transmitir (FELGUEIRAS, 2011).

Figura 21 – Memorial São Francisco



Fonte: Foto de Nara Beatriz Witt. 2013

Também em comemoração ao cinquentenário da escola, no mesmo ano da escola anterior mencionada, a Técnica Estadual Irmão Pedro fundou em 2012, o

“Memorial”. Depois do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, é a segunda e última escola pública, entre os museus escolares históricos e memoriais das escolas pesquisadas, que institui um espaço de memória.

Segundo Rosane Maria Barth, para a criação do memorial houve um trabalho em conjunto de estagiários e alunos do Curso Técnico em Publicidade da escola com professores e alunos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)⁴¹, os quais participaram do projeto e da pesquisa para a criação do memorial (BARTH, 2013)⁴².

Diferente do museu histórico do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, nesse memorial não há um funcionário responsável pelo espaço ou que trabalhe somente no mesmo, uma vez que Rosane trabalha na biblioteca da escola⁴³, realizando no memorial somente a visitação.

O acervo que não está exposto também fica guardado na biblioteca. O espaço utilizado para o memorial passou por algumas adequações. A exposição é de longa duração e conta a história do colégio. A visitação é aberta ao público externo, recebendo alunos de outras escolas e pais e filhos, os quais vêm conhecer a escola, o que inclui conhecer o memorial. Em relação a atividades, não há ações conjuntas com professores, mas estes realizam visitação. Há orientação e mediação nas visitas ao Memorial, realizadas por Rosane.

Quanto à formação do acervo, segundo Barth (2013), os materiais estavam localizados em diversos espaços, os quais foram sendo solicitados para a reunião e guarda dos mesmos. Este acervo inclui fotos em preto e branco, avulsas e em pastas, e em cor, mas a maioria está em pastas e identificadas. Existe acervo do período desde a fundação da escola. Entre os itens há indumentária da banda marcial da escola, equipamentos e máquinas, central telefônica, computador, mimeógrafo. A maioria desses equipamentos era utilizada nas aulas pelos cursos técnicos como os de secretariado e contabilidade. No acervo exposto são utilizadas etiquetas para os objetos contendo uma foto que mostra sua utilização na escola e

⁴¹ Ações do Subprojeto História do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), realizadas, em 2012, por bolsistas que planejaram e executaram, numa ação conjunta entre Universidade e Escola, o Memorial da instituição escolar em comemoração ao seu cinquentenário. Fonte:

<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71132/Ensino2012_Resumo_25984.pdf?sequence=1>

⁴² Depoimento concedido a mim em entrevista

⁴³ Técnica em Biblioteconomia e professora de Português e Literatura

uma descrição sobre seu uso. Entre documentos escritos há ata de criação da escola, recorte de jornal, projetos de atividades da escola, jornal, histórico da escola, projeto e plantas da edificação da escola. Na biblioteca estão expostos fotos em quadros emoldurados dos diretores da escola. Quanto à documentação, não existe um Livro Tombo para registro do acervo, mas a maioria dos itens está numerada (BARTH, 2013).

Para Rosane Barth (2013), o objetivo do museu é buscar a história do colégio. No “Memorial” da Escola Técnica Estadual Irmão Pedro (Figura 22), verifica-se o esforço de quem colabora e trabalha nele, embora não seja responsável formal pelo memorial.

Figura 22 - Memorial da Escola Técnica Estadual Irmão Pedro



Fonte: Foto de Nara Beatriz Witt. 2013

Outra escola, já centenária, que criou seu espaço de memória é o Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho (1905), inaugurando o Memorial do Colégio Bom Conselho, em 26 de abril de 2013. O projeto do memorial do Colégio Bom Conselho levou em torno de um ano para ser implantado. A responsável pelo museu é a diretora da escola Irmã Mônica de Azevedo, e segundo suas palavras “Para a

escola, a memória não é só pensada no passado, é pelo presente e futuro” (AZEVEDO, 2013, informação verbal)⁴⁴.

Segundo a diretora, o memorial está inserido numa prioridade da escola que contempla a acolhida, a memória e a cultura. Para isso, ele foi criado numa sala que integra o espaço de acesso ao colégio, que possui 3 funções: recepção, memorial e biblioteca. No memorial trabalham 3 pessoas, mas não de forma exclusiva, a Irmã Mônica, diretora da escola e duas funcionárias da biblioteca. O museu funciona em um espaço físico que foi adaptado para a função, com uma área dividida em espaço expositivo e reserva técnica, com espaço de trabalho.

O Memorial possui exposição de longa duração e já está sendo utilizado na escola para as turmas que iniciam na educação infantil, que visitam o memorial. Essas ações são realizadas de forma conjunta com a escola/professores, mediante um planejamento semanal e agendamento de horário. Os professores ainda não sugeriram ou solicitaram tema a ser trabalhado, mas realizam visitação ao espaço com seus alunos. O Memorial está aberto à visitação no horário da escola e quando solicitado, em eventos especiais. Recebe também público externo mediante agendamento. A visitação é feita pelo público em geral; grupos de ex-alunos e entidades ligadas à educação. Existe mediação ou orientação durante a visita. Segundo Irmã Mônica, quanto ao acervo, para sua documentação, existe um Livro Tombo, os itens estão inventariados com as quantidades e a localização do acervo. Há outro espaço para guarda de acervo, além do espaço expositivo. A reserva técnica está situada ao lado da sala do memorial com armários e estante para guarda do acervo e mesa de trabalho (AZEVEDO, 2013).

Quanto à origem do acervo, já existia material guardado na escola, mas alguns objetos estavam dispersos. Para constituir o memorial o material foi organizado por décadas. Segundo a Irmã Mônica, as irmãs do colégio faziam um registro anual das atividades da escola que denominavam “Crônicas”, o que correspondia a uma prática da escola, agora considerada como crônicas históricas. As fotos eram ao longo do tempo selecionadas em álbuns. Ocorreram também doações anteriores à criação do memorial. Esses objetos iam sendo guardados para isso em uma sala. Quando foi criado o memorial já existia o livro de 100 anos da

⁴⁴ Depoimento concedido a mim em entrevista.

escola feito em conjunto com um professor historiador da escola. Entre os objetos do acervo há fotos em preto e branco e em cor, entre os temas - atividades do colégio, prédios, eventos, pessoas, formaturas, internas de salas de aula e de dormitórios, externas ao colégio dos desfiles. Há fotos desde a fundação da escola. Também possui outras imagens, como escultura, pintura, gravura. Entre outros objetos, há pouco mobiliário e indumentária, há material para o ensino como globos, máquinas e equipamentos como computador, máquina fotográfica, máquina de filmagem, telefone, material de laboratório utilizado no ensino, louças. Entre os documentos escritos: cadernos de aula, boletim de aluno; publicações - jornal da escola, manuais de ensino, livros, revistas da escola; atas, relatórios, livros didáticos e recortes de jornal (AZEVEDO, 2013).

O objetivo do Memorial do Colégio Bom Conselho (Figura 23) “É trazer viva a memória, a história do colégio, dar o devido valor das pessoas, do que se construiu aqui, da história construída. Ocorreram muitas mudanças, mas um elemento continua, uma identidade como um fio condutor do colégio (AZEVEDO, 2013, informação verbal). Em relação á memória, ainda destaca que o colégio tem uma associação de alunos que existe há mais de 50 anos e que se reúnem semanalmente e no evento de São Francisco. E a escola promove um encontro dos alunos que completam 10 anos de formatura.

Figura 23 - Memorial do Colégio Bom Conselho



Fonte: Foto de Nara Beatriz Witt. 2013

Percebe-se, assim, a relação do museu com a memória comemorativa, como lugares de memória que nascem e vivem do sentimento, em que é preciso organizar celebrações (NORA, 2003).

O Colégio La Salle Santo Antonio (Figura 24), enquanto o Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho estava utilizando seu recente memorial criado, celebrava seu aniversário de 100 anos. Com a comemoração é inaugurado o Memorial do Centenário, em agosto de 2013. Este é o último, entre todos os museus escolares históricos e memoriais, que aqui passaram. Segundo as palavras do diretor do colégio, Omero de Freitas Borges Junior, além da motivação do centenário do colégio, “Descobriu-se que havia muito material histórico, fotos, livros e atas sem uma organização e sem possibilidade de ser visto pela comunidade, assim o material começou a ser identificado e organizado.” (BORGES JUNIOR, 2013, informação verbal)⁴⁵.

Conforme Borges (2013), trabalham no memorial duas pessoas do setor de comunicação para receberem os visitantes. O museu ocupa um espaço que foi adequado para a função, localizado na entrada do ginásio de esportes do colégio. O museu realiza exposição de longa duração. Por ser muito recente, ainda não realizou exposição temporária ou outras atividades, também ainda não existe um trabalho conjunto com os professores, entretanto as professoras das disciplinas de Artes, Religião e História já visitam o memorial com os alunos. Também, durante a comemoração do centenário, os professores trabalharam muito nos anos iniciais e educação infantil. O horário de visitação ao memorial é de acordo com o da escola. Também recebe público externo, em maior número escolas da região e outras Lassalistas.

Quanto à formação do acervo, a escola mantém um registro fotográfico anual, desde sua fundação. Existem as atas da congregação, os relatórios dos Irmãos que moram junto à instituição, relatório anual de atividades e muitas doações de ex-alunos. Na comemoração do aniversário de 100 anos, muitos materiais também foram doados, como fotos, cadernetas e uniformes. O acervo também possui muito material histórico acerca do bairro. Entre os itens do acervo há fotos em preto e branco e em cor, avulsas e álbuns (poucos), desde o início da escola em 1913; entre

⁴⁵ Depoimento a mim concedido em entrevista.

os temas, a maioria é de atividades da escola na década de 1940. Há imagens e indumentária com uniformes a partir da década de 1940. Entre objetos para o ensino: mapas e globos, materiais do laboratório de Física e Biologia. Entre os documentos escritos: revista e jornal da escola; atas com orientações e procedimentos dos Irmãos Lassalistas, relatórios anuais da escola para a congregação, desde seu início até hoje, com textos sobre as atividades e fotos. Há livros e publicações da escola desde a década de 1930 (BORGES JUNIOR, 2013).

Destaca-se, entre o acervo, conforme o diretor da escola, o registro fotográfico de um museu de ciências naturais (com animais taxidermizados), que havia na instituição, uma vez que, segundo o diretor, muitos Irmãos eram físicos e botânicos. Quanto à documentação do acervo, não há Livro Tombo para registro do acervo, os itens não estão inventariados e ainda não há um levantamento com as quantidades do acervo, pois o material passou por uma organização inicial, sendo separado. A maior parte do acervo não está exposta, está guardado em outra sala. A ideia é a ampliação do espaço do memorial para expor mais desse material.

Figura 24 – Memorial do Centenário do Colégio La Salle Santo Antonio



Fonte: Foto de Nara Beatriz Witt. 2013

Há, ainda, a intenção da rede de colégios Lassalistas constituir um memorial, em nível nacional, em um prédio que está sendo restaurado no centro de Porto Alegre, próximo ao colégio La Salle Dores. Para o diretor, “O memorial do colégio tem como objetivo resgatar a história e as pessoas que fazem parte da história da instituição” (BORGES JUNIOR, 2013, informação verbal), o que demonstra a preocupação de uma rede de escolas, em transmitir sua herança cultural.

Nesse percurso, buscou-se vários museus, memoriais e acervos em escolas de Porto Alegre, e todos indicam a preocupação com a permanência, com a memória da escola.

Assim, a conservação de objetos tem levado à constituição de coleções que exigem condições especiais de conservação e guarda. Salas-museus, centros de memória, centro de recursos, museus de escola, da educação ou pedagógicos são as formas institucionais ou organizativas que têm sido encontradas para responder à necessidade de conservação e divulgação. (FELGUEIRAS, 2011, p. 80).

Os museus escolares de história contribuem por meio da cultura escolar, preservando a memória da instituição e da educação. Percebe-se nesses espaços o diálogo entre memória, história e educação, presentes no ensino, e nesse âmbito, a Museologia e a Educação podem nos ajudar a compreendê-los, na perspectiva da história dos museus e da educação, indicam um potencial para estudos.

Enquanto lugares de memória, os museus escolares se apresentam peculiares em muitos aspectos, alguns com caráter mais comemorativo em relação à memória da escola, alguns mais voltados para as atividades que integram as exposições, alguns que conseguem contemplar também a pesquisa do acervo, e, a maioria, conectados com as atividades da escola em relação ao ensino, por meio de suas práticas, permeadas pela memória.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação que resultou neste trabalho de conclusão de curso foi realizada, tendo como perspectiva, contribuir para o estudo dos museus escolares. Para isso, teve como principal propósito identificar espaços museológicos e acervos históricos em guarda nas escolas de Porto Alegre, ainda ignorados no âmbito da Museologia.

Algumas dificuldades foram encontradas, como o volume de escolas a serem contatadas no período da pesquisa, mesmo depois do recorte estabelecido para as escolas de ensino da rede privada. E muito embora, o contato inicial tenha sido realizado através do envio de e-mails, o que pareceu agilizar o levantamento, o número de retornos foi inexpressivo. O que foi decisivo para descobrir esses espaços foram os contatos telefônicos, nos quais as escolas foram mediadoras do processo. Mesmo assim, foi necessário realizar muitos contatos, com uma rotina de ligações e um controle diário de novas a serem realizadas.

A próxima fase da pesquisa foi caracterizada pelas visitas às escolas, paralelamente a novos contatos para o agendamento. Foi um período muito intenso, da invisibilidade às descobertas, assim, em cada visita um espaço se revelava. Ao longo desse percurso, percebeu-se conexões entre os museus escolares, mas também realidades distintas, que foram compondo um cenário comum e também suas especificidades, tornando importante a visita a esses espaços e o contato com os profissionais que interagem com os mesmos.

O objetivo maior dessa pesquisa, em identificar o maior número de museus escolares e acervos nas escolas de Porto Alegre, foi atendido, considerando o tempo possível para essa busca. O levantamento proposto pode contribuir para dar visibilidade a esses espaços e acervos e para novos estudos. Contudo, cabe ressaltar que essa busca compôs um levantamento inicial dos museus escolares na cidade, uma vez que não foi possível contemplar a totalidade das escolas nessa busca.

Quanto às questões propostas para o ensino, de caracterizar os museus e como vinculam o ensino e à memória em suas práticas, buscou-se investigar sobre a exposição, visitação e outras atividades, o que permitiu observar a relação entre escola e museu: na criação e permanência dos museus escolares e acervos e no

papel do museu para o ensino, através da pesquisa da cultura material da escola e da exposição, incluindo as atividades que contempla.

Embora a perspectiva histórica não tenha sido o foco do trabalho, a caracterização das escolas proporcionou algumas contextualizações para compreender os espaços que os abrigam. Entre os resultados da pesquisa, pode-se apontar a relação da criação de museus escolares com o ensino confessional e escolas mantidas por ordens religiosas, com professores vindos de fora do Brasil, ou mesmo as escolas laicas, mas com novas ideias pedagógicas. Também foi possível identificar o papel do Museu do Estado nas escolas públicas para a utilização do novo método de ensino Lições de Coisas, identificado na pesquisa como um dos indícios da criação dos museus escolares.

Ainda, pode-se apontar a importância das coleções de ciências naturais formadas nas escolas nesse contexto para compreender a existência e a permanência dos museus escolares de ciências. Assim, foi possível confirmar que a história desses museus e suas práticas, atualmente, estão relacionadas à história da escola e da Educação.

No contexto dos museus escolares de Ciências, observou-se a importância das coleções didáticas para o ensino de Ciências e para a realização das atividades com os alunos e para a exposição, aproximando a pesquisa científica à perspectiva museológica para comunicar o acervo, como ocorre ainda no Museu de Ciências do Colégio Anchieta que divide o acervo em científico para pesquisa e acervo didático para a exposição e atividades, como recurso para o ensino.

Na perspectiva atual de criação dos museus escolares, buscou-se referências para compreender a guinada nos museus escolares para a história da escola, e a presença do ensino e do tempo nesses novos espaços museológicos para escola. Percebeu-se a importância da cultura escolar para dar visibilidade às práticas do passado, compreendendo as do presente.

Entre as escolas que constituíram museus escolares históricos e memoriais, percebeu-se a preocupação com a guarda da cultura material e sua relação com o aspecto comemorativo da memória e do patrimônio educativo, ao criarem seus lugares de memória ao celebrar o centenário e o quinquentenário de existência. Assim, valorizam o passado e sua trajetória com a criação desses espaços.

Destaca-se o papel do ensino também nos museus escolares históricos e nos memoriais, através da exposição e das atividades planejadas em sintonia com a

escola, como recurso pedagógico e como suporte para conteúdos trabalhados nas aulas e para contar a história da escola, dos sujeitos envolvidos e até mesmo do bairro e da cidade.

Com a caracterização dos espaços, foi possível confirmar a importância da pesquisa do acervo para atender as atividades relacionadas à exposição, contribuindo para o ensino, buscando o significado dos objetos e mostrando a importância da cultura material preservada na escola. Como exemplo, o Memorial do Colégio Farroupilha que congrega todas as funções de um museu, com a organização do acervo, pesquisa e atividades relacionadas às exposições, utilizando como potencial para o ensino.

Nos dois espaços, de Ciências e de História, destaca-se o foco para as exposições, o que ocorre até mesmo nos acervos salvaguardados, mas ainda não configurados como museus, como ocorre no Instituto Estadual de Educação General Flores da Cunha e no Colégio Estadual Candido José de Godoi.

No percurso dessa pesquisa, foi possível compreender que esses espaços interagem cada vez mais com o ensino, por meio do acervo de ciências e do acervo histórico. E mesmo, tendo o ensino passado por mudanças e os museus por redefinições desde sua criação, permanece como recurso pedagógico da escola.

Em relação a mudanças ocorridas nos museus escolares, as informações coletadas sobre a visitação permitiram identificar a abertura desses espaços para o público externo, recebendo públicos como pesquisadores da Educação e da História da Educação, ex-alunos, professores de outras escolas, ex-professores da escola, o que indica a formação de um novo público, de um interesse pela cultura material escolar, incluindo educadores e historiadores, pesquisadores de escolas e de universidades.

Esse aspecto também pode indicar um cenário de novas experiências que vem sendo constituídas com museus ligados ao ensino e à educação, reforçando a preocupação com a cultura material escolar e as práticas relacionadas ao ensino, apontando também para a preocupação em preservar a cultura escolar, com a necessidade de seu estudo.

Esse estudo possibilitou apresentar algumas caracterizações e relações desses museus escolares, de acordo com os objetivos do trabalho, e a partir dele constatou-se que são muitas as questões que precisam ser respondidas, são

lacunas, mas nesse sentido o próprio museu pode contribuir para preenchê-las, por meio da pesquisa de seu acervo, da cultura material escolar.

Assim, o mapeamento realizado pode ser uma importante contribuição para novos estudos, tomado para dar seguimento à busca por outros espaços, sendo uma das possibilidades focar a investigação nas escolas da rede de ensino público, ou ainda, aprofundar aspectos levantados em novos estudos. Os resultados do trabalho permitem apontar para a pertinência de investigar a temática do museu escolar, no que tange estabelecer relações entre a história dos museus e a história da educação.

REFERÊNCIAS

ABREU, Eunice. Eunice Abreu: *Entrevista XII*. [set. 2013]. Entrevistador: Nara Beatriz Witt. Porto Alegre, 2013. Transcrição em cinco páginas.

AZEVEDO, Mônica de. Mônica de Azevedo. *Entrevista IX*. [out. 2013]. Entrevistador: Nara Beatriz Witt. Porto Alegre, 2013. Transcrição em cinco páginas.

BARTH, Rosane Maria. Rosane Maria Barth. *Entrevista VI*. [out. 2013]. Entrevistador: Nara Beatriz Witt. Porto Alegre, 2013. Transcrição em cinco páginas.

BASSO, Jane. Jane Basso. *Entrevista X*. [out. 2013]. Entrevistador: Nara Beatriz Witt. Porto Alegre, 2013. Transcrição em cinco páginas.

BASTOS, Maria Helena Câmara. *Pro Patria Laboremus*: Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897). Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

_____. O Jornal A voz da escola: escritas dos alunos do Colégio Elementar Souza Lobo. *Hist. Educ. (Online)*, Porto Alegre, v. 17, n. 40, maio/ago. 2013. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/38094>>. Acesso em: 24 out. 2013.

BOBSIN, Márcia Eloisa. Márcia Eloisa Bobsin. *Entrevista XIII*. [out. 2013]. Entrevistador: Nara Beatriz Witt. Porto Alegre, 2013. Transcrição em cinco páginas Porto Alegre.

BOM CONSELHO. Institucional. *Nossa História*.

Disponível em:

<http://www.bomconselho.com.br/submenu_single.php?idSubMenu=28&nmMenu=INL>. Acesso em: 20 out. 2013.

BOM JESUS. Bom Jesus Sévigné. *Tradição*.

Disponível em:

<http://www.bomjesus.br/infraestrutura_exibir.vm?unidade=bjn_sevigne&id=20761468>. Acesso em: 20 out. 2013.

BORGES JUNIOR, Omero de Freitas. Omero de Freitas Borges Junior. *Entrevista XIV*. [out. 2013]. Entrevistador: Nara Beatriz Witt. Porto Alegre, 2013. Transcrição em cinco páginas.

COLÉGIO AMERICANO. *Os 110 anos do Colégio Americano: 1885-1995*. Edição comemorativa dos 110 anos do Colégio Metodista Americano. Porto Alegre. 1995.

COLÉGIO ANCHIETA. *Colégio Anchieta: cem anos*. Edição comemorativa dos 450 anos da Fundação da Companhia de Jesus. Porto Alegre. 1990.

COLÉGIO FARROUPILHA. *Histórico*.

Disponível em:<<http://colegiofarroupilha.com.br/farroupilha/historia>>.

Acesso em 13 set. 2013.

COLÉGIO LA SALLE DORES. Museu de Ciências. *Museu de Ciências Colégio La Salle Dores: um pouco de história...*, [2002?]. 7 p. Folheto elaborado para divulgação.

COLÉGIO MARISTA ROSÁRIO. Sobre o colégio. *Uma história centenária*. 2013. Disponível em: <<http://colegiomarista.org.br/rosario/sobre/uma-historia-centenaria>>. Acesso em: 25 set. 2013.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Org.). *Conceptos claves de museologia*. ICOM. 2009. Disponível em: http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Museologie_Espagnol_BD.pdf. Acesso em: 03. nov. 2013.

ESCOLA TÉCNICA IRMÃO PEDRO. *Histórico da Escola*, s/d. Acervo.

ESCOLANO, Agustín Benito. La cultura material de la escuela y la educación patrimonial. *Educatio Siglo XXI*, v.28, n.2, 2010. p. 43-64.

FARIA, Ana Carolina Gelmini de. *O Caráter educativo do Museu Histórico Nacional: O curso de Museus e a construção de uma matriz intelectual para os museus brasileiros (Rio de Janeiro, 1922-1958)*. Dissertação. (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2013.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. Materialidade da cultura escolar: A importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa. In: *Pro-Posições* (Revista da Faculdade de Educação). UNICAMP. v. 16, nº 1 (46), jan./abr. ex. 1, p. 87-102. 2005.

Disponível em: <<http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/~proposicoes/textos/46-dossie-felgueirasml.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2013.

_____. Herança educativa e museus: reflexões em torno das práticas de investigação, preservação, e divulgação histórica. In: *Revista Brasileira da História da Educação*. Campinas. SP, v. 11, nº 1 (25), jan./abr. 2011. p. 67-92.

Disponível em:

<<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=5&ved=0CEQQFjAE&url=http%3A%2F%2Fwww.rbhe.sbhe.org.br%2Findex.php%2Frbhe%2Farticle%2Fdownload%2F16%2F59&ei=1gjjUbyHLsnj4AOLtoCwAQ&usg=AFQjCNFV892oge1N-rWSvkA3lxZgNHkKZQ&bvm=bv.48705608,d.aWc&cad=rja>>.

Acesso em: 28 maio 2013

FERREIRA, Valéria Oliveira. Valéria Oliveira Ferreira. *Entrevista V*. [out. 2013]. Entrevistador: Nara Beatriz Witt. Porto Alegre, 2013. Transcrição em cinco páginas.

FONSECA, Ana Julieta. Ana Julieta Fonseca. *Entrevista XI*. [out. 2013]. Entrevistador: Nara Beatriz Witt. Porto Alegre, 2013. Transcrição em cinco páginas.

FRAGA, Andréa Silva de. *Imprensa estudantil e práticas de Escrita e de leitura: a Revista "O Estudo" (Porto Alegre/RS, 1922 a 1931)*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. UFRGS 2012.

Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/63169/000869393.pdf?sequence=1>>. Acesso em 30 out. 2013.

GARCÍA, Susana V. Museos escolares, colecciones y la enseñanza elemental de las ciencias naturales em la Argentina de fines del siglo XIX. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.14, n.1, p.173-196, jan./mar. 2007.

Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v14n1/09.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2013.

GOMES, Jost Derti; ARENDT, Isabel. A formação de professores para as escolas evangélicas. In: TAMBARA, Elomar; CORSETTI, Berenice (Orgs.). *Instituições formadoras de professores no Rio Grande do Sul*. Pelotas: Ed. da UFPel, 2008. v.1. p.123-158.

GONÇALVES, Dilza Porto. O relatório da administração de Florinda Tubino Sampaio entre 1940-1943: a imagem de uma escola modelo. *Anais do XVI Simpósio Nacional de História*. ANPUH. São Paulo, jul. 2011.

Disponível

em:<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300930717_ARQUIVO_OrelatoriodeFlorindaTubino1940-1943aimagemdeumaescolamodeloporDilzaPortoGoncalves.pdf>.

Acesso em: 15 nov. 2013.

HARTOG, François. Tempo e Patrimônio. *Varia História*. Belo Horizonte, v. 22, n. 36, jul./dez. 2006. p. 261-273.

INSTITUTO METODISTA Americano de Educação e Cultura. *Colégio americano: 1885-1997*. Edição comemorativa dos 112 anos do Colégio Metodista Americano. Porto Alegre. 1995.

JACQUES, Alice Rigoni. *As marcas de correção em cadernos escolares do curso primário do Colégio Farroupilha – 1948/1958*. Dissertação. (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação. Faculdade de Educação. PUC/RS. Porto Alegre. 2011.

Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3793>. Acesso em: 10 nov. 2013.

JACQUES, Alice Rigoni. Alice Rigoni Jacques. *Entrevista II*. [out. 2013].

Entrevistador: Nara Beatriz Witt. Porto Alegre, 2013. Transcrição em cinco páginas.

_____; GRIMALDI, Lucas Costa. O Memorial do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha: um espaço de ensino e pesquisa (2002). In: BASTOS, Maria Helena Camara; JACQUES, Alice Rigoni; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. *Do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha/RS: Memórias e Histórias (1858-2008)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. p.77-91.

JULIA, DOMINIQUE. A Cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira da Educação*, n. 1, jan./jun. 2001. p. 9-43.

KNEWITZ, Victor Hugo. Victor Hugo Knewitz. *Entrevista XVI*. [out. 2013]. Entrevistador: Nara Beatriz Witt. Porto Alegre, 2013. Transcrição em cinco páginas.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. As exposições universais e a utopia do controle social. In: *Simpósio Nacional de História*. História & utopias. São Paulo: ANPUH, 1996, p. 164-171.

Disponível em:

<<http://anpuh.org/anais/wpcontent/uploads/mp/pdf/ANPUH.S17.15.pdf>>.

Acesso em: 31 out. 2013.

LEONARDI, Paula. Igreja católica e educação feminina: uma outra perspectiva. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n.34, p.180-198, jun. 2009.

LIMA, Otavio Rojas; LEDUR, Paulo Flávio. *Julinho: 100 anos de história*. Porto Alegre: AGE, 2000.

LOPES, Maria Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____; MURRIELLO, Sandra Elena. Ciências e educação em museus no final do Século XIX. *Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro. v.12 (suplemento), p. 13-30, 2005.

Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v12s0/01.pdf>>.

Acesso em: 31 out. 2013.

MANFREDI, Elzira. Elzira. Manfredi. *Entrevista VII*. [out. 2013]. Entrevistador: Nara Beatriz Witt. Porto Alegre, 2013. Transcrição em cinco páginas.

MARANDINO, M. Museus de Ciências como Espaços de Educação In: *Museus: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna*. Belo Horizonte: Argumentum, 2005, p. 165-176.

_____. Museus de Ciências, Coleções e Educação: relações necessárias. *Museologia e patrimônio*, Rio De Janeiro, v.2, n.2, jul./dez. 2009.

Disponível em:

<http://www.geenf.fe.usp.br/conteudo/arquivo/museologia_marandino2009.pdf>

Acesso em: 10 nov. 2013

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Museus históricos: da celebração à consciência histórica. In: MUSEU PAULISTA. *Como explorar um museu histórico*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1992a. p. 7-10.

_____. Para que serve um museu histórico? In: MUSEU PAULISTA. *Como explorar um museu histórico*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1992b. p. 3-6

MENEZES, Naida; Leandro, TELLES. *O passar dos tempos e a Educação: a excelência na história do Colégio Farroupilha*. Edição comemorativa dos 150 anos da Associação Beneficente e Educacional de 1858. Porto Alegre: [s/ed.], 2012.

METODISTA DO SUL. Museu Metodista de Educação Bispo Isac Aço – MMEBI. *Núcleo de Memória*.

Disponível em: <http://www.metodistadosul.edu.br/redessociais/museu/?page_id=8>
Acesso em: 10 set. 2013.

MEYER, Fernando Rodrigues. Fernando Rodrigues Meyer. *Entrevista III*. [out. 2013]. Entrevistador: Nara Beatriz Witt. Porto Alegre, 2013. Transcrição em cinco páginas.

MORATES, Lucas. Lucas Morates. *Entrevista I*. [out. 2013]. Entrevistador: Nara Beatriz Witt. Porto Alegre, 2013. Transcrição em cinco páginas.

MUSEU ANCHIETA de Ciências Naturais. *Histórico e atividades*. Porto Alegre. Colégio Anchieta. Porto Alegre, [201-]. Folheto.

NEDEL, Letícia Borges. Breviário de um museu mutante. *Horizontes Antropológicos*. 2005, v.11, n.23, p. 71-86.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v11n23/a06v1123.pdf>>.
Acesso em: 10 out. 2013.

NOTARI, Janaína de Moura. Janaína de Moura Notari. *Entrevista XV*. [out. 2013]. Entrevistador: Nara Beatriz Witt. Porto Alegre, 2013. Transcrição em cinco páginas.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. PUC/SP, n. 10, dez., p.1-178. 1993.

Disponível em: <<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>>
Acesso em: 10 set. 2013.

NÓVOA, António. Textos, imágenes y recuerdos. Escritura de "nuevas" historias de la educación. In: POPKEWITZ, Thomas S.; FRANKLIN, Barry M.; PEREYRA, Miguel A. (Orgs.). *Historia Cultural y educación: ensayos críticos sobre conocimiento y escolarización*. Barcelona, Mexico: Pomares, 2003. p. 61-103. 2003.

_____. Memoria, Patrimonio y education. *Educatio Siglo XXI*, v. 28, n.2, 2010. p. 17-42.

NUNES, Alessandra. Alessandra Nunes. *Entrevista IV*. [out. 2013]. Entrevistador: Nara Beatriz Witt. Porto Alegre, 2013. Transcrição em cinco páginas.

PALHARES, Nilton Baggio. Nilton Baggio Palhares. *Entrevista VIII*. [out. 2013]. Entrevistador: Nara Beatriz Witt. Porto Alegre, 2013. Transcrição em cinco páginas.

PETRY, Marília Gabriela. Museu Escolar: O Que Dizem Os Inventários (Santa Catarina / 1941-1942). In: *VI Congresso Brasileiro de História da Educação*, 2011, Vitória. VI Congresso Brasileiro de História da Educação: Invenção, Tradição e Escritas da História da Educação no Brasil.

Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/conteudo/file/715.doc>>. Acesso em: 28 maio 2013.

_____. *Da recolha à exposição: a constituição de museus escolares em escolas públicas primárias de Santa Catarina (Brasil-1911 a 1952)*, Dissertação. (Mestrado em Educação). Centro de Ciências Humanas e da Educação. UDESC. 2013.

_____, Marília Gabriela; SILVA, Vera Lucia Gaspar da. Museu escolar: sentidos, propostas e projetos para a escola primária (séculos 19 e 20). *Hist. Educ. [online]*. 2013, v.17, n.41, p. 79-101.

POGGIANI, Ana. Maria. L. Museu escolar: a experiência de uma educadora para o ensino brasileiro. In: *VI Congresso Brasileiro de História da Educação*, Vitória/ES. 2011a.

_____. *Os museus escolares na primeira metade do século XX: sua importância na educação brasileira*. Dissertação. (Mestrado em Educação). Universidade Católica de Santos. 2011b.

POSSAMAI, Zita Rosane. Uma escola a ser vista: apontamentos sobre imagens fotográficas de Porto Alegre nas primeiras décadas do século XX. *História de Educação*, ASPHEN/FaE/UFPEL, Pelotas, v. 13, n. 29, set/dez. 2009. p. 143-169.

_____. “Lição de Coisas” no museu: o método intuitivo e o Museu do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, nas primeiras décadas do século XX. In: *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*. v. 20, n. 43, 2012a.

_____. Patrimônio e História da Educação: aproximações e possibilidades de pesquisa. *História da Educação*, Santa Maria, RS, v. 16, n. 36, p.110-120, jan./abr. 2012b. Quadrimestral.

Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/gemmus/producao-intelectual/profa.-zita-possamai/patrimonio-e-historia-da-educacao-aproximacoes-e-possibilidades-de-pesquisa>>.

Acesso em: 24 nov. 2013.

_____. (In) visibilidades do passado: percursos das relações entre história e memória nos museu. In: GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes; SANTOS, Nádia Maria Weber (Orgs.). *Memória Social: questões teóricas e metodológicas*. Canoas: UnilaSalle, 2013. p. 205-224.

POPKEWITZ, Thomas S.; FRANKLIN, Barry M.; PEREYRA, Miguel A. Historia, el problema del conocimiento y la nueva historia cultural de la escolarización: una introducción. In: POPKEWITZ, Thomas S.; FRANKLIN, Barry M.; PEREYRA, Miguel A. (comp.). *Historia Cultural y educación: ensayos críticos sobre conocimiento y escolarización*. Barcelona, Mexico: Pomares, 2003. p. 15-58. 2003.

REDE LA SALLE. La Salle. Sobre a instituição. *História*.

Disponível em: <http://www.lasalle.edu.br/sobre-a-instituicao/historia>

Acesso em: 19 out. 2013.

REDE SÃO FRANCISCO. *História da rede*.

Disponível em:

<http://www.institutosaofrancisco.com.br/site/modelo_01.php?formulario_id_=143&&escola_id_=0>. Acesso em: 30 out. 2013.

SANTOS, Maria Célia T. Museu e educação: conceitos e métodos. 2001. [Artigo extraído do texto produzido para aula inaugural do Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, proferida na abertura do *Simpósio Internacional Museu e Educação: conceitos e métodos*] 20 a 25 de agosto. Disponível em: <http://www.rem.org.br/download/MUSEU_E_EDUCA__O_conceitos_e_m_todos_Porto_Alegre%5B1%5D.pdf>. Acesso em: 30 maio 2013.

SAVIANI, Dermeval. História da história da educação no Brasil: um balanço prévio e Necessário. *Conferência de abertura do V Colóquio de Pesquisa sobre Instituições Escolares*, organizado pela Uninove e realizado em São Paulo, de 27 a 29 de agosto de 2008. Disponível em: <http://www.uninove.br/PDFs/Mestrados/Educa%C3%A7%C3%A3o/Anais_V_coloquio/Conferencia%20Dermeval%20SAVIANI.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras. 2012.

SEPÚLVEDA, Luciana, Köptcke. Analisando a dinâmica da relação museu – educação formal. In: *O formal e o não formal na dimensão educativa do museu*. Caderno do Museu da Vida, 2001/2002, p. 16-25. Disponível em: <<http://www.museudavida.fiocruz.br/media/Cadernos-do-Museu-da-Vida-2001-2002.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2013.

SILY, Paulo Rogério Marques. *Casa de ciência, casa de educação: Ações educativas do Museu Nacional (1818-1935)*. Tese. (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Centro de Educação e Humanidade. Faculdade de Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2012. Disponível em: <http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2008_1-431-DO.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2013.

SILVA, Ana Celina Figueira da Silva. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *Relatório de estágio curricular II: Museu Metodista de Educação Bispo Isac Aço – MMEBI*. Porto Alegre, 2011.

TAFFAREL, Carlos Domingos. *Museus escolares: a utilização de técnicas de taxidermia como auxílio no ensino da educação ambiental*. *Monografias Ambientais*, UFSM, v.10, n. 10, p. 2128-2133, out./dez. 2012. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/remoa/article/view/6312/pdf>>. Acesso em: 28 mai. 2013.

TRIGUEIROS, Florisvaldo dos Santos. *Museu e Educação*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1958.

VALENTE, Maria Esther; Cazelli, Sibeles; ALVES, Fátima. *Museus, ciência e educação: novos desafios*. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro,

v. 12 (suplemento), p. 183-203. 2005. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v12s0/09>>. Acesso em: 15 nov. 2013.

_____. *O museu de ciência: espaço da história*. *Ciência & Educação*, v. 11, n. 1, p. 53-62, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v11n1/05.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2013.

_____. Educação e Museus: a dimensão educativa do museu. In: *MAST Colloquia 11: Museu e Museologia: Interfaces e Perspectivas*. v.11. 2009, p. 83-96. Disponível em: <http://www.mast.br/livros/mast_colloquia_11.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2013.

VIDAL, Diana Gonçalves. Por uma pedagogia do olhar: os museus escolares no fim do século XIX. In: VIDAL, Diana Gonçalves; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de Souza (Orgs.). In: *A memória e a sombra: a escola brasileira entre o Império e a República*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p.107-115.

_____. Museus pedagógicos e escolares: inovação pedagógica e cultura material escolar no Império Brasileiro. In: *História e historiografia da educação ibero-americana: projeto, sujeitos e práticas*. ALVES, Cláudia; MIGNOT, Ana Crystina (Orgs.). Rio de Janeiro: Quartet - Faperj – SBE, 2012.

VIÑAO, Antonio. Memoria, patrimonio y educación. *Educatio Siglo XXI.*, v. 28, n.2, 2010. p. 17-42.

_____, La historia material e inmaterial de la escuela: memoria, patrimonio y educación. *Educação*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 7-17, jan./abr. 2012. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/10351>>. Acesso em: 01 nov. 2013.

APÊNDICE A - Ficha para informações sobre a escola

INFORMAÇÕES SOBRE A ESCOLA	
1	A escola possui Museu/Memorial Escolar? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
2	O espaço é aberto à visita do público escolar? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
3	Nome da Escola:
4	Instituição: <input type="checkbox"/> Pública <input type="checkbox"/> Privada
5	Tipo: <input type="checkbox"/> Estadual <input type="checkbox"/> Municipal <input type="checkbox"/> Particular <input type="checkbox"/> Confessional
6	Ensino: <input type="checkbox"/> Infantil <input type="checkbox"/> Fundamental <input type="checkbox"/> Médio
7	Endereço:
8	Telefone:
9	E-mail:
10	Contato com a escola por: <input type="checkbox"/> e-mail: <input type="checkbox"/> telefone
11	Nome do(a) diretor(a):
12	Nome do responsável pelo museu:
13	Data da visita à escola:
14	Data de criação da escola:
15	Breve histórico/origem da escola:
16	Nome/função de quem informou os dados:
17	Observações:

APÊNDICE B - Questionário sobre os museus, memoriais e acervos

ROTEIRO DE PERGUNTAS Sobre o museu, memorial e acervo escolar	
Bloco 1 Informações iniciais	
1 Nome do museu/memorial:	
2 Tipo: () museu de Ciências () memória institucional () outro – qual?	
3 Há um profissional responsável pelo museu da escola? () Sim () Não	
4 Se sim, qual o nome do responsável e formação?	
5 Quantas pessoas trabalham no Museu/Memorial?	
6 Qual sua formação e função no museu?	
7 Data de criação do museu/memorial:	
8 Breve histórico/origem/motivo da criação do museu ou memorial:	
9 O museu funciona em um espaço físico construído para essa função? () Sim () Não	
10 Se constituído em espaço já existente, foi adequado para a função? () Sim () Não	
11 Qual a função/objetivo do museu ou memorial?	

Bloco 2 Exposição, atividades e visitação	
Exposição e atividades	
12	O museu possui/realiza exposições? () Sim () Não
13	Tipo de exposição: () de longa duração () temporárias
13.1	Todo o acervo está exposto? () Sim () Não
14	O museu realiza outras atividades? () Sim () Não
15	Cite temas de exposições/atividades realizadas:
16	O museu realiza atividades/exposição para comemoração do aniversário da escola? () Sim () Não
17	De que forma o museu é utilizado na escola?
17.1	As ações do museu são realizadas de forma conjunta com a escola/professores? () Sim () Não
17.2	A escola/professores solicita (m) alguma atividade ou tema a ser trabalhado? () Sim () Não
17.3	Se sim, quais?
Visitação	
18	Dias/horários:
19	Recebe público externo:() Sim () Não
20	Se sim, qual o tipo de público?
21	Existe mediação ou orientação durante a visita? () Sim () Não
22	Os professores da escola realizam visitação ao espaço com seus alunos? () Sim () Não
23	Indique professores/disciplina que fazem a visitação com seus alunos:
Observações:	

Bloco 3
Acervo

24 Comente sobre a formação/origem do acervo.

25 Informações sobre o acervo

Tipo	Especificações		Temas	Período a que se relaciona	Quantidades
Fotografias ()		P&B ()			
		Avulsas ()	Cor ()		
	Álbuns ()	P&B ()			
		Cor ()			
Observações					

Tipo	Especificações	Temas	Período a que se relaciona	Quantidades
Imagens ()				
Obras de arte ()				
Mobiliário ()				
Indumentária ()				
Mapas e globos ()				
Caixas didáticas (lição de coisas) ()				
Máquinas e equipamentos ()				
Outros				

Tipo	Especificações	Temas	Período a que se relaciona	Quantidades
Animais taxidermizados ()				
Minerais ()				
Esqueletos ou ósseos ()				
Documentos escritos ()				
Outros				
26 Documentação do acervo				
26.1 Existe um Livro Tombo para registro do acervo? () Sim () Não				
26.2 Os itens estão inventariados? () Sim () Não				
26.3 Com as quantidades? () Sim () Não				
26.4 Com a localização do acervo? () Sim () Não				
27 Guarda do Acervo				
27.1 Há outro espaço para guarda de acervo? () Sim () Não				
Observações				